

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Anna Luíza Werkema Ferreira Freitas

**POR UMA VISIBILIDADE TRANSMASCULINA?**  
**Dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação no canal do *youtuber***  
**Lucca Najjar**

Belo Horizonte  
2023

Anna Luíza Werkema Ferreira Freitas

**POR UMA VISIBILIDADE TRANSMASCULINA?**

**Dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação no canal do  
*youtuber* Lucca Najar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Mediações e Cultura

Linha de Pesquisa: Memória social, patrimônio e produção do conhecimento.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício José Nascimento da Silveira

Belo Horizonte  
2023

F866p

Freitas, Anna Luiza Werkema Ferreira.

Por uma visibilidade transmasculina? [recurso eletrônico] : dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação no canal do youtuber Lucca Najar / Anna Luiza Werkema Ferreira Freitas. - 2024.

1 recurso online (138 f. : il., color.) : pdf.

Orientador: Fabrício José Nascimento da Silveira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

Referências: f. 124-133.

Apêndice: f. 134-138.

Exigência do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Ciência da informação - Teses. 2. Gênero - Estudo - Teses. 3. Internet - Produção e uso da informação - Teses. 4. Transexuais - Teses. 5. YouTube (Recurso eletrônico) - Teses. I. Silveira, Fabrício José Nascimento da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Ciência da Informação. III. Título.

CDU 572

Ficha catalográfica. Vanessa Marta de Jesus - CRB/6-2419

Biblioteca Profª Etelvina Lima, Escola de Ciência da Informação da UFMG



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

### ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Às 14:00 horas do dia 07 de julho de 2023, em formato híbrido - presencial: UFMG/ECI - Sala 1000 e Virtual - Plataforma Webconf - sala PPGCI, realizou-se a sessão pública para a defesa da dissertação de ANNA LUÍZA WERKEMA FERREIRA FREITAS, número de registro 2019660690. A presidência da sessão coube ao Prof. Fabrício José Nascimento da Silveira, orientador. Inicialmente, o presidente fez a apresentação da Comissão Examinadora assim constituída: Profa. Rafaela Vasconcelos Freitas (UFRGS/Conselho Federal de Psicologia), Profa. Maria Aparecida Moura (ECI/UFMG), Profa. Lorena Tavares de Paula (ECI/UFMG) e Prof. Fabrício José Nascimento da Silveira - orientador (ECI/UFMG). Em seguida, a candidata fez a apresentação do trabalho que constitui sua dissertação de mestrado, intitulada: "*Por uma visibilidade transmasculina?: dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação no canal do youtuber Lucca Najar*". Seguiu-se a arguição pelos examinadores e, logo após, a Comissão reuniu-se sem a presença da candidata e do público e decidiu considerar aprovada a dissertação de mestrado. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pelo presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a sessão e lavrou a presente ata que, depois de lida, se aprovada, será assinada pela Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 07 de julho de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Fabrício Jose Nascimento da Silveira, Professor do Magistério Superior**, em 13/07/2023, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lorena Tavares de Paula, Professora do Magistério Superior**, em 25/07/2023, às 12:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rafaela Vasconcelos Freitas, Usuário Externo**, em 25/07/2023, às 14:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Aparecida Moura, Membro de comissão**, em 26/07/2023, às 16:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2414526** e o código CRC **B59FAC67**.

---

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe Patrícia e às minhas duas irmãs, Ana Carolina e Anna Paula, que em nenhum momento me deram a opção de não chegar onde estou. Aos meus avós Vera e Mozart, que me ensinaram que o caminho do estudo é frutífero. À minha afilhada Leticia que acabou de chegar neste mundo e já me deu forças para continuar nessa jornada.

À minha esposa Karina, por passar madrugadas me escutando falar sobre gênero e YouTube, pontuando meu texto e me fazendo enxergar além. Obrigada por acreditar e ser quem é na minha vida.

Aos meus amados amigos Fernanda, Agnes e Diego, por serem meu refúgio.

Ao meu orientador, professor e amigo Fabrício José Nascimento da Silveira, por sua paciência, disponibilidade e dedicação. Obrigada por ter me dado direção nos momentos em que eu não encontrava saída, obrigada por acreditar que conseguiria chegar aqui. Ao me encantar com sua forma de ser, foi que desejei trilhar esse caminho ao seu lado, quando isso se tornou realidade, senti uma satisfação imensa. Grata por fechar este capítulo da minha vida com você.

Às professoras Alcenir Soares dos Reis e Maria Guiomar da Cunha Frota por todas as conversas em meio aos corredores da escola. “Tudo parece ser grande demais, não que as coisas não sejam grandes, mas nunca são tão grandes como nós enxergamos. Vai dar tudo certo!!”. Aprendi isso com vocês.

Às professoras Dras. Lorena Tavares de Paula, Maria Aparecida Moura e Rafaela Vasconcelos Freitas, da banca examinadora, por me oferecerem seu precioso tempo e sugestões de leitura inestimáveis.

Às amigadas que a universidade me proporcionou e ali floresceram, em especial: Fabrício Penna, Lídia Zattar, Pablo Gomes, Nádia Barbosa e Nathália Romeiro.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 - pela bolsa de pesquisa a mim concedida.

## RESUMO

A presença de homens trans no espaço das mídias digitais foi ampliada nos últimos anos. Muitos deles passaram a recorrer a plataformas digitais como o YouTube para compartilhar suas experiências, discutir questões relacionadas à identidade de gênero e para se conectarem com outras pessoas da comunidade trans, movimentos responsáveis por tornar visíveis demandas informacionais que, transpondo a esfera individual, são convertidas em pautas de um debate público. Atentando para isso, o presente estudo buscou responder à seguinte questão-problema: em que medida as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação agenciadas pelo canal do *youtuber* Lucca Najar contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans? Em face disso, definiu-se como objetivos específicos: 1. discutir o conceito de gênero, abordando-o a partir da teoria da *performatividade* de Judith Butler (2016b) e tencionando-o por meio da problematização de questões relacionadas às pessoas trans; 2. identificar as possibilidades de interação, as dinâmicas informacionais e os regimes de visibilidade instaurados no e pelo YouTube; 3. caracterizar como se dá o processo de produção, mediação e apropriação da informação no canal Lucca Najar; e, 4. analisar em que medida as dinâmicas acima identificadas contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans. Em termos de sua caracterização metodológica, trata-se de uma pesquisa de natureza exploratória e de matriz quali-quantitativa centrada no estudo de caso, posto que pretendeu investigar como ocorrem as dinâmicas informacionais de produção, mediação e apropriação da informação no canal Lucca Najar e se elas corroboram para a promoção da visibilidade das pessoas trans de modo geral e em particular dos homens trans. Para a coleta de dados realizou-se levantamento dos vídeos publicados pelo *youtuber* no período de 31 de agosto de 2016 a 28 de maio de 2020, os quais foram categorizados tematicamente, classificados a partir de índices métricos apresentados pelo próprio YouTube, descritos e analisados a fim de apreendermos se as dinâmicas informacionais mobilizadas por Lucca Najar potencializam a visibilidade trans. Como resultado, infere-se que as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação agenciadas pelo *youtuber* contribuem para visibilizar discussões de interesse da comunidade trans, favorecendo a mudança de percepção em relação à transição de gênero e potencializando o reconhecimento das identidade(s) trans pela sociedade, mesmo que no momento atual esse não seja mais o principal foco do Canal Lucca Najar.

Palavras-chave: Estudos de gênero. Transmasculinidades. YouTube. Canal Lucca Najar. Produção da Informação. Mediação da Informação. Apropriação da Informação. Visibilidade social.

## ABSTRACT

The presence of trans men in the digital media space has expanded in recent years. Many of them have started to turn to digital platforms such as YouTube to share their experiences, discuss issues related to gender identity and to connect with other people in the trans community, movements responsible for making visible informational demands that, transcending the individual sphere, are converted into agendas for a public debate. Aware of this, the present study sought to answer the following question-problem: to what extent do the dynamics of production, mediation and appropriation of information mediated by the youtuber Lucca Najar's channel contribute to foster discussions focused on trans visibility? In view of this, the following specific objectives were defined: 1. to discuss the concept of gender, approaching it from Judith Butler's theory of performativity (2016b) and intending it through the problematization of issues related to trans people; 2. identify the possibilities of interaction, the informational dynamics and the visibility regimes established in and by YouTube; 3. to characterize how the process of production, mediation and appropriation of information takes place in the Lucca Najar channel; and, 4. Analyze to what extent the dynamics identified above contribute to fostering discussions focused on trans visibility. In terms of its methodological characterization, it is an exploratory research with a qualitative-quantitative matrix centered on the case study, since it intended to investigate how the informational dynamics of production, mediation and appropriation of information occur in the Lucca Najar channel and whether they corroborate the promotion of the visibility of trans people in general and trans men in particular. For data collection, a survey of the videos published by the youtuber in the period from August 31, 2016 to May 28, 2020 was carried out, which were categorized thematically, classified based on metric indices presented by YouTube itself, described and analyzed in order to apprehend whether the informational dynamics mobilized by Lucca Najar enhance trans visibility. As a result, it is inferred that the dynamics of production, mediation and appropriation of information mediated by the youtuber contribute to make visible discussions of interest to the trans community, favoring the change of perception in relation to gender transition and enhancing the recognition of trans identity(ies) by society, even if at the current moment this is no longer the main focus of the Lucca Najar Channel.

Keywords: Gender studies. Transmasculinities. YouTube. Lucca Najar Channel. Information Production. Information Mediation. Appropriation of Information. Social visibility.

## RESUMEN

La presencia de hombres trans en el espacio de los medios digitales se ha expandido en los últimos años. Muchas de ellas han comenzado a recurrir a plataformas digitales como YouTube para compartir sus experiencias, discutir temas relacionados con la identidad de género y conectarse con otras personas de la comunidad trans, movimientos encargados de visibilizar demandas informativas que, trascendiendo el ámbito individual, se convierten en agendas para un debate público. Conscientes de ello, el presente estudio buscó responder a la siguiente pregunta-problema: ¿en qué medida las dinámicas de producción, mediación y apropiación de la información mediadas por el canal del youtuber Lucca Najar contribuyen a fomentar discusiones centradas en la visibilidad trans? Ante ello, se definieron los siguientes objetivos específicos: 1. discutir el concepto de género, abordándolo desde la teoría de la performatividad de Judith Butler (2016b) y pretendiéndolo a través de la problematización de las cuestiones relacionadas con las personas trans; 2. identificar las posibilidades de interacción, las dinámicas informativas y los regímenes de visibilidad establecidos en y por YouTube; 3. caracterizar cómo se desarrolla el proceso de producción, mediación y apropiación de la información en el canal de Lucca Najar; y, 4. Analizar en qué medida las dinámicas identificadas anteriormente contribuyen a fomentar discusiones centradas en la visibilidad trans. En cuanto a su caracterización metodológica, se trata de una investigación exploratoria con una matriz cualitativa-cuantitativa centrada en el estudio de caso, ya que se pretendió indagar cómo se dan las dinámicas informacionales de producción, mediación y apropiación de información en el canal de Lucca Najar y si corroboran la promoción de la visibilidad de las personas trans en general y de los hombres trans en particular. Para la recolección de datos, se realizó una encuesta a los videos publicados por el youtuber en el periodo comprendido entre el 31 de agosto de 2016 y el 28 de mayo de 2020, los cuales fueron categorizados temáticamente, clasificados en base a índices métricos presentados por el propio YouTube, descritos y analizados con el fin de aprehender si las dinámicas informativas movilizadas por Lucca Najar potencian la visibilidad trans. Como resultado, se infiere que las dinámicas de producción, mediación y apropiación de la información mediadas por el youtuber contribuyen a visibilizar discusiones de interés para la comunidad trans, favoreciendo el cambio de percepción en relación a la transición de género y potenciando el reconocimiento de la(s) identidad(es) trans por parte de la sociedad, aunque en el momento actual este ya no sea el foco principal del Canal Lucca Najar.

Palabras clave: Estudios de género. Transmasculinidades. YouTube. Canal Lucca Najar. Producción de información. Mediación de la información. Apropiación de la información. Visibilidad social

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Print da página canal Lucca Najar .....	21
Figura 2 - Print vídeo da <i>playlist</i> #LUCCARESPONDE .....	23
Figura 3 - Print vídeo da <i>playlist</i> #LUCCACAST .....	24
Figura 4 - Print da seção <i>playlists</i> Canal Lucca Najar .....	26
Figura 5 – Print da página Lucca Najar no Twitter .....	27
Figura 6 – Print da página Lucca Najar no Instagram .....	27
Figura 7 - Nuvem de palavras usadas pelo produtor nos títulos dos vídeos.....	34
Figura 8 - Print da página sobre do YouTube .....	80
Figura 9 – Termos e expressões utilizados nas descrições e resumo dos vídeos.....	101
Figura 10 - Print da página canal Lucca Najar em 2023.....	115

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de visualizações por classificação .....	33
Gráfico 2 - 5 vídeos mais visualizados.....	104
Gráfico 3 - 5 vídeos menos visualizados.....	105
Gráfico 4 - Categorias de Análise .....	105
Gráfico 5 - 5 vídeos mais comentados.....	108

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Vídeos com o maior número de visualizações, “gostei” e comentários. ....	35
Tabela 2 - Vídeos com o menor número de visualizações, com mais “não gostei” e com menos comentários .....	35

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias de análise para classificação dos vídeos .....	32
Quadro 2 - Aspectos sociais que impactam o acesso à saúde para homens trans .....	61
Quadro 3 - Marcos na trajetória do YouTube .....	77
Quadro 4 - Amostra final.....	95
Quadro 5 - Mudança de título dos vídeos publicados.....	113

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	15
1.1	JUSTIFICATIVA .....	18
1.2	O CANAL LUCCA NAJAR: SITUANDO O OBJETO DE PESQUISA .....	21
1.3	PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS.....	28
1.3.1	Objetivo geral .....	28
1.3.2	Objetivos específicos.....	28
1.4	PERCURSO METODOLÓGICO .....	29
1.4.1	Procedimentos de seleção, identificação, coleta e análise de dados .....	30
1.5	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	37
2	CAPÍTULO 1 - GÊNERO(S): REFLEXÕES PARA ALÉM DA BINARIDADE .....	39
2.1	GÊNERO(S) COMPULSÓRIOS E TRANSCENDENTES .....	40
2.2	HOMENS TRANS: CORPOS (IN)VISÍVEIS? .....	51
3	CAPÍTULO 2 - DINÂMICAS INFORMACIONAIS: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS REGIMES DE VISIBILIDADE NO YOUTUBE .....	67
3.1.	INFORMAÇÃO: FLUXOS E DINÂMICAS EM AMBIENTES DIGITAIS .....	68
3.2	O YOUTUBE .....	76
3.2.1	O YouTube como plataforma de visibilidade midiática e social .....	85
4	CAPÍTULO 3 - EM BUSCA DO <i>LIKE</i> : CURTE, COMPARTILHA E COMENTA .....	93
4.1	POR UMA VISIBILIDADE TRANS: AGENCIAMENTOS INFORMACIONAIS NO CANAL LUCCA NAJAR.....	94
4. 2	AS DINÂMICAS DE PRODUÇÃO, MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO CANAL LUCCA NAJAR.....	106
4. 3	RESSIGNIFICAÇÃO DO CANAL TRANS LUCCA NAJAR .....	112
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
	REFERÊNCIAS.....	124

APÊNDICE A – DADOS ESTATÍSTICOS DOS 64 VÍDEOS SELECIONADOS.....	134
--	-----

## 1 INTRODUÇÃO

*Mas meu esforço de resumir a mim mesma fracassa, e fracassa necessariamente, quando o “eu” apresentado na primeira frase como voz narrativa não pode fazer um relato de como se tornou “eu” que pode narrar a si mesmo ou narrar essa história em particular. E à medida que crio uma sequência e ligo um evento a outro, oferecendo motivações para iluminar as pontes entre eles, criando padrões claros, identificando determinados eventos ou momentos de reconhecimento como centrais, até mesmo assinalando certos padrões recorrentes como fundamentais, não comunico meramente algo sobre meu passado, embora não haja dúvidas de que parte do que faço consiste nisso<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup> BUTLER, 2021, p. 88

Pesquisar em páginas da internet para esclarecer dúvidas gerais ou pontuais é um hábito que sempre fez parte da minha rotina. Prática intensificada em 2008, momento no qual me reconheci como uma mulher lésbica. Por não conviver com nenhuma outra pessoa que se relacionava com alguém do mesmo sexo e por não encontrar nos meios tradicionais de comunicação<sup>2</sup> informações capazes de esclarecer meus questionamentos, passei a frequentar comunidades virtuais no Orkut e a ler quase que diariamente relatos pessoais em dois ou três blogs específicos.

Posteriormente, ao ser aprovada na universidade (em 2013), percebi que aquele seria um lugar onde eu poderia expressar mais abertamente meus desejos e viver com “maior” liberdade minha orientação sexual, mesmo mobilizando conhecimentos ainda restritos sobre identidade(s) de gênero e performances sexuais, sobre porque a binaridade sexual é um marcador de opressão ou mesmo sobre o feminismo e suas pautas de reivindicação. Foi então que comecei a usar o YouTube para ampliar esses horizontes de abordagens acerca das questões de gênero e sexualidade.

Ao fazer isso, os algoritmos que estruturam essas plataformas, além de elencarem vídeos correlacionados ao universo da lesbianidade, me fizeram travar contato com canais de homens trans, talvez porque muitos deles transitem, como uma primeira modalidade de identificação, no universo das mulheres lésbicas dado sua maior aceitação social. Foi assim que conheci o canal do *youtuber* trans Lucca Najar, por coincidência uma pessoa que já havia conhecido enquanto mulher lésbica. Por curiosidade passei a acompanhá-lo e logo percebi que muitos homens trans também se inscreviam no canal esperando encontrar informações semelhantes àquelas que eu buscava anos atrás.

Diante disso, três desejos foram conjugados para dar origem à presente pesquisa, quais sejam: i) discutir o conceito de gênero, ii) ampliar minha compreensão acerca da temática das transmasculinidades e iii) observar como se dão as dinâmicas de produção, mediação e apropriação de informações no YouTube, plataforma que desde sua criação, em junho de 2005, sofreu grandes mudanças em sua interface, especialmente naquilo que se refere aos processos de interação entre os usuários. A

---

<sup>2</sup> Televisão, jornais e revistas de grande circulação.

partir dessas transformações, a plataforma deixou de ser um simples repositório de vídeos para se converter em uma rede social como o Facebook, Instagram e Twitter. (BURGESS; GREEN, 2009).

Além das mudanças em sua interface, as modificações nos parâmetros de usabilidade da plataforma possibilitaram aos “usuários comuns” criarem e gerirem seu próprio canal de vídeos, facultando-lhes meios para produzir e compartilhar informações sobre seu cotidiano ou mesmo refletir acerca de questões sociais complexas, tais como: saúde, política, religião, racismo, sexualidade, só para citarmos algumas. Dito isso e partindo dos interesses pessoais acima explicitados, observamos recentemente a proliferação de canais centrados em apresentar e discutir um conjunto de temáticas vinculadas ao universo das pessoas “trans”. Em termos de definição, de acordo com Maranhão Filho (2012 p. 91), a expressão *trans*

[...] é um termo guarda-chuva” utilizado por algumas das pessoas que se declaram em situações de trânsito identitário de gênero. As pessoas *trans\**, em sua maioria, podem ser consideradas sujeitos que vivenciam experiências entre gêneros. Por terem um gênero atribuído na gestação e/ou nascimento que não as contemplam (feminino/masculino) e pelo fato de se identificarem com o gênero distinto deste, vivenciam experiências entre gêneros.

Produzidos quase sempre como relatos de experiências de vida, alguns no formato de “diário da transição”, esses canais e os vídeos que neles são publicados, muitos contando com milhares de inscritos e visualizações, problematizam ou compartilham conteúdos frequentemente vinculados ao processo de readequação sexual, uso de hormônios, preconceito social, inserção no mercado de trabalho, relações familiares e amorosas, moda e comportamento, entre tantas outras temáticas.

Assim observado, mais que um espaço de entretenimento, esses canais no YouTube podem ser tratados como verdadeiros dispositivos ou meios de produção e disseminação de informações gerais voltadas para um público normalmente colocado à margem dos sistemas tradicionais de produção e disseminação da informação. Em face disso, certos *youtubers*<sup>3</sup> arregimentam em torno de si e de suas redes sociais

---

<sup>3</sup> São chamadas de Youtubers pessoas que possuem canais no site YouTube, que postam produtos audiovisuais e que, a partir disso, podem ter retorno financeiro e transformar essa atividade em carreira profissional. Ou seja, esse termo foi designado a partir da prática, de um fenômeno que surgiu de forma

uma legião de seguidores que, ao curtirem, comentarem e compartilharem suas postagens instituem uma rede de interações e conversações entre múltiplos sujeitos, muitos deles com vínculos estáveis, cujo resultado acena para um processo de politização das “redes sociais” pautado, sobretudo, pelas dinâmicas de produção, mediação, disseminação e busca de informações “confiáveis” sobre o universo trans e, também, acerca de direitos, ações e formas de engajamento que possam garantir sua visibilidade e integração social.

Levando isso em consideração e adotando por premissa que esses canais produzem, promovem a mediação e disseminam informações não abordadas de forma explícita pelos meios de comunicação tradicionais – televisão, jornais e revistas de grande circulação – julgamos ser necessário compreender melhor como o YouTube fomenta, a partir de canais como o aqui estudado, várias dinâmicas informacionais relacionados à questão trans, notadamente a partir da infraestrutura da rede e dos sujeitos que as mobilizam: *youtubers*, assinantes dos canais, demais internautas, as estratégias de mediação algorítmica da plataforma, etc.

Indo além e tendo por referência os conceitos de protagonismo e de informação social, bem como autores da Ciência da Informação que se dedicaram a pensar as configurações dos processos de produção de conhecimento na web, essa pesquisa tem por objetivo discutir em que medida as dinâmicas de produção, mediação, disseminação e apropriação da informação agenciadas nesses e a partir desses canais contribuem para a promoção da visibilidade trans.

## 1.1 Justificativa

A questão trans ainda é, especialmente no Brasil, cercada por preconceitos e carente de instâncias deliberativas e de publicização que reflitam sobre as experiências, acontecimentos e processos vivenciados por esse segmento populacional<sup>4</sup>. Inscritos nesse quadro conjuntural, os meios de comunicação

---

espontânea e se transformou em uma nova possibilidade no mercado audiovisual e online. (LEITE, 2016, p. 2)

<sup>4</sup> Nesse sentido, é importante que se diga que, apesar de a transfobia ser crime no Brasil desde 2019 (por meio da aplicação da Lei 7.716/1989, que equipara a homofobia e a transfobia ao crime de racismo), nosso país é o que mais mata pessoas trans e travestis em todo o mundo, dado aferido pelo relatório

tradicionais quando abordam a temática tendem a tratá-la de forma estigmatizada e distante da realidade das pessoas trans.

Visando superar a realidade acima descrita, alguns homens trans<sup>5</sup> e mulheres trans<sup>6</sup> começaram a se valer dos recursos do YouTube e das redes sociais para produzir, mediar e disseminar informações que explicitem os interesses e necessidades específicas desse grupo de sujeitos e, também, de suas histórias de vida. Embora estejam ganhando popularidade nesse outro contexto midiático, em pesquisa preliminar foi possível constatar que, comparativamente, os canais de *youtubers* geridos por homens trans têm tratado de forma mais direta e abrangente temas e problemáticas sensíveis ao universo transgênero. Tendo isso em vista, optou-se, em termos de delimitação do objeto, por investigar canais criados e mobilizados por homens trans.

Vinculado a isso, pesou em nossa escolha o fato das transmasculinidades<sup>7</sup> serem, muitas vezes, invisibilizadas no circuito tradicional de comunicação. Condição que corrobora para que a internet, as mídias digitais e as redes sociais passem a ser percebidas como espaços nos quais esses sujeitos buscam referências para sedimentarem certos pontos de ancoragem acerca do reconhecimento de si. Processos de criação de vínculos e de construção de referencialidades que, em ampla medida, são estruturados por meio das dinâmicas de produção, mediação e apropriação de informações relativas a processos como: hormonização, autoatribuição de um nome social, cirurgias e processos transgenitalizadores, inserção no mercado de trabalho, discriminação, direitos e assistência aos sujeitos transgêneros, entre outros.

---

2021 (<https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>) da Transgender Europe (TGEU), que monitora estatísticas globalmente levantadas por instituições trans e LGBTQIA+. De acordo com a TGEU, 70% de todos os assassinatos de pessoas trans e travestis registrados em 2021 aconteceram na América do Sul e Central, sendo 33% no Brasil, seguido pelo México, com 65 mortes, e pelos Estados Unidos, com 53. Isso coloca o país no topo do ranking mundial pelo 13º ano consecutivo.

<sup>5</sup> Homem transexual – pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Algumas também se autodenominam transhomens ou *Female-to-Male* (FtM). (JESUS, 2012, p.27).

<sup>6</sup> Mulher transexual – pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se autodenominam transmulheres ou *Male-to-Female* (MtF). (JESUS, 2012, p.27).

<sup>7</sup> Transmasculinidades é um espectro que pode englobar tanto os homens trans quanto pessoas não-binárias caracterizadas como mulheres ao nascer e que se identificam de alguma forma com o gênero masculino. Ou seja, não necessariamente a pessoa precisa representar a masculinidade em sua totalidade, nem mesmo se identificar como homem (ÁVILA, 2014) e (ALMEIDA, 2012).

Condição estabelecida porque, ao falarem geralmente em primeira pessoa, os *youtubers trans* convertem a própria experiência em ponto de partida para abordarem múltiplas temáticas que, além de encontrarem ressonância em seguidores que vivenciam condições semelhantes, promovem um debate público mais alargado em termos de possibilidades de reconhecimento, de respeito e de promoção da visibilidade das pessoas trans, principalmente dos homens trans.

Por conseguinte, ocupando o lugar de “produtores e mediadores de informação”, posto que estimulam a troca de experiências e saberes de pessoas trans para pessoas trans, os *youtubers* que se autoidentificam como homens trans e seus canais acabam por suscitar a conformação de um ambiente favorável ao debate e à visibilização pública de questões pouco abordadas em outros meios de comunicação. Isso se estabelece porque as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação fomentadas em cada canal dinamizam, em ampla medida, formas concretas de interação entre os participantes da rede, da mesma forma que modulam debates específicos e agenciam a geração de informações mais estreitamente vinculadas ao contexto transgênero. Assim, é possível presumirmos que “a produção desse conteúdo permite a criação e/ou leitura de um espaço social produzido através das relações sociais presentes nas experiências dos emissores”. (FERREIRA, 2017, p. 04). Condição que pode ser apreendida pelos comentários e grupos de conversação criados em torno de um vídeo ou post específico, ou, ainda, pelas reverberações de determinado conteúdo impulsionado por meio do seu compartilhamento em outras redes sociais.

Foi, pois, com o objetivo de investigar a validade dessas proposições que a pesquisa aqui apresentada elegeu como objeto de estudo o Canal Lucca Najar, vlog criado e mantido pelo *youtuber* trans Lucca Najar, mineiro de 30 anos bastante popular na internet.

Entretanto, antes de apresentarmos o canal, julgamos ser importante apontar que em vários depoimentos e entrevistas<sup>8</sup> Lucca Najar relata que, em sua infância,

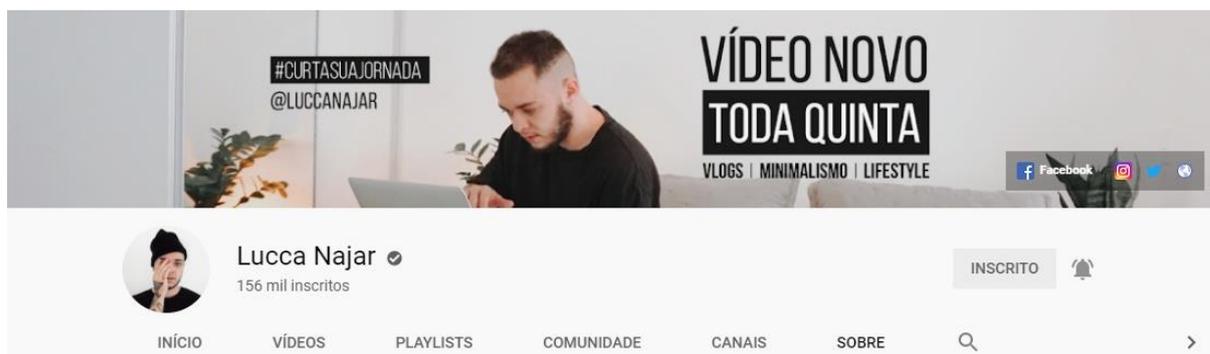
---

<sup>8</sup> Consideramos relevante mencionar que, ao longo da pesquisa, fizemos diversas tentativas de contato com Lucca Najar, cujo objetivo, além de apresentar o estudo em questão, era realizar uma entrevista em profundidade para esclarecer questões vinculadas à sua trajetória pessoal e outras correlacionadas às dinâmicas informacionais que já foram mencionadas aqui, contudo, em nenhum momento obtivemos resposta.

não compreendia a vontade que tinha de se parecer com o pai, mencionando, ainda, que na adolescência criava perfis masculinos falsos nas redes sociais para interagir com outras pessoas na condição de sujeito “performando sua masculinidade”. Diz também que o ponto de partida para sua autoidentificação e posterior transição de gênero se deu em decorrência da dificuldade de encontrar roupas que não performem nenhuma distinção entre os gêneros masculino/feminino. Por não encontrar muitas referências que o ajudasse a entender o processo de transição, idealizou o canal para falar sobre si e para pautar os desafios e conquistas de se transicionar.

## 1.2 O canal Lucca Najar: situando o objeto de pesquisa

**Figura 1** - Print da página canal Lucca Najar



**Fonte:** Canal Lucca Najar- YouTube (2020)

O canal Lucca Najar no YouTube foi criado em 10 de abril de 2016 e até o início da coleta dos dados para a realização desta pesquisa, em 01 de junho de 2020, contava com 156 mil inscritos e mais de 7.809.718 visualizações<sup>9</sup>. Naquele momento o produtor assim se apresentava:

**Este é o nosso canal! Aqui não seguimos um roteiro, eu falo sobre mim, sobre eu ser um homem trans e tento ao máximo lutar contra todo esse tabu que cerca as pessoas trans. Não tem muito uma fórmula para explicar a transexualidade, mas sei que com amor, a gente dá um jeito de se respeitar. E aqui, o que não falta é amor e**

<sup>9</sup> O número de visualização total do canal é a soma das visualizações de cada vídeo publicado assistido por mais de 30 segundos. Ao deletar um vídeo o produtor subtrai o número de visualizações da soma total exibida na seção “Sobre” do canal. (YOUTUBE, 2023)

afago. **Vamos tentar ao máximo ir juntos, porque só assim a gente conquista o mundo!** (LUCCA NAJAR, 2016 – Destaques nosso).

Inicialmente os vídeos eram publicados com periodicidade semanal, geralmente às quintas-feiras. Não obstante, com o passar do tempo essa rotina foi descontinuada. Em contrapartida o produtor também passou a apresentar alguns *shorts*<sup>10</sup> e a interagir com os internautas inscritos na comunidade<sup>11</sup> do canal.

Conforme disposto acima, esse espaço virtual era descrito pelo próprio produtor como um canal sem roteiro definido, mas que se dedicava a abarcar mais amplamente as questões vinculadas à transexualidade, tanto a partir de suas experiências pessoais, quanto discutindo temas mobilizados pelos comentários de seus seguidores.

Pautado por essa proporção, os primeiros vídeos produzidos e divulgados no canal abordavam vivências particulares do *youtuber* (eram quase sempre narrados em primeira pessoa e estruturados a partir de acontecimentos reais vividos pelo próprio produtor), especificamente aquelas relacionadas à experiência da transição: os efeitos e os resultados do uso da testosterona, os problemas enfrentados em relação à família, a mudança para o nome social, as dificuldades de relacionamento, entre outros.

Após agregar mais inscritos, a frequência de publicação dos vídeos foi amplificada e a abordagem acerca da transexualidade e da realidade cotidiana das pessoas trans reorientada. Isso se deve ao fato de Lucca Najjar ter passado a privilegiar a interação com seus seguidores, o que pode ser facilmente visualizado por meio do lançamento de vídeos intitulados como #LUCCARESPONDE, #HELPDOLUCCA e #LuccaCast, estratégia mediante a qual o *youtuber* passou a fazer, por exemplo, entrevistas com outras pessoas para tratar de forma mais abrangente certas temáticas centrais à comunidade trans ou para responder de forma mais qualificada dúvidas enviadas por seus seguidores tanto por meio de comentários

---

<sup>10</sup> Seção disponível nos canais do YouTube que permite aos produtores publicarem vídeos curtos (duração máxima de 60 segundos) em formato vertical ou proporção quadrada.

<sup>11</sup> Seção que faz analogia com uma rede social, onde os produtores podem publicar nos formatos de imagem, textos, links, enquetes, mensagens, entre outros, para divulgar seus vídeos e *shorts* publicados. As informações são exibidas nas configurações de *feed* e em ordem cronológica.

feitos em vídeos anteriores, quanto por e-mail e/ou mensagens no Facebook, Instagram e/ou Twitter.

Esses vídeos foram publicados no formato de “série”, sem uma periodicidade definida, sendo possível identificar a sequência pelo número indicado no título. Com isso, o produtor utilizou as “*Playlists*”<sup>12</sup> para indexar seus vídeos de acordo com o conteúdo. A playlist #LUCCARESPONDE abarca 10 vídeos produzidos a partir dos conteúdos selecionados nos comentários de vídeos anteriores e contempla questões diretamente ligadas ao universo de pessoas trans, cobrindo o período de novembro de 2016 a dezembro de 2019.

**Figura 2** - Print vídeo da *playlist* #LUCCARESPONDE



**Fonte:** Canal Lucca Najar- YouTube (2021)

Na *playlist* organizada a partir da tag #LuccaCast constavam 14<sup>13</sup> vídeos no formato de entrevistas a partir dos quais Lucca Najar convidava especialistas e/ou pessoas que vivenciaram alguma situação específica para debaterem e reforçarem a

<sup>12</sup> Seção disponível nos canais do YouTube e que possibilita ao produtor categorizar seus vídeos em temáticas para que os internautas possam assistir aos vídeos em sequência de acordo com seu interesse.

<sup>13</sup> Em meados de dezembro de 2021 Lucca Najar começou a deletar e a renomear os vídeos anteriormente publicados. Conseqüentemente, os números totais apresentados na pesquisa podem não mais corresponder à realidade atual.

importância de seu tratamento para as pessoas trans e a comunidade LGBTQIAPN+<sup>14</sup>, sendo publicados de abril de 2019 a maio de 2020.

**Figura 3** - Print vídeo da *playlist* #LUCCACAST



**Fonte:** Canal Lucca Najjar- YouTube (2021)

Lucca Najjar é formado em cinema e essa expertise fica evidente na produção de seus vídeos, notadamente em termos da edição das imagens e das técnicas de gravação. O ambiente de produção dos vídeos é quase sempre caracterizado por uma atmosfera intimista – muitas vezes é o próprio quarto ou a sala da casa do *youtuber* –, sendo o cenário previamente “montado”. Além disso, e atendendo a pedidos dos internautas, Lucca Najjar muitas vezes exhibe seus materiais de gravação e dá dicas

<sup>14</sup> Sigla reconhecida pelo movimento político-social que luta pela representação da diversidade de orientação sexual e dos direitos de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias, entre outras.

de como criar conteúdos. Em um dos vídeos ele inseriu um comentário dizendo, por exemplo, que:

EI, VOCÊ QUE TÁ CRIANDO ou QUERENDO CRIAR CONTEÚDO... não deixe a falta de equipamentos te paralisar! Eu sempre digo que equipamentos são um investimento e eles devem ser progressivos, não precisa ter tudo de uma vez, o maior erro é deixar de fazer porque sente que algo está faltando (falo isso por experiência própria), os improvisos são parte importante do processo criativo. Quando eu estava no início do canal e na universidade, não tinha uma câmera, com o tempo fui adquirindo coisa por coisa, o importante é não deixar de fazer e parar! (LUCCA NAJAR, 2020).

Por ter facilidade em lidar com os equipamentos e também com a criação dos roteiros de cada vídeo, a evolução do canal foi considerável durante a pandemia de Covid-19<sup>15</sup>, não apenas em relação ao quantitativo dos vídeos produzido, mas, também, em termos da variedade das temáticas agenciadas. A partir desse momento o produtor começou a publicar vídeos sobre sua rotina pessoal, que diziam respeito à decoração de sua casa, ao estilo de vida minimalista e ao seu modo de se vestir (dicas de moda). Ao ampliar o leque de assuntos, Lucca Najjar aferiu mais inscritos para seu Canal, optando por reestruturá-lo significativamente.

Por conseguinte, no decorrer da pesquisa foi percebido uma “experimentação” desses ‘novos’ conteúdos e um distanciamento cada vez maior das temáticas LGBTQIAPN+, antes o foco principal do canal. Ao fazer isso, já nos primeiros meses de 2021, seus vídeos alcançaram a cifra de 10 milhões de visualizações.

Na atualidade, o canal tem 165 mil inscritos e 1.241.402 visualizações. Conforme indicado na nota 09, esse expressivo decréscimo no número de visualizações totais é consequência direta de alguns vídeos não estarem mais disponíveis no canal ou terem sido ocultados por seu produtor. Para o novo formato, Lucca Najjar modificou a estrutura de todas as seções do canal. Das *playlists* apresentadas acima – apenas #LUCCACAST foi mantida e conta agora, tão somente, com 1 vídeo disponível. Em face disso, novas playlists foram criadas a fim de relacionar os ‘novos’ conteúdos publicados no canal conforme mostra a Figura 4:

---

<sup>15</sup> Conforme especificações do Ministério da Saúde do Brasil, a COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca.

**Figura 4 - Print da seção *playlists* Canal Lucca Najar**

**Lucca Najar** ✓  
 @LuccaNajar 165 mil inscritos 77 vídeos  
 Sou criador de conteúdo e cineasta. Nesse canal eu faço vlogs do meu dia... >

INÍCIO VÍDEOS SHORTS **PLAYLISTS** COMUNIDADE CANAIS SOBRE 🔍

Playlists criadas ☰ Ordenar por

**SHORTS** 20  
Ver playlist completa

**REFLEXÕES SOBRE A VIDA ADULTA** 6  
Ver playlist completa

**MINHAS TATUAGENS** 3  
Ver playlist completa

**TOUR PELO MEU AP, REFORMAS E MUDANÇAS** 10  
Ver playlist completa

**MODA E LOOKS** 9  
Atualizado há 6 dias  
Ver playlist completa

**CABELO, BARBA E AUTOCUIDADO** 4  
Ver playlist completa

**MINIMALISMO** 4  
Ver playlist completa

**VLOG** 12  
Atualizado há 5 dias  
Ver playlist completa

**LuccaCast** 15  
Ver playlist completa

**TUDO SOBRE MINHA CIRURGIA** 8  
Ver playlist completa

**Fonte:** Canal Lucca Najar- YouTube (2023)

Ações que suscitaram uma reescrita da apresentação do canal, onde o produtor referenda a mudança de seu enfoque, tanto em termos das temáticas que gostaria de tratar, quanto da audiência que agora busca alcançar:

Sou criador de conteúdo e cineasta. **Nesse canal eu faço vlogs do meu dia a dia, falo sobre moda e reflexões.** Me dedico a produzir um conteúdo criativo, seja para contar uma história, para inspirar ou ensinar. A parte fundamental é conseguir me conectar com as pessoas e o que mais gosto é me divertir fazendo o meu trabalho. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo, **eu amo fazer novos amigos e publis criativas** ❤️. (CANAL LUCCA NAJAR, 2023 – destaques nosso).

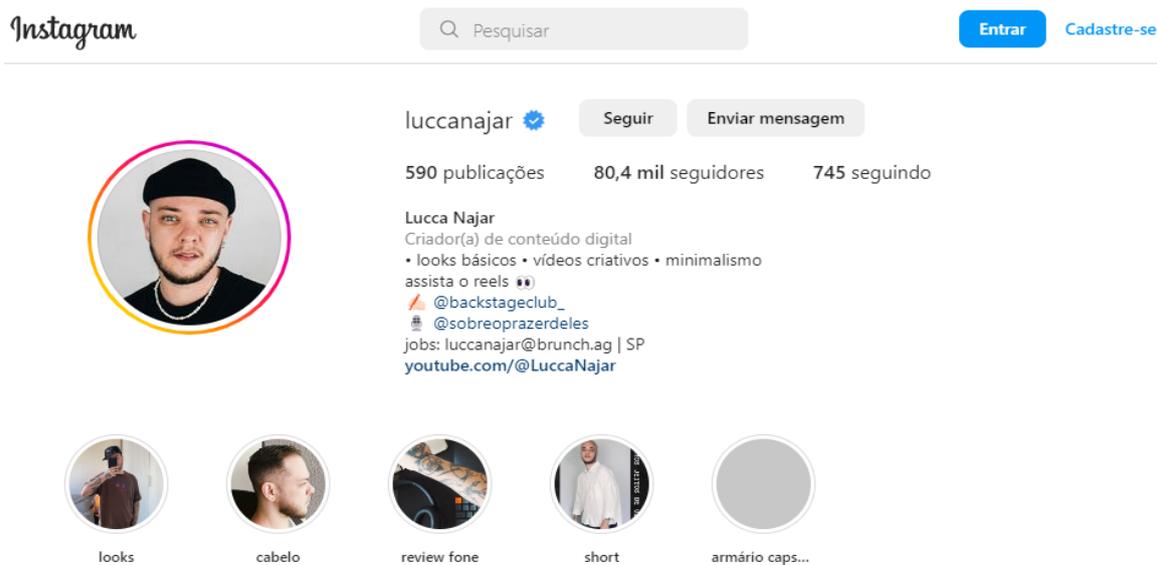
Esse redirecionamento se estende também para as outras plataformas de mídia que o produtor utiliza, como o Instagram e o Twitter.

**Figura 5 – Print da página Lucca Najar no Twitter**



Fonte: Página Lucca Najar- Twitter (2023)<sup>16</sup>

**Figura 6 – Print da página Lucca Najar no Instagram**



Fonte: Página Lucca Najar- Instagram (2023)<sup>17</sup>

<sup>16</sup> <https://twitter.com/LuccaNajar>

<sup>17</sup> <https://www.instagram.com/luccanajar>

Foi atentando, pois, para o potencial mobilizador e as modalidades de interação suscitadas pelo Canal Lucca Najjar, bem como para a escassez de estudos que buscam analisar as contribuições desses canais para a promoção da visibilidade trans e das dinâmicas informacionais por eles conformadas – produção, mediação e apropriação – que concebemos a presente dissertação. Pesquisa que encontrou na Ciência da Informação um campo propício para seu desenvolvimento por viabilizar, teórica e metodologicamente, a construção de um quadro referencial concernente aos estudos de usuários e à análise das dinâmicas de produção do conhecimento em redes sociais digitais como o YouTube.

### **1.3 Problema de pesquisa e objetivos**

Seguindo os direcionamentos acima delineados, definiu-se como marco norteador da pesquisa a seguinte questão problema: em que medida as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação agenciadas pelo canal do *youtuber* Lucca Najjar contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans?

#### **1.3.1 Objetivo geral**

Analisar em que medida as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação agenciadas pelo canal do *youtuber* Lucca Najjar contribuem para ampliação da visibilidade das temáticas e demandas referentes ao público trans.

#### **1.3.2 Objetivos específicos**

1. Discutir o conceito de gênero, abordando-o a partir da teoria da *performatividade* de Judith Butler (2016b) e tencionando-o por meio da problematização de questões relacionadas às pessoas trans;
2. Identificar as possibilidades de interação, as dinâmicas informacionais e os regimes de visibilidade instaurados no e pelo YouTube;
3. Caracterizar como se dá o processo de produção, mediação e apropriação da informação no canal Lucca Najjar;

4. Analisar em que medida as dinâmicas acima identificadas contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans.

#### 1.4 Percurso metodológico

Tendo por base os objetivos anteriormente apresentados, esta pesquisa pode ser caracterizada como de natureza exploratória e de abordagem quali-quantitativa. Ou seja, como uma investigação que tem a intenção de:

[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2010, p.41).

A partir dessa modalidade de compreensão, definiu-se por realizar, como marco operativo, um estudo de caso. Escolha que se deu em decorrência do estudo de caso constituir-se em uma estratégia adequada para investigações que buscam levantar, analisar e compreender um fenômeno ou um evento social. Com isso e indicando que o estudo aqui proposto objetiva compreender em que medida as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação agenciadas pelo canal do *youtuber* Lucca Najar contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans, concordamos com Gil (2010, p. 45), para quem o estudo de caso pode ser usado para:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) preservar o caráter unitário do objeto estudado;
- c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação;
- d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e
- e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

De forma correlata, Yin (2001, p. 21) reconhece que o estudo de caso “contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais,

organizacionais, sociais e políticos”. Ainda segundo nosso interlocutor os estudos de casos surgem da necessidade de examinar acontecimentos contemporâneos e de se compreender fenômenos sociais complexos, especificando que nesse tipo de pesquisa busca-se responder questões do tipo "como" ou "por que" a respeito de algum acontecimento no qual o pesquisador possui pouco ou nenhum controle e o método proposto abrange desde a lógica de planejamento, coleta de dados e análise de dados.

Com base nesses apontamentos e em função dos objetivos geral e específicos traçados, na subseção abaixo descrevemos tanto os critérios de escolhas estabelecidos quanto os procedimentos adotados para condução do estudo de caso.

#### **1.4.1 Procedimentos de seleção, identificação, coleta e análise de dados**

Para atingir os objetivos geral e específicos propostos, as diretrizes metodológicas para seleção, identificação, coleta e análise dos dados aqui traçadas foram organizadas em seis etapas complementares, sendo elas: (I) seleção primária dos vídeos; (II) identificação do conteúdo dos vídeos; (III) classificação das temáticas abordadas nos vídeos; (IV) definição da amostra final a ser analisada a partir de métricas – medidas quantificáveis – apresentadas pela própria plataforma; (V) descrição pormenorizada dos vídeos que constituíram a amostra final de análise; e, por fim, (VI) elaboração de inferências e generalizações a partir das análises realizadas e do referencial teórico construído sobre as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação em contextos digitais.

Seguindo esses direcionamentos, a primeira etapa, denominada planejamento, consistiu em estabelecer uma análise prévia do canal a fim de se definir os critérios para seleção e constituição da amostra a ser investigada. Nesse momento definiu-se o período de corte para coleta das publicações, bem como os critérios de seleção e exclusão do material constitutivo da amostra. Nesses termos, a delimitação do período de publicação dos vídeos para seleção foi definida levando-se em consideração o intervalo correlato à data de publicação do primeiro vídeo no canal até o momento em

que a fase de análise foi iniciada. Assim observado, foram selecionados 153 vídeos publicados<sup>18</sup> entre 31 de agosto de 2016 a 28 de maio de 2020.

A segunda etapa compreendeu a assistir todos os 153 vídeos e selecionar para análise aqueles cujo conteúdo abordavam temas e/ou questões marcadamente vinculadas ao universo dos homens trans. Após essa seleção, que levou em consideração o título do vídeo, sua descrição no canal e o conteúdo geral abordado, chegou-se a um total de 64 vídeos para os quais foi criado um número identificador prefigurado pela letra inicial da palavra “vídeo” e o número sequencial em ordem crescente.

Na terceira etapa os 64 vídeos foram agrupados em 7 (sete) categorias estabelecidas a partir da dissertação de mestrado intitulada *Homens com T Maiúsculo: processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet*, de autoria de Rafaela Vasconcelos Freitas (2014), conforme consta no **Quadro 01 – categorias de análise para classificação dos vídeos**. A título de síntese, em sua pesquisa a autora apresenta “um breve levantamento das principais temáticas debatidas em um desses espaços de/para transhomens na internet” com o intuito de se “aproximar da experiência das transmasculinidades”. (FREITAS, 2014 p. 67). Operativamente, as análises foram estabelecidas a partir:

[...] da página virtual da ABHT, um grupo de homens trans no FACEBOOK (rede social) e vídeos disponibilizados no youtube (autobiográficos de FtM e documentários). Sendo o site do youtube plataformas abertas e o grupo do FACEBOOK de caráter “secreto” (conforme nomeação da rede social), composto exclusivamente por transhomens e durante algum tempo médicos e pesquisadores (conforme informado pelos participantes, os mesmos foram retirados no final do ano de 2013). (FREITAS, 2014, p. 67).

Embora a dissertação de Rafaela Vasconcelos Freitas tenha sido defendida há quase 10 (dez) anos, julgamos que as categorias analíticas por ela criadas ainda descrevem bem como e a partir de que referentes as interações transmasculinas são suscitadas no espaço virtual, carecendo apenas de adaptações pontuais como a

---

<sup>18</sup> Ressaltamos mais uma vez que em meados de dezembro de 2021 Lucca Najar começou a tornar indisponíveis e a renomear vários vídeos do seu canal, inclusive muitos dos que foram selecionados para compor a amostra analítica do nosso estudo.

criação da categoria G – Vivências interpessoais de pessoas trans. Uma definição geral de cada categoria pode ser observada no quadro abaixo.

**Quadro 1 - Categorias de análise para classificação dos vídeos**

<b>Categoria de análise</b>	<b>Classificação</b>	<b>Definição</b>
Identificação	A	Refere-se ao processo e à demanda por reconhecimento da identidade trans.
Transformação do corpo e comportamento	B	Compreende a retirada dos seios, os procedimentos pré e pós-cirúrgicos, divulgação dos resultados (Tour pelo corpo), tratamento hormonal, uso de <i>brinder</i> , musculação, entre outros.
Sexualidade/Relacionamentos /Masculinidades	C	Menção a relacionamentos familiares/amorosos e à relação do corpo/gênero e sexualidade que implica muitas vezes em preconceitos, como se essas dimensões estivessem atreladas e não pudessem ser modificadas.
Preconceito/Violência	D	Engloba o uso do nome social, entrevistas de trabalho, família, violência física e simbólica, falta de apoio.
Formação/Trabalho e Renda	E	Abrange mudanças de turno na faculdade, escolha do concurso público por oferecer uma certa estabilidade.
Articulações e reivindicação de direitos	F	Abarca discussões sobre compartilhamento de advogados, serviços de assistência jurídica, elaboração de documentos, esclarecimento de dúvidas sobre os diversos procedimentos, informações sobre empregos.
Vivências interpessoais de pessoas trans	G	Compõem-se de vídeos que prestam esclarecimentos sobre assuntos relacionados à vivência trans diária.

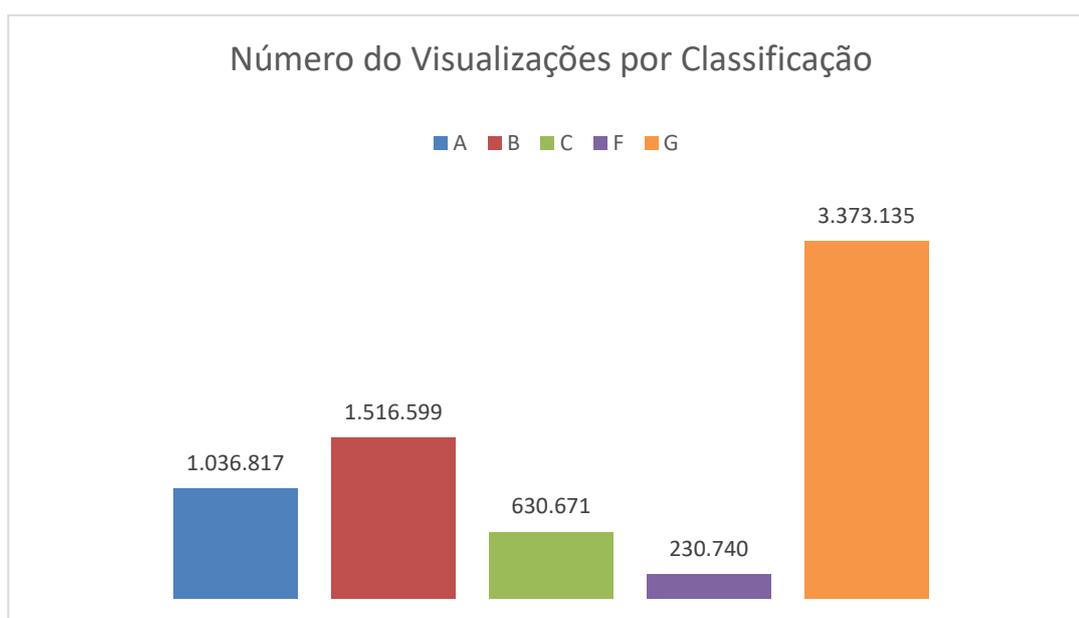
**Fonte:** Produzido pela autora com base nas categorias de Freitas (2014).

Nessa etapa de categorização dos vídeos constatou-se que alguns poderiam ser classificados em duas ou mais categorias, em face disso optamos por alocá-lo naquela que, a partir de uma análise geral de conteúdo, melhor representava o assunto predominante. Ademais, é preciso indicar aqui que nenhum vídeo foi classificado nas categorias D (Preconceito/Violência) e E (Formação/Trabalho e Renda).

Explicita-se, ainda, que a categoria G – Vivências interpessoais de pessoas trans foi criada em função da necessidade de representação de conteúdos mais recentes do canal, nos quais o produtor esclarece dúvidas relacionadas às vivências trans diárias a partir de relatos em primeira pessoa ou por meio de entrevistas com convidados. Importante mencionar, também, que muitos desses esclarecimentos foram demandados por participantes inscritos no canal.

Para evidenciar essa categorização analítica dos vídeos desenvolvemos um gráfico que acena para o quantitativo de visualizações relacionando-o à categoria/temática mais abordada em relação ao conteúdo dos vídeos.

**Gráfico 1 - Número de visualizações por classificação**



**Fonte:** Elaborado pela autora

Posteriormente, criamos uma nuvem de palavras a partir da ferramenta de análise de dados da *Microsoft - Power BI* tendo-se em vista elucidar os termos mais utilizados para construção dos títulos desses vídeos.



- e) Os 5 vídeos com mais comentários;
- f) Os 5 vídeos com menos comentários.

Apresentamos nas tabelas 1 e 2 os vídeos selecionados e suas respectivas classificações de acordo com cada categoria acima estabelecida:

**Tabela 1** - Vídeos com o maior número de visualizações, “gostei” e comentários.

Classificação	Mais Visualizações	“Gostei”	Mais Comentários
1º	V148 (1.372.220)	V148 (123.000)	V120 (1629)
2º	V059 (610.553)	V009 (26.000)	V142 (1496)
3º	V009 (478.091)	V120 (22.000)	V078 (1319)
4º	V120 (459.434)	V078 (20.000)	V009 (1317)
5º	V078 (450.429)	V142 (18.000)	V004 (988)

**Fonte:** Elaborada pela autora

**Tabela 2** - Vídeos com o menor número de visualizações, com mais “não gostei” e com menos comentários

Classificação	Menos Visualizações	Mais “Não gostei”	Menos Comentários
1º	V109 (3.470)	V148 (15.000)	V126 (20)
2º	V126 (4.227)	V120 (1.000)	V130 (33)
3º	V117 (5.077)	V078 (1.000)	V105 (38)
4º	V130 (5.218)	V059 (952)	V111 (41)
5º	V112 (6.526)	V072 (757)	V123 (49)

**Fonte:** Elaborada pela autora

Conforme essas duas tabelas demonstram, alguns vídeos aparecem em mais de uma categoria, quais sejam: **V148** (maior número de visualizações, “gostei” e mais “não gostei”); **V059** (maior número de visualizações e mais “não gostei”); **V009** (maior número de visualizações, “gostei” e mais comentários); **V120** (maior número de visualizações, “gostei”, mais “não gostei” e mais comentários); **V078** (maior número de visualizações, “gostei”, mais “não gostei” e mais comentários); **V142** (“gostei” e mais comentários); **V126** (menos comentários e menos visualizações); **V130** (menos comentários e menos visualizações). Em face disso, a amostra final dos vídeos que foram analisados nas etapas (V) descrição pormenorizada dos vídeos e (VI) elaboração de inferências e generalizações correspondeu ao total de 16 vídeos.

Definida essa amostra final de 16 vídeos, deu-se início à quinta etapa que consistiu em compor uma descrição pormenorizada dos assuntos tratados em cada um deles, uma vez que a apresentação efetuada pelo produtor, além de muito sintética, não contemplava a multiplicidade de conteúdos abordados. Fazer isso contribuiu para observarmos a especificidade das temáticas tratadas, o modo de abordagem conferido a elas por Lucca Najjar e inferir em que medida isso contribui para a ampliação da visibilidade trans. Essas descrições e suas respectivas análises constituem o eixo central de discussão da seção **“4.1 Por uma visibilidade trans: agenciamentos informacionais no Canal Lucca Najjar”**, da presente dissertação.

A sexta e última etapa do percurso metodológico compreendeu à análise dos comentários e interações estabelecidos entre o produtor e o público que assiste seus vídeos. Movimento interpretativo que nos permitiu elaborar deduções tanto sobre as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação observadas, quanto em que medida a ampliação da visibilidade trans anteriormente aludida é capaz de transpor as fronteiras do próprio canal e se reverberar para outros espaços sociais, ensejando um debate público sobre o universo trans e as transmasculinidades. Inferências e observações que levaram em consideração a própria “lógica de engajamento” do YouTube: curte, compartilha e comenta, explicitada nos resultados da pesquisa.

## 1.5 Estrutura da dissertação

Em termos de sua estrutura, a dissertação que o leitor tem em mãos foi organizada a partir dos capítulos e seções abaixo descritos.

A presente **Introdução**, na qual evidenciamos as motivações e justificativas para realização da pesquisa; demarcamos a questão problema, o objetivo geral e os específicos; além da descrição do percurso metodológico que orientou a definição dos procedimentos de seleção, coleta, organização e análise dos dados.

O **Capítulo 1 – Gênero(s): reflexões para além da binaridade**, que teve por centralidade apresentar e discutir um conjunto de questões convergentes ao conceito de gênero, correlacionando-o à teoria da performatividade de Judith Butler (2016b). De maneira análoga, buscou-se estabelecer um debate sobre as “transmaculindades”, problematizando os regimes de (in)visibilidade que agenciam seus corpos e identidades, bem como fatores de ordem social, cultural e política que impactam no reconhecimento desses sujeitos na e pela sociedade.

O **Capítulo II – Dinâmicas informacionais: considerações a partir dos regimes de visibilidade no YouTube**, que abordou, a partir de uma matriz teórico-conceitual modulada pela Ciência da Informação, os regimes de visibilidade no YouTube. Nesse sentido foram estudadas as dinâmicas de produção, circulação, disseminação, mediação e apropriação da informação em um ambiente digital específico, qual seja: o canal do *youtuber* trans Lucca Najjar, objeto de nossa pesquisa.

No **Capítulo III – Em busca do like: curte, compartilha e comenta**, apresentamos em suas três seções as análises dos 16 vídeos que corporificaram nossa amostra, a fim de respondermos à questão problema indicada na “**Introdução**” desta dissertação, qual seja: em que medida as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação agenciadas pelo canal do *youtuber* Lucca Najjar contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans?

Complementa esse percurso a seção **Considerações finais** na qual distendemos o conjunto de reflexões alusivas aos resultados da pesquisa e apontamos outras possibilidades de estudos futuros.

Inteirado do percurso que irá trilhar, convidamos nosso leitor a seguir adiante e a refletir conosco por que é preciso desconstruir o conceito de gênero e tratá-lo como uma categoria para além da binaridade?

## 2 CAPÍTULO 1 - GÊNERO(S): REFLEXÕES PARA ALÉM DA BINARIDADE

*Não basta introduzir palavras novas (boi, cisgênero, andro-fag) e começar a reificar seus significados (embora nisso obviamente exista poder e pragmatismo). É preciso também prestar atenção à multiplicidade de usos possíveis, as asas com que cada palavra pode voar<sup>19</sup>.*

---

<sup>19</sup> NELSON, 2017, p.12.

O presente capítulo centra-se em discutir o conceito de gênero, abordando-o a partir da teoria da *performatividade* de Butler (2016b) e tencionando-o por meio da problematização de questões relacionadas às pessoas trans. Para tanto, indaga-se sobre a concepção de “corpos (in)visíveis”, cujo estatuto de “normalização” evoca referências regulamentadas pela cisgêneridade e heteronormatividade, tal como foi demonstrado por Zamboni (2014), Bento (2006, 2009), Grossi (1998), Preciado (2003) e Pelúcio (2009). Estreitando o diálogo com Freitas (2014), Duque (2016) e Sousa & Iriart (2018), debate-se, na segunda seção, um conjunto de questionamentos relacionados especificamente ao universo dos Homens Trans, sobretudo no que diz respeito à visibilidade, identidade(s), saúde e reconhecimento desses sujeitos na e pela sociedade.

Dito isso, damos início à construção do nosso referencial teórico-analítico recuperando alguns marcadores sociais que tradicionalmente têm sido associados às questões de gênero, tendo-se em vista correlacioná-lo, posteriormente, à forma como as pessoas trans (e os homens trans especificamente), têm sido tratadas nas mais distintas esferas sociais do país.

## 2.1 Gênero(s) compulsórios e transcendententes

*Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente incríveis.<sup>20</sup>*

A composição atual da nossa sociedade pode ser tipificada, entre outros aspectos, por meio de desigualdades sociais alicerçadas em diferentes conjunturas históricas, políticas, culturais e econômicas. Nesse cenário, qualificadores de gênero, raça, etnia, classe, visão política e orientação sexual se relacionam, interagem e são sobrepostos uns aos outros, dando a ver uma série de estruturas de hierarquização social e, também, a emergência de discursos normatizadores erigidos em volta dessas

---

<sup>20</sup> BUTLER, 2016b, p. 244

estruturas, os quais se segmentam em torno de “marcadores sociais de diferenças”<sup>21</sup> acentuados nas mais distintas instâncias das nossas relações cotidianas. Esse fenômeno ocorre porque:

Em primeiro lugar, as diferenças e desigualdades entre os homens não são naturais. Elas são construídas socialmente e precisam ser contextualizadas em termos de tempo e espaço. Em segundo lugar, os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política. Finalmente, os sistemas de classificação estão intimamente ligados às relações de poder. (ZAMBONI, 2014, p. 15).

A partir desses apontamentos, podemos assinalar que a exacerbação dos marcadores sociais de diferenças institui como consequência a exclusão de certos grupos e de sujeitos específicos, tendo por justificativas fatores vinculados à raça, à etnia, ao substrato da classe social em que são posicionados, ao território onde vivem, ao trabalho que executam, à faixa etária em que se encontram, ao credo que compartilham, entre outros. Condição que é vivenciada de forma rotineira no Brasil por muitas mulheres, negros, indígenas, pela população que integra a comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais / Transgêneros / Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias, entre outras) e por tantas outras minorias em busca de visibilidade e reconhecimento.

Atentando para isso e em função dos objetivos que sustentam esta dissertação, o presente capítulo centra-se em discutir alguns marcadores sociais correlacionados às questões de gênero, conferindo especial atenção ao universo trans, notadamente às transmasculinidades.

Para tanto, julgamos ser importante mencionar que as duas últimas décadas evidenciaram uma ampliação dos estudos sobre as questões de gênero e, também, sua distribuição em diversas áreas do conhecimento, sendo possível encontrarmos pesquisas e conceitos desenvolvidos e em fase de estruturação, por exemplo, nas

---

<sup>21</sup> Expressão constantemente evocada para se referir a “categorias classificatórias compreendidas como construções sociais, locais e históricas que tanto pertencem à ordem das representações sociais – a exemplo das fantasias, dos mitos, das ideologias que criamos –, quanto exercem uma influência real no mundo por meio da produção e reprodução de identidades coletivas e de hierarquias sociais”. (Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença da USP (Numas) apud SCHWARCZ, 2019, p. 175).

ciências sociais, na teoria política, na antropologia, na psicologia, na comunicação e na ciência da informação. Assinalando que não é objetivo desta pesquisa realizar uma discussão exaustiva de todos os conceitos e modos de apreensão do termo gênero e seus correlatos, este capítulo estabelece um breve histórico e apresenta um conjunto de definições que servirão de base para problematizarmos a (in)visibilidade social dos sujeitos trans, em particular dos homens trans.

Caminhando nessa direção, é comum encontrarmos na literatura especializada a afirmativa de que, no Brasil, os estudos de gênero ou sobre as relações de gênero tiveram início nas décadas de 1970 e 1980 com a segunda onda feminista<sup>22</sup> (SARTI, 2004). Naquela época, os estudos feministas propunham reflexões sobre a condição feminina na sociedade (GROSSI, 1998), razão pela qual problematizavam amplamente o uso das categorias “identidade de gênero” e “sexualidade” para se reportarem às “origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (GROSSI, 1998, p. 04). Ao atentar para isso, Grossi (1998) ressalta que embora existissem distintas regras sociais centradas em definir o comportamento de homens e mulheres em sociedade, estando elas “calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos” (GROSSI, 1998, p.4), as justificativas usadas não passavam de “uma formulação ideológica” para fundamentar os comportamentos sociais (GROSSI, 1998, p.4).

Problematizando, também, a distinção entre o sexo e o gênero, Gonçalves e Gonçalves (2021) reforçam que o sexo se refere às diferenças biológicas, já o termo gênero é “utilizado para enfatizar os aspectos culturais relacionados às diferenças sexuais” (GONÇALVES; GONÇALVES, 2021, p. 2). Em face disso, para esses

---

<sup>22</sup> Conforme indicam Romeiro e Silveira (2022, p. 04), a historicidade do movimento feminista tem sido sistematicamente organizada em torno de “três fases” ou “ondas”, a saber: “**Primeira onda:** caracterizada pela reivindicação de igualdade de direitos e oportunidades, especialmente no âmbito da educação, do trabalho e da participação política. Contudo, nesse primeiro momento o protagonismo da ação reivindicatória era de mulheres da elite apoiadas de forma não verticalizada por mulheres mais pobres; **Segunda onda:** caracterizada também pela luta contra o sexismo, teve como marco a reivindicação pelos direitos sexuais, reprodutivos e pela legalização do aborto. É nesse momento que emergem discussões sobre o gênero a partir do questionamento da cultura sexista à qual essas mulheres faziam parte; **Terceira onda:** amplia as reivindicações sobre direitos reprodutivos, entretanto, não mais restritas à cisgêneridade. Com isso, experiências múltiplas sobre a mulheridade e a inclusão da diversidade do feminino entram em pauta. Como resultado, discussões sobre sexualidade, performance, performatividade, interseccionalidade passam a fazer parte de discussões acadêmicas e não acadêmicas, ampliando o protagonismo de mulheres negras, periféricas e transgêneras em diversas partes do mundo”.

autores, gênero se vincula a uma “construção social das diferenças sexuais” (GONÇALVES; GONÇALVES, 2021, p.2), constituindo-se, portanto, em classificações daquilo que é socialmente masculino ou feminino.

Boff (2002), por sua vez, considera que quando falamos em gênero estamos nos reportando a “um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e, de outro, no fato da cultura, da história, da sociedade, da ideologia e da religião desse caráter biológico” (BOFF, 2002, p. 18). Concepção corroborada por Piscitelli (2009) ao afirmar que o gênero está no “plano da cultura, dos hábitos e dos aprendizados, não [derivando, assim], dos genitais que ‘pertencem’ à natureza, à biologia” (PISCITELLI, 2009, p.125).

Avançando nessa discussão, Judith Butler (2016b) desenvolve o conceito de gênero alicerçado em sua teoria da performatividade. Segundo as formulações da filósofa americana, para se entender o que é a performatividade faz-se necessário, primeiro, compreender a diferença entre os conceitos “performance” e “performatividade”, muitas vezes tratados como sinônimos. Isso porque, para Butler, a performance é regulada pela performatividade, sendo a performatividade tudo aquilo que está posto socialmente, o que nos caracteriza desde o nosso nascimento, aquilo que atrela nosso sexo ao gênero e, em seguida, à nossa sexualidade, definindo-nos, pois, a partir dos nossos corpos, fazendo com que a nossa performance (mesmo expressa de modo singular por cada sujeito, através do modo como se veste, se comunica ou caminha, por exemplo) seja sempre limitada às regras sociais preestabelecidas. Dito com as palavras da própria autora:

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2016b, p. 243).

O gênero pode, portanto, ser caracterizado como um ato performativo em constante construção, por meio do qual o sujeito aciona diferentes performances como resposta às demandas sociais e modalidades de interação que lhe são apresentadas ou com as quais trava contato. Por sua vez, conforme expresso acima, a performatividade é tratada por Butler como o processo repetitivo realizado pelo sujeito a fim de apreender as normas sociais de cada ambiente no qual se insere (BUTLER, 2016b). Valendo-se desse aparato conceitual a filósofa compreende o gênero como sendo uma “estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, 2016b, p. 69).

Desse modo, por meio da performance e da performatividade de gênero os sujeitos buscam reproduzir aquilo que é produzido e imposto pelas práticas reguladoras e responder aos limites culturais designados pela sociedade para fundamentar o que é socialmente aceitável pela coerência de gênero (BUTLER, 2016b). A performatividade de gênero assinala, pois, certos limites para a noção de autoria do sujeito, que é quando alguém tenta, a todo momento, performar – de forma inconsciente, mas não automática – os padrões e normas sociais que o caracterizam como sendo do gênero masculino ou feminino. Butler (2016b) considera ainda que as posições do gênero masculino e feminino são “instruídas por meio de leis proibitivas que produzem gênero culturalmente inteligíveis, mas somente mediante a produção da sexualidade inconsciente, que ressurge no domínio do imaginário” (BUTLER, 2016b, p. 61).

Essa imposição social do gênero sobre o corpo também foi problematizada por Berenice Bento (2006) que a identificou como um dos recursos mais poderosos de manutenção das estruturas hierárquicas instaladas e disseminadas socialmente. Isso porque, para a autora, a naturalização dos corpos faz com que as pessoas, ao serem identificadas no nascimento como menino ou menina necessitem seguir padrões compulsórios de gênero instituídos pelas instâncias de controle social.

Tendo explicitado a diferença entre o sexo designado<sup>23</sup> e o gênero, faz-se necessário discutirmos como as pessoas podem se identificar dentro dessas categorias, isso é, como elas elaboram sua identidade de gênero. Conceitualizada como a forma a partir da qual a pessoa se identifica na/para sociedade dentre as categorias: mulher ou homem cisgênero, mulher ou homem transgênero, não-binário, fluído e agênero, a noção de identidade<sup>24</sup> de gênero refere-se, por exemplo: a um sujeito com o sexo designado feminino que, embora possa se identificar com seus genitais, não se vê pertencente ao gênero feminino cultural e socialmente construído, podendo, portanto, se identificar com o gênero feminino ou com nenhum desses, o que faz dele um sujeito não binário. Dito isso, em uma conceituação mais clássica, a identidade de gênero é definida pelos Princípios de Yogyakarta<sup>25</sup> como sendo:

---

<sup>23</sup> Os fatores que determinam o nosso sexo designado no nascimento começam logo após a fertilização: Cada espermatozoide tem um cromossomo X ou Y. Todos os óvulos têm um cromossomo X. Quando o espermatozoide fertiliza um óvulo, seu cromossomo X ou Y se combina com o cromossomo X do óvulo. Uma pessoa com cromossomos XX geralmente tem órgãos sexuais e reprodutivos femininos e, portanto, geralmente é designada como do sexo feminino. Uma pessoa com cromossomos XY geralmente tem órgãos sexuais e reprodutivos masculinos e, portanto, geralmente é designada como do sexo masculino. Isso não exclui outras combinações de cromossomos, hormônios e órgãos que podem levar uma pessoa a ser considerada intersexual. Nestes casos, o mais comum é que os pais ou responsáveis decidam criar o bebê como menino ou menina, embora haja cada vez mais países nos quais não é mais necessário determinar o sexo — feminino ou masculino — na certidão de nascimento. (Beatriz Díez, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-54123807>. Acesso em: 03/10/2023)

<sup>24</sup> Não seria conveniente fazermos aqui uma longa digressão sobre o conceito de identidade e como ele se transforma historicamente, no entanto, consideramos importante assinalar que não pactuamos com a ideia segundo a qual a identidade – inclusive as identidades de gênero – seria uma elaboração fixa, estável e coesa, ao contrário, assim como Stuart Hall (2003) e Perdigão e Silveira (2018), defendemos que em vez de falarmos em “identidade” deveríamos pensar em processos de identificação “uma vez que somos interpelados por uma multiplicidade de representações identitárias possíveis com as quais poderíamos ou não nos identificarmos” (PERDIGÃO; SILVEIRA, 2018, p.9). Nesses termos, concordamos com os autores quando eles afirmam que “as discussões contemporâneas sobre a identidade se vinculam, assim, ao conjunto de práticas e de discursos que tensionam o caráter relativamente estável das representações que os sujeitos criam para si, para seus grupos e culturas. Isso porque essas representações, ao mesmo tempo em que evocam um passado histórico comum, reivindicam a possibilidade de erigirem novos pontos de ancoragem que, em diálogo ou em dissociação com as múltiplas camadas de sentido revelados por meio da linguagem, dos processos comunicativos, das dinâmicas informacionais e de outras instâncias da cultura, revelem menos o que o sujeito é e mais aquilo que ele se tornou”. (PERDIGÃO; SILVEIRA, 2018, p.9).

<sup>25</sup> Os Princípios de Yogyakarta não são uma declaração de aspirações ou carta de reivindicação de direitos. O documento compila e reinterpreta definições de direitos humanos fundamentais consagradas em tratados, convenções, resoluções e outros textos internacionais sobre os direitos humanos no sentido de aplicá-los a situações de discriminação, estigma e violência experimentadas por pessoas e grupos em razão de sua orientação sexual e identidade de gênero. (CORRÊA, 2009, p. 29).

[...] uma experiência interna, individual e profundamente sentida que cada pessoa tem em relação ao gênero, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo-se aí o sentimento pessoal do corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação ou aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive de modo de vestir-se, o modo de falar e maneirismos. (PRINCÍPIOS, 2007, p. 6).

Penteado e Mendonça (2010) concordam com essa definição, porém, ressaltam que a identidade de gênero é uma construção que se projeta desde o nascimento, posto que a representação do gênero e os comportamentos naturalizados para o masculino e o feminino expressam-se como “um padrão de estereótipos frequentemente inflexível, compulsivo e persistente” (PENTEADO; MENDONÇA, 2010, p. 2) a partir do qual o sujeito “não pode controlar, mas que lhe são atribuídas porque se encontra imersa num contexto social construído em conformidade com os sexos biológicos” (PENTEADO; MENDONÇA, 2010, p. 2). De forma complementar, Judith Butler (2016b) afirma que:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2016b, p. 244).

Firmino e Porchat (2017), mesmo concordando com as discussões sobre a ocultação das possibilidades performativas das diferentes configurações de gênero, pontuam que:

[...] a coerência da identidade de gênero e a existência de gêneros inteligíveis exigem que certas configurações entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo sejam excluídas. Trata-se de um regime de poder, portanto, que garante a existência de certas identidades ao preço da exclusão de outras: para que A exista e tenha sentido, B, C e D não devem existir.” (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 58).

No cerne dessa problematização acerca dos “gêneros inteligíveis”, Bastos (2019, p.15) alerta que “é imprescindível evidenciar que a identidade de gênero não é

e não deva ser reduzida ao binarismo feminino/masculino ou mulher/homem”. Avançando nessa discussão, o autor identifica em um estudo sobre o direito à alteração de prenome e retificação de gênero no registro civil pelas pessoas trans algumas categorias que extrapolam a tradicional categorização binária de gêneros. Essa distensão fica mais evidente a partir das classificações abaixo apresentadas:

- **Agênero:** diz da pessoa que possui uma “identidade de gênero neutra, ou seja, não possui um gênero específico” (BASTOS, 2019, p.15);
- **Gênero Fluído:** remete à pessoa que se identifica com mais de um gênero, podendo em certos momentos da vida se identificar como sendo do gênero feminino, masculino ou agênero (BASTOS, 2019). Ou seja, “não há um só gênero que a pessoa se sinta pertencente, mas sim vários, a depender do momento de sua vida” (BASTOS, 2019, p.15);
- **Crossdresser:** “Se refere àquelas pessoas que se vestem com roupas e possuem trejeitos socialmente associadas a um gênero diferente daquele associado no momento de seu nascimento” (BASTOS, 2019, p.15);
- **Não-binário:** “refere-se às pessoas cuja identidade de gênero não se limita a masculino ou feminino, ou seja, podem se identificar com um gênero que sequer foi algum dia (BASTOS, 2019, p.15);
- **Cisgênero:** diz respeito às pessoas que se “identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, determinado a partir do órgão sexual feminino ou masculino” (BASTOS, 2019, p.15);
- **Pessoas Trans:** engloba pessoas que “em algum grau, não se identificam com o gênero que lhes foi determinado no momento do nascimento”. (BASTOS, 2019, p.16). Esse termo abarca, pois, a identificação do sujeito com qualquer outra categoria de gênero que não seja o cisgênero (BASTOS, 2019).

Não sem razão, diversos autores, entre os quais Louro (2004); Bento (2006); Pelúcio (2009) e Miskolci (2009) questionam os sistemas normativos que buscam regular a sexualidade por meio de convenções e valores associados a uma correspondência congênita entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Berenice Bento (2006), por exemplo, ressalta em seus estudos que, em muitos casos, as tecnologias sociais heteronormativas moduladas e agenciadas por um regime político binário são responsáveis por agenciar os corpos masculino/feminino por meio de instituições como a escola, a igreja, a família, entre outras, definindo a

heterossexualidade como condição universal, verdadeira, normal e inteligível. Ao fazer isso, essas instituições criam e mobilizam um conjunto de normas de inteligibilidade que, em ampla medida, reiteram de forma compulsória a heterossexualidade, relegando às margens sujeitos e grupos sociais que não correspondem a elas.

Nesse grupo de sujeitos que “não correspondem” às normas binárias e heterossexuais compulsórias são comumente alocadas as pessoas trans – transexuais, transgêneros, travestis – por serem enquadradas socialmente como sujeitos que ultrapassam as barreiras do ‘aceitável’. Quem nos chama a atenção para isso é Santiago<sup>26</sup> (2017) ao demarcar que:

Vivemos em uma sociedade que não nos compreende enquanto normais. *Somos vistas enquanto doentes, bizarrices, aberrações. Não nos é permitido pela sociedade cisnormativa o reconhecimento enquanto pertencentes à categoria humana, pelo simples fato de que ousamos transcender os limites do gênero que nos foi atribuído devido à genitália com a qual nascemos.* Nos fizeram, como com tantos outros grupos marginalizados, o Outro que delimita onde termina o Humano, o monstro embaixo da cama, o alvo da piada, da punheta, da porrada, da pistola. Porque somos a mosca na sopa, somos provas vivas de que um dos grandes pilares da sociedade capitalista ocidental, a inevitabilidade do gênero, a cisnormatividade, a heteronormatividade, não passa de uma falácia. Querem que vivamos nas sombras, invisíveis, inofensivas, irrelevantes, para que não precisem admitir que existimos. (SANTIAGO, 2017, p. 10 – itálicos da autora).

Questionar e combater essas dinâmicas de invisibilização e de marginalização impostas às pessoas trans requer, entre outras coisas, ampliar a gramática conceitual usada para se reportar a elas, abarcando, nesse mesmo movimento, as “identidades de gênero não-binárias, do “terceiro gênero”<sup>27</sup>, dos crossdressers, entre outros. Isso

---

<sup>26</sup> Wendi Yu (Diego Yu Santiago) construiu seu TCC definindo-se como objeto de estudo de seu próprio percurso formativo “enquanto mulher trans e travesti para encarar essas disputas e construir um esforço que seja ao mesmo tempo analítico e contra-hegemônico.” (SANTIAGO, 2017, p. 7). Em face disso ela esclarece aos seus leitores que “minha posição de travesti universitária e universitária travesti, ocupando esse lugar de produção de conhecimento, sendo sujeita da minha própria narrativa, é, portanto, um privilégio em relação ao lugar a que tantas outras pessoas trans, transexuais, transgêneras, travestis, são relegadas. E é claro que eu não poderia ficar calada, não poderia desperdiçar a oportunidade de afrontamento, de nos fazer, mesmo que só um pouquinho, mais visíveis. (SANTIAGO, 2017, p. 10).

<sup>27</sup> A categoria jurídica “terceiro gênero” contempla indivíduos cuja identidade de gênero não se compadece com a rigidez e dicotomia de gêneros, independentemente do sexo que lhes tenha sido atribuído à nascença, das suas características sexuais e orientação sexual, tendo por base a sua autodeterminação. (RODRIGUES, Mariana, 2019, p. 2).

é importante tanto no nível individual – do sujeito que busca reconhecimento – quanto no nível coletivo, uma vez que, segundo Butler (2016b):

Quando uma pessoa vive enquanto um corpo que sofre reconhecimento indevido, possivelmente insultos ou assédios, discriminações culturais, marginalização econômica, violência policial ou patologização psiquiátrica levam a uma maneira desrealizada de viver no mundo, uma forma de viver nas sombras, não enquanto um sujeito humano, mas como fantasma. E, ainda assim, nós vemos que, através de movimentos sociais que buscam reconhecimento e emancipação, comunidades de pessoas LGBTQ têm emergido das sombras, fazendo suas vidas visíveis e audíveis, vidas que têm os mesmos direitos que qualquer outra a amar e a perder, a celebrar e a lamentar. (BUTLER, 2016b, p.28).

Esses grupos sociais “não vistos”, caracterizados como fantasmas sociais por Butler (2016b), são tratados por Pelúcio (2009) como “corpos que não importam”. Mas por que esses corpos não importariam?

[...] porque são tidos e tratados como inadequadamente engendrados, são, por outro lado, imprescindíveis socialmente, pois as fronteiras da normalidade só podem ser claramente demarcadas a partir da instituição desses corpos abjetos. Isto é, daqueles corpos que são alocados pelo discurso hegemônico nas “zonas invisíveis e inabitáveis” na qual, segundo Butler (2002), estão os seres que não se “materializam” de fato, por isso, não importam. Aqueles que, vivendo fora do imperativo heterossexual, servem para balizar as fronteiras da normalidade, sendo fruto, portanto, desse discurso normatizador que institui a heterossexualidade como natural. (PELÚCIO, 2009, p. 206).

Explicitado por Judith Butler (2016b) e tensionado por Pelúcio (2009), esse movimento institucionalizado de invisibilização de “corpos que não importam”<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Acerca da invisibilização desses “corpos que não importam”, Judith Butler (2015, p. 15) estabelece os seguintes apontamentos: “ao se compreender a restrição como restrição constitutiva, ainda é possível formular a seguinte pergunta crítica: como tais restrições produzem não somente o terreno dos corpos inteligíveis, senão também um domínio de corpos impensáveis, abjetos, invisíveis e não dotados de vida (unthinkable, abject, unlivable bodies?)? A primeira esfera não é o oposto da segunda, porque as oposições, depois de tudo, são parte da inteligibilidade; a última esfera é o terreno excluído, ilegível, que espanta o primeiro como o espectro de sua própria impossibilidade, o limite mesmo da inteligibilidade, seu exterior constitutivo. Então, como poderiam se alterar os termos mesmos que constituem o terreno “necessário” dos corpos, tornando impensável e sem vida outro conjunto de corpos, aqueles que não importam do mesmo modo? (those that do not matter in the same way). [...] O discurso da “construção”, que circulou principalmente na teoria feminista, talvez não seja completamente adequado para a tarefa que

constitui-se em referente importante para se demarcar e explicar, até certo ponto, a intensa marginalização social das pessoas trans, posto que, da mesma forma que outros corpos *transgressores*<sup>29</sup>:

Todas as construções que “fogem à regra” heteronormativa são conhecidas como “sexualidades desviantes”, ou seja, indivíduos que subvertem a norma socialmente estabelecida como padrão e não constroem sua identidade de gênero seguindo estritamente seu sexo biológico (identificar-se como homem por possuir um pênis, ou como uma mulher por possuir uma vagina), ou que não possuem como objeto de desejo o sexo oposto (o homem sentir-se atraído pela mulher e vice-versa) [...] é um corpo que deve ser apagado, posto ser abjeto. (RODRIGUES, 2018, p. 30-32).

Não sem razão, Judith Butler (2016a), objetivando definir de forma mais clara o problema da normatização desses processos de invisibilização, assinala que as atribuições ou interpelações que alimentam os agenciamentos e os processos de sujeição desses corpos abjetos respondem diretamente àquele

[...] campo de discurso e poder que orquestra, delimita e sustenta aquilo que pode legitimamente ser descrito como "humano". Nós vemos isto mais claramente nos exemplos daqueles seres abjetos que não parecem apropriadamente generificados; é sua própria humanidade que se torna questionada. Na verdade, a construção do gênero atua através de meios excludentes, de forma que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais, estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural. Portanto, não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos "humano", o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o "humano" com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação. (BUTLER, 2016a, p. 161).

---

estamos abordando. Tal discurso não é suficiente para argumentar que não há nenhum “sexo” pré-discursivo que atue como o ponto de referência estável sobre o qual, ou em relação ao qual, se realiza a construção cultural do gênero. Afirmar que o sexo já está generizado (gendered), que já está construído, não explica, todavia, de que modo se produz forçosamente a “materialidade” do sexo. Quais são as forças que fazem com que os corpos se materializem como “sexuados” e como devemos entender a “matéria” do sexo e dos corpos, de maneira mais geral, como a circunscrição repetida e violenta da inteligibilidade cultural? Que corpos chegam a importar? E por quê?”.

<sup>29</sup> “[...] drag-kings, las bolleras lobo, las mujeres barbudas, los trans-maricas sin polla, los discapacitados-ciborg...”. (PRECIADO, 2003, p.163).

Nos termos acima formulados, torna-se evidente que o discurso hegemônico das normas de gênero não permite que as experiências de homens trans e de mulheres trans sejam reconhecidas socialmente, pois quase sempre são encaixadas como “fora da normalidade” imposta pelo imperativo heteronormativo. Exclusão que se dá a ver, como já assinalado acima, em numerosos contextos: o familiar, o escolar, o do mundo do trabalho, o dos sistemas de saúde e até daqueles vinculados aos regimes formais de produção e disseminação da informação como cartórios, o sistema judiciário ou de assistência social, entre outros.

Assim observado, Butler (2016b) reforça que a vulnerabilidade e a invisibilidade são os grandes entraves à ampliação do acesso a direitos básicos para as pessoas trans. Concordando com isso e considerando o grande número de sujeitos e coletivos que são impactados por essas estruturas de diferenciação e de manutenção das desigualdades sociais, esta pesquisa privilegia como objeto de estudo a comunidade de homens trans.

A escolha desse grupo como objeto central da pesquisa de mestrado que aqui se desenvolve leva em consideração tanto o impacto da transfobia imposta a eles, quanto o peso que a masculinidade hegemônica, enquanto instância normatizadora do social, exerce sobre seus corpos e identidades. A isso se soma o baixo número de pesquisas vinculadas à área de Ciência da Informação no Brasil que privilegiam esse “público informacional”, condição que explica, em parte, porque os homens trans geralmente reclamam da dificuldade de acessarem informações confiáveis – e nossa análise do canal Lucca Najar no YouTube comprovará isso – que possam servir de resposta às suas demandas cotidianas.

## 2.2 Homens trans: corpos (in)visíveis?

*A teoria pode ser compreendida como uma experimentação com o possível. E a ideia em expansão sobre o que é possível faz, por vezes, a vida mais vivível.*<sup>30</sup>

Ao problematizar o conceito de “corpo sexuado”, Berenice Bento (2009) aponta para o conjunto de diferenças que são interpostas entre as pessoas trans que

---

<sup>30</sup> BUTLER, 2016b, p. 41.

nasceram com o sexo designado masculino e as que nasceram com o sexo designado feminino. A partir dessas interposições, ela ressalta que:

Para os transexuais masculinos, a menstruação e os seios anunciam o fim dos sonhos, da liberdade e a impossibilidade de se tornarem homens e, por outro lado, a separação definitiva dos mundos dos gêneros a partir dessas diferenças. A descoberta do corpo sexuado impõe a tarefa de relacionar-se com as partes do corpo responsáveis pela rejeição que sofrem, ao mesmo tempo em que desencadeiam uma busca para se definirem, para encontrar respostas e modelos que lhes possibilitem construir identificações. Muitos/as relataram que “depois de pensar, pensar, eu cheguei à conclusão: vou cortar.” (BENTO, 2009, p. 100).

Domingues (2019), sem negligenciar as ponderações feitas por Bento (2009), alerta para a necessidade social de falarmos também sobre a saúde e o afeto dos homens trans, advertindo-nos que o machismo estrutural torna as pessoas trans invisíveis e dificulta sua estabilidade social e emocional, prejudicando, com isso, o exercício pleno de seus direitos, inclusive aqueles ligados à saúde, à educação e ao exercício da cidadania. Ao discutir a realidade dos homens trans essa mesma autora afirma que “apesar de a comunidade LGBT e as mulheres trans estarem conquistando cada vez mais espaço na sociedade, os homens trans ainda lutam para ser ouvidos, mesmo dentro do movimento” (DOMINGUES, 2019, p.1).

Isso fica evidente quando traçarmos uma linha do tempo destacando os principais marcos da luta por visibilidade encampada por pessoas trans no Brasil. Embora suas primeiras conquistas comecem a ocorrer no início dos anos 1990, elas só se tornam mais evidentes e “permanentes” a partir dos anos 2000. Destacamos abaixo alguns desses pontos:

- **1990:** Formação das primeiras organizações de ativistas travestis. (SOUZA, 2023, p.11);
- **1992:** Fundação da primeira organização política de travestis da América Latina e a segunda do mundo, a Associação das Travestis e Liberados (AS-TRAL), na cidade do Rio de Janeiro. (SOUZA, 2023, p.11);

- **1993:** Realização do I Encontro Nacional de Travestis e Liberados (ENTLAIDS), na cidade do Rio de Janeiro, por iniciativa de uma travesti chamada Jovanna Baby, tendo como eixo central das discussões o enfrentamento à pandemia da AIDS, de modo a construir respostas das travestis brasileiras à prevenção do hiv/aids. (SOUZA, 2023, p.11);
- **1995:** Fundação da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis), reunindo cerca de 200 organizações espalhadas por todo o Brasil. (SOUZA, 2023, p.11);
- **1996:** Reconhecimento público acerca da importância de se contemplar pessoas homossexuais no campo da promoção dos direitos humanos por meio do Plano Nacional de Direitos Humanos, no governo Fernando Henrique Cardoso. (SOUZA, 2023, p.11);
- **1997:** O termo "travesti" passou a ser sigla identitária e fazer parte oficialmente dos encontros nacionais;
- Realização da I Parada do Orgulho GLBT em São Paulo, reunindo cerca de 2000 pessoas. (SOUZA, 2023, p.11);
- **1999:** Fundada a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT) por diversos grupos ativistas para organizar a manifestação em decorrência do rápido crescimento do número de participantes em suas três primeiras edições, de 2 mil para 35 mil pessoas. (SOUZA, 2023, p.11);
- **2000:** Utilização dos "beijaços", forma de mobilização homossexual inspirados nos Kiss-in norte-americanos como estratégia para a visibilidade. O "beijaço" consiste em uma demonstração pública de afeto entre homossexuais em locais em que esta prática é coibida;
- Fundação da ANTRA (Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros). A organização impulsiona a participação das travestis e transexuais nas instâncias de diálogo e interlocução com agências públicas atuando como proponente de políticas públicas. (SOUZA, 2023, p.11);
- **2004:** Foi instituído o Dia Nacional da Visibilidade Trans. Em 29 de janeiro, 27 transexuais e travestis foram ao Congresso Nacional, em Brasília, reivindicar

seus direitos. Assim, o Ministério da Saúde formalizou o compromisso para a saúde da população gay, lésbica, bissexual, de travestis e transgêneros com a criação de um Comitê Técnico. (PINHEIRO, 2021, p. 3);

- **2006:** Em “Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde”, o Sistema Único de Saúde passou a aceitar o uso do nome social, ou seja, aquele pelo qual travestis, transexuais e transgêneros querem ser chamados (as), em qualquer serviço da rede pública de saúde. (PINHEIRO, 2021, p. 3);
- **2008:** Foi implementado o processo transexualizador para mulheres trans no Sistema Único de Saúde – SUS (PORTARIA Nº1.707, 2008);
- **2009:** Se deu a criação do “Ambulatório de Saúde Integral a Travestis e Transexuais” – instalado onde já operava o Centro de Referência e Treinamento em DST/Aids da Secretaria Estadual da Saúde de São Paulo. Nesse Ambulatório são oferecidos os serviços de saúde para as áreas de “urologia, coloproctologia, dermatologia e endocrinologia, especialmente dedicada à realização de um trabalho de recepção e acolhimento das demandas de saúde de travestis e transexuais”. (MELLO *et al.*, 2011, p. 20);
- **2010-2014:** Visualiza-se um avanço em termos do acesso às tecnologias de comunicação virtual e maior visibilidade das experiências dos homens trans a partir da publicação da autobiografia “Viagem solitária”, de João W. Nery (FREITAS, 2014);
- **2010:** Foi publicada a Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 1.955/2010, que passou a considerar:

[...] que os procedimentos de retirada de mamas, ovários e útero no caso de transhomens deixam de ser experimentais e podem ser feitas em qualquer hospital público e/ou privado que sigam as recomendações do Conselho. No entanto, a neofaloplastia (construção do pênis) ainda não foi liberada e permanece em caráter experimental, tendo em vista as limitações funcionais do órgão construído cirurgicamente. (ÁVILA, 2014, p. 123).

- **2011:** A organização do NAHT (Núcleo de Apoio a Homens Transexuais) constitui-se em meio a um indicativo de mudança de cenário em relação à

participação de homens trans no movimento LGBT. Até aquele momento a trajetória do movimento de travestis e transexuais no Brasil era marcada, tão somente, pela presença de mulheres trans no que se referia à denominação transexuais. (ÁVILA, 2014, p.186);

- **2012:** Efetiva-se a criação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT) que tem por objetivo garantir a promoção da cidadania e dos direitos humanos da população de homens trans no Brasil (ABHT, 2012);
- **2013:** Dá-se a publicação da portaria nº 2.803 do Ministério da Saúde, por meio da qual se

[...] redefine e amplia o Processo Transexualizador. Nesta portaria foram incluídos/as travestis e transhomens e para garantir o cuidado aos/às usuários/as com demanda para a realização das ações no Processo Transexualizador no Componente Atenção Especializada foram definidas as modalidades de atendimento ambulatorial e hospitalar. (ÁVILA, 2014, p. 123);

- É criado o IBRAT – Instituto Brasileiro de Transmasculinidades. Uma rede nacional de trans ativistas que busca viabilizar melhor qualidade de vida para homens trans (IBRAT, 2013);
- **2015:** Foi realizado o 1º Encontro Nacional de Homens Trans na Universidade de São Paulo, promovido pelo IBRAT, no qual se decidiu pela utilização de “homens trans” como uma categoria política (BRAZ e SOUZA, 2018; CARVALHO, 2018);
- **2016:** Dá-se a publicação do DECRETO Nº 8.727, DE 28 DE ABRIL DE 2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional (DECRETO Nº 8.727, 2016);
- **2018:** O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) julgou que, pela Lei Eleitoral, mulheres transexuais e travestis podem concorrer a cargos eletivos na cota destinada ao sexo feminino e os homens trans nas vagas para o sexo masculino. (MONTEIRO; BRIGUEIRO; BARBOSA, 2019, p. 1);

- Uma decisão do STF (Ação Direta de Inconstitucionalidade 4275) abriu precedentes para se garantir que a alteração do nome social passe a ser realizada de forma administrativa em qualquer cartório de registro de pessoas naturais, sem a necessidade de se impetrar ação judicial para autorizar a mudança de nome;
- **2019:** Foi publicada a resolução nº 2.265/2019, que atualizou as regras de atendimento médico para pessoas transexuais, tendo por principais mudanças (I) a redução da idade permitida pelo estado para realização da cirurgia de alteração de sexo de 21 anos para 18; e (II) a redução da idade permitida para realização das terapias hormonais para 16 anos;
- O STF se manifestou em relação à falta de leis para a proteção da população LGBT e criminalizou a homotransfobia. De acordo com a decisão do STF, enquanto não houver legislação específica, atos de homofobia ou transfobia podem ser qualificados como crimes de racismo;
- **2021:** O Ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), concedeu liminar ordenando que o Ministério da Saúde altere os sistemas de informação do Sistema Único de Saúde (SUS) com vistas a garantir a marcação de consultas e exames em todas as especialidades médicas, independentemente do registro do sexo biológico da pessoa registrada. (ADPF 787 MC / DF<sup>31</sup>).

Observando com atenção essa linha do tempo percebemos que as principais conquistas obtidas pela comunidade trans ocorreram nos últimos 20 anos. Conquistas ligadas, principalmente, aos setores da saúde, do judiciário e da segurança pública, os quais se referem a direitos fundamentais de existência. Embora esses avanços sejam de extrema importância, não podemos negligenciar que o sistema de saúde voltado ao atendimento das demandas trans no Brasil ainda é muito precário e que, em decorrência da transfobia, os índices de violência contra essas pessoas continuam

---

<sup>31</sup> BRASIL. Supremo Tribunal Federal. ADPF nº 787. 01 de fevereiro de 2021.

crescendo. Contrapondo-se a isso, as lutas por oportunidades para inserção no mercado de trabalho ou mesmo no ensino superior permanecem limitadas.

Ampliando essa discussão, enfatizamos o sentido perverso da transfobia, conceito e prática definidos por Sousa e Iriart (2018, p.4) como “uma faceta antidemocrática que finca limites para a compreensão das possibilidades de ser, definindo com base na patologização, na punição e na violência os cursos de vida que não se estabelecem a partir da cisheteronormatividade”. De modo semelhante, Borrillo (2010) compreende a homofobia a partir da conjunção

[...] de dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. (BORRILLO, 2010, p. 22).

Dessa forma, tanto a transfobia quanto a homofobia são manifestações de violência que podem ocorrer em diferentes esferas da vida social as quais acabam por limitar, punir e subtrair os direitos básicos que qualquer pessoa possui. A transfobia e a homofobia são, em face disso, formas de opressão que ditam como os sujeitos trans e homossexuais devem se portar em sociedade por meio da imposição física, social, econômica, política e psicológica de um modo de vida marcadamente cisgênero.

No que diz respeito aos homens trans, Braz (2019, p. 15) considera que “são múltiplas as formas de dizer a transmasculinidade e de produzir, acerca dela, repertórios simbólicos a partir dos quais alguém pode passar a reconhecer-se como homem trans”. Dentre essas formas de se dizer e manifestar as transmasculinidades, Almeida (2012) aponta que a primeira dificuldade de reconhecimento e visibilidade para os homens trans está relacionada, quase sempre:

[...] ao autorreconhecimento, porque são frequentes as trajetórias de incorporação à subcultura lésbica/gay (pela via do ingresso no movimento LGBT ou não). Em geral, tal incorporação se dá por ausência de outros espaços sociais nos quais possam encontrar pares. Dessa forma, as experiências trans permanecem subsumidas em espaços lésbicos, reiteradas tanto pelo pouco acesso às tecnologias de modificação corporal quanto pela lógica binária e naturalista de

parte das próprias lésbicas e/ou do movimento LGBT, que reitera o dispositivo discursivo de uma identidade lésbica una, indivisível e definida pelo corpo biológico (ALMEIDA, 2012, p. 518).

Em decorrência dessa invisibilidade é comum que muitos homens trans, antes de se identificarem com o gênero masculino, transitem no universo das mulheres lésbicas por enxergarem ali a possibilidade de performarem uma masculinidade sem serem reprimidos. Não sem razão, Freitas (2014, p.25) considera que:

Para muitos deles a identificação inicial normalmente se deu com a experiência da lesbianidade, mais acessível socialmente e que permitiu a incorporação de caracteres masculinos à performatividade de gênero, como vimos anteriormente, porém, em algum momento, essa começa a parecer insuficiente para os próprios sujeitos e para o olhar de alguns outros. Neste hiato marcado muitas vezes por períodos de angústia e sofrimento, emerge a influência da internet, da mídia e da literatura no processo de autoidentificação, após o acesso a programas de televisão, sites na internet e literaturas em que a transexualidade masculina é citada.

Duque (2016) discute outro ponto importante relacionado às cobranças e expectativas para o reconhecimento dos transmasculinos como homens. Segundo o autor “não basta esteticamente passar por, é preciso se fazer homem nas mais diversas performances de gênero” (DUQUE, 2016, p. 204) para se atender aos diversos critérios estipulados e normatizados pela sociedade. Outra questão cotidianamente vivida pelos homens trans em seu processo de aceitação social é a “passibilidade cis” caracterizada por Nascimento (2019) como sendo:

[...] uma forma de pessoas trans conseguirem exercer estéticas e comportamentos esperados, neste caso, apenas de sujeitos homens, mas com menores ou sem riscos de constrangimentos, podendo haver a possibilidade do uso de elementos masculinos que determinado sujeito trans não chega a gostar, mas utiliza para melhor misturar-se na multidão ou emanar respeito, como ir frequentemente à academia.” (NASCIMENTO, 2019, p. 100).

Domingues (2019) concorda com a discussão da “passibilidade cis” ao considerar que além das dificuldades para a convivência em sociedade “a vida afetiva também pode ser um processo doloroso para os homens trans”. (DOMINGUES, 2019, p. 4). Isso ocorre devido às barreiras causadas pelas características físicas

masculinas impostas socialmente e, principalmente, porque “a fetichização sobre os corpos dos homens trans afasta as pessoas cis, dificultando a realização de um relacionamento duradouro” (DOMINGUES, 2019, p. 4). Ainda relativo às questões estéticas e ao desejo sexual que fetichiza os corpos de homens trans, Duque (2016) considera que ambos correspondem:

[...] às expectativas históricas e convenções mais hegemônicas do que se entende como belo, e, ao mesmo tempo, o quanto ser desejável também garante reconhecimento. Jovialidade, branquitude, estilo que esconde as marcas da classe social desprivilegiada, juntamente com uma discreta masculinidade para quem passa por homem, são o que mais se percebe na identificação dos mais belos/desejados. (DUQUE, 2016, p. 208).

A partir desses apontamentos é possível apreendermos que além das questões propriamente ligadas aos padrões de gênero socialmente impostos, existem inúmeras outras formas de segregação e violência que pesam sobre e assujeitam os corpos trans.

A fim de escapar dessa realidade, Almeida (2012) observou que a autoidentificação dos homens trans tem ocorrido, sobremaneira, em comunidades virtuais. Isso se torna evidente no contexto brasileiro, haja visto que nossa sociedade quase sempre desconsidera a possibilidade da transição do gênero feminino para o masculino (ALMEIDA, 2012).

Ampliando essa discussão, o autor ressalta que o uso em larga escala da testosterona pelos homens trans, muitas vezes sem acompanhamento médico, acaba oferecendo a eles uma via para se tornarem fisicamente mais próximos do modelo de “corpos masculinos” preconizado pela sociedade. Contudo, em razão da invisibilização imposta aos homens trans, até para usarem a testosterona – formas de aplicação, dosagens, marcas e efeitos – é comum que muitos deles recorram a blogs e a canais do YouTube mantidos por outros homens trans que compartilham suas vivências a fim de terem uma referência mais próxima da realidade por eles vivenciada, informando-se acerca dos medicamentos mais utilizados e dos processos a serem realizados para se alcançar corpos mais masculinizados.

Isso fica evidente na pesquisa realizada por Solka e Antoni (2020, p. 8) que, ao investigarem a busca de homens trans por processos que supririam suas demandas

transmasculinizadoras, chegaram à conclusão de que esses sujeitos “quase não existem” no contexto das políticas públicas de saúde. Ademais, perceberam que “são poucos os estudos que abrangem um olhar específico ao grupo”, posto que a maior parte do volume de estudos realizados tem seu foco voltado para “as mulheres trans ou as questões relacionadas com os procedimentos cirúrgicos da transgenitalização e ao risco de infecção por HIV” (SOLKA; ANTONI, 2020, p. 8). Por conseguinte, não consideram os processos de hormonização e as demandas cirúrgicas utilizadas no processo transexualizador de homens trans.

Essa invisibilização dos homens trans no âmbito do sistema de saúde faz com que muitos deles, na busca por corpos mais masculinizados, os quais facultariam sua passabilidade social, se submetam a inúmeros outros procedimentos voltados a:

[...] alcançar o corpo idealizado, muitas vezes, relacionado a um padrão de corpo cisgênero masculino. Do mesmo modo que as modificações corporais constituem estratégias de (re)produção do gênero a fim de possibilitar o reconhecimento e a aceitação em determinados contextos para homens cis, elas também assumem importância similar no que diz respeito aos homens trans. Entretanto, elas não constituem demandas universais e não são igualmente requeridas entre os homens trans. (SOUSA; IRIART, 2018, p.5).

Embora essas situações e contextos tenham ficado mais explícitos na contemporaneidade, Mello *et al.* (2011) já haviam apontado que travestis e transexuais são dois grupos de sujeitos que há muito padecem com a escassez de políticas de saúde específicas para eles. Segundo os autores essa precariedade de acesso ocorre devido a esses sujeitos reivindicarem

[...] um atendimento especializado para demandas que não se colocam para outros segmentos populacionais (alterações corporais associadas ao uso de hormônios e silicone, por exemplo), mas também pela intensidade da homofobia que costuma incidir sobre estes dois grupos identitários, especialmente quando também são discriminados a partir de outros marcadores sociais, como níveis de renda e de escolaridade, raça/cor e aparência física, entre outros” (MELLO *et al.*, 2011, p. 21)

Embora o estudo de Mello *et al.* tenha sido publicado há 10 anos, pesquisas atuais ainda referendam a dificuldade de acesso ao sistema de saúde pela

comunidade trans, evidenciando o impacto que isso acarreta a vida desses sujeitos. De forma complementar, Sousa e Iriart (2018) apontam que essa negligência em relação às pessoas trans está calcada, nos seus mais distintos aspectos, em manifestações transfóbicas. Apesar disso, esses autores acabam por ressaltar que:

Esse arraigado e complexo mecanismo de violência e aversão às pessoas trans dimensiona e organiza os modos como se constituem as práticas de cuidado e as possibilidades de construção das estratégias que permitam aos homens trans alcançar soluções para as suas necessidades e demandas de saúde (SOUSA; IRIART, 2018, p. 4).

Indo além de um prognóstico teórico ou meramente circunstancial, os autores apontam três aspectos a serem socialmente trabalhados como meio para se proporcionar o devido acesso à saúde aos homens trans, quais sejam:

#### **Quadro 2 - Aspectos sociais que impactam o acesso à saúde para homens trans**

Aspectos Observados	Descrição
<p><b>Despatologização das vivências trans</b></p>	<p><b>Problemas Enfrentados:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O fato de que “Nos espaços de saúde, para terem suas identidades reconhecidas, os homens trans são compelidos a um processo de patologização”;</li> <li>• Suas questões são tratadas a partir de um laudo psicológico ou psiquiátrico;</li> <li>• O sujeito é lido a partir da manifestação de sua patologia (doença). E a partir disso são oferecidos os cuidados necessários, sejam a hormonização, a cirurgia ou avaliações clínico-laboratoriais;</li> <li>• “De modo falho e falso, é a patologia que orienta o destino dos homens trans nos serviços de saúde”.</li> </ul> <p><b>Propostas para melhorar o acesso a saúde:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Despatologização;</li> <li>• Exclusão das classificações dessas experiências como patologias na Classificação Internacional de Doenças;</li> <li>• Exclusão das definições “que patologizem essas vivências, como a disforia de gênero no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais”;</li> <li>• Redefinição das práticas de cuidado;</li> <li>• Eliminação dos planos terapêuticos impositivos ou compulsórios;</li> </ul>

Aspectos Observados	Descrição
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desconstrução do padrão universal de ser humano assumido pelo campo da saúde, passando a ter, também, como referência as experiências de pessoas trans;</li> <li>• Respeito à utilização do nome social nos meios de acesso à saúde;</li> <li>• Maior disseminação de “informações de qualidade sobre o que é a transgeneridade e a diversidade com que ela se expressa”;</li> <li>• Diminuição das barreiras “socioterritoriais”.</li> </ul>
<b>Modificação corporal</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Normalmente refere-se à tentativa de atender aos padrões de corpo idealizado para um cisgênero masculino;</li> <li>• Representa uma possibilidade do reconhecimento e aceitação em determinados contextos sociais;</li> <li>• Está relacionada a um sentimento de aceitação e proteção;</li> <li>• <b>Hormonização:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Uso de testosterona sem acompanhamento médico;</li> <li>○ Representa a “possibilidade de possuir no corpo e expressar por meio dele a masculinidade sentida e vivida”;</li> <li>○ Tentativa de suprimir as características socialmente reconhecidas como femininas;</li> <li>○ Inexistência de regulamentação para distribuição e uso dos medicamentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS);</li> </ul> </li> <li>• <b>Cirurgias:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ "as primeiras cirurgias transgenitalizadoras foram duramente criticadas e caracterizadas como contribuições médicas a práticas de mutilação, mesmo quando requeridas. Hoje, a institucionalização de práticas cirúrgicas como única via de legitimação das vivências trans, desqualifica a pluralidade de experiências e os modos como cada corpo é construído”;</li> <li>○ Existe uma ausência de tecnologias que possam garantir a “realização de uma transgenitalização segura para os homens trans” e o “risco de perda de prazer” é apontado como uma das justificativas para pouca procura por procedimentos cirúrgicos;</li> <li>○ As cirurgias são vistas pelos sujeitos trans como uma forma de atingirem um “bem-estar físico e psíquico”, isso porque, além de se sentirem livres das características que os remetem ao feminino, as mudanças corporais trazem maior segurança devido a frequentes agressões e ataques transfóbicos sofridos pela comunidade trans.</li> </ul> </li> <li>• <b>Recursos sociais e culturais de produção do gênero desejado:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Uso de recursos como “binder/faixas, os cortes de cabelo, a utilização de vestuário específico e fármacos (principalmente, o</li> </ul> </li> </ul>

Aspectos Observados	Descrição
	<p>Minoxidil, um vasodilatador utilizado para facilitar a saída da barba)” como meio de reproduzir as características aceitas como masculinas;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Escassez de informações que auxiliem na utilização de próteses e que notifiquem de forma clara suas contraindicações.</li> </ul>
<b>Atendimentos Ambulatoriais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existe uma alta demanda por especialidades médicas e de exames laboratoriais para acompanhamento das mudanças corporais durante o processo de Hormonização;</li> <li>• Demanda por atendimento psicoterápico para auxiliar os sujeitos na compreensão das “vivências e dos sentidos das transmasculinidades, sobretudo porque o contexto de violência que os envolve é vasto, partindo da família, dos espaços escolares, de saúde e dos demais espaços públicos e privados”.</li> </ul>

**Fonte:** Sousa e Iriart (2018, p. 4-8).

Ao discutir a despatologização do processo transexualizador, Braz (2017) afirma que no Brasil, mesmo entre ativistas trans, não há um consenso a respeito dos impactos que isso traria para as pessoas trans, muito em função do “medo de se perder o acesso aos procedimentos que compõem o Processo Transexualizador no âmbito do SUS (Sistema Único de Saúde)” (BRAZ, 2017, p. 8). Embora não concordem com o enquadramento da transexualidade como uma questão patológica, muitos homens trans se veem na condição de sujeição a essa patologização para terem suas demandas atendidas pelo sistema público de saúde, mesmo que esse processo seja psicologicamente invasivo e ofensivo.

Há, ainda, aqueles que, devido aos efeitos colaterais do processo de hormonização como a possibilidade de engordarem, optam por trabalhar a construção de um corpo masculino a “partir do uso de roupas e do próprio comportamento” (SOUSA; IRIART, 2018, p. 6). A utilização dos hormônios demanda cuidados com a “qualidade do hormônio, o ciclo de realização, o modo como ele é aplicado e o [não] acompanhamento do ciclo produz questões e possíveis agravos à saúde dos homens trans” (SOUSA; IRIART, 2018, p. 4-6). O problema da utilização dos hormônios se agrava principalmente quando os sujeitos se sentem obrigados a se automedicarem devido à precariedade do atendimento de saúde, principalmente para aqueles que vivem em áreas sem atendimento gratuito.

Por tudo isso a disseminação e o acesso a informações qualificadas sobre as diferentes expressões transexuais são apontados pelos autores como um grande passo no processo de aceitação, visibilização e reconhecimento tanto social quanto intersubjetivo desses sujeitos. Isso porque, muitas vezes os indivíduos vivem como “lésbicas masculinizadas” por não conhecerem as possibilidades que os garantiriam o direito de serem vistos e reconhecidos de fato como homens. Além disso, a disseminação de informações que tratam especificamente da realidade desses sujeitos pode contribuir, sobremaneira, “na formação e qualificação das/os profissionais de saúde que farão o atendimento destes homens trans” (SOUSA; IRIART, 2018, p. 4-5).

Ainda acerca disso, é importante evidenciarmos que, embora as cirurgias corporais tenham se tornado mais acessíveis para todas as camadas sociais por serem realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), Sousa e Iriart (2018, p.7) ressaltam que para conseguir realizar o processo transexualizador nas unidades públicas de atendimento, os homens trans precisam iniciar esse processo “a partir dos 18 anos, passar por dois anos de acompanhamento terapêutico a fim de obter o laudo que lhe determine apresentar o CID F-64<sup>32</sup>”. Para os sujeitos que residem em cidades nas quais o processo transexualizador não é realizado pelo SUS, vemos claramente suas demandas serem transformadas em mercadorias, levando-os a recorrer a iniciativas privadas a um custo expressivamente dispendioso.

Contribuindo com o debate sobre a falta de acesso aos centros de saúde pública especializados em atender às demandas do processo transexualizador, Rocon *et.al* (2019) consideram que a população trans tem sido as vítimas preferenciais da

[...] marginalização social, discriminação e violência, levando à perda de toda a rede de apoio familiar, bem como dificuldades em se inserir no mercado de trabalho formal, elementos que, em outro contexto, poderiam auxiliar financeiramente na busca pelos recursos para transformação do corpo” (ROCON *et al.* 2019, p. 5).

---

<sup>32</sup> A categoria F64 no CID (Código Internacional de Doenças) refere-se a transtornos da identidade sexual e faz parte do grupo compreendido entre F60 e F69 e do Capítulo V do livro CID 10. Em 2018 a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou, durante lançamento da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 11), a retirada dos transtornos de identidade de gênero do capítulo de doenças mentais. Com a mudança, o termo passa a ser chamado de incongruência de gênero, estando inserido no capítulo sobre saúde sexual. Essa nova classificação acontece 28 anos depois da decisão de retirar o termo homossexualidade da lista de doenças, no dia 17 de maio de 1990.

Somado a isso, os autores reforçam “a necessidade de deslocamento em direção às áreas onde há oferta dos serviços” (ROCON *et al.* 2019, p. 5) como outro fator que impossibilita a organização financeira desses sujeitos. Razão pela qual incluem a dispersão geográfica dos serviços em capitais e na região sul e sudeste no rol dos marcadores sociais da diferença que contribuem para a desigualdade no acesso a direitos básicos pelas pessoas trans.

No que diz respeito à autorreferenciação dos homens trans como homens cis, Sousa e Iriart (2018, p.4) consideram que

[...] o reconhecimento nas relações estabelecidas e a possibilidade de viverem dignamente constituem necessidades que organizam as questões de saúde dos homens trans. Esses tipos de reconhecimentos transitam entre elaborar suas vivências diante de um contexto que invisibiliza ou anula informações sobre as transmasculinidades e a ausência de amparo legal que lhes permita encaminhar questões sem que sejam barrados por burocracias que não contemplam suas existências. (SOUSA; IRIART, 2018, p.4).

Esses apontamentos, combinados às discussões realizadas até aqui, nos permite inferir que a invisibilização dos homens trans é uma questão que deve ser enfrentada por todas as esferas sociais, haja vista que a falta de reconhecimento de seus direitos, de oportunidades e de aceitação afetam diretamente seu bem-estar físico e mental, além de destituírem deles o acesso a direitos sociais básicos. Em face disso, o medo de serem agredidos, a necessidade de se autopoliciarem e a busca por se enquadrarem em padrões cisgênero faz com que eles vivam, quase sempre, à margem do social.

À vista disso e considerando que a visibilidade trans não se restringe ao processo transexualizador, podendo se vincular, também, à existências de espaços nos quais esses sujeitos possam performar suas identidades de gênero e constituírem comunidades de amparo e referência, visualizamos que a internet, especialmente o YouTube e outras redes sociais como o Instagram e o Facebook, acaba sendo eleito e instituída em espaço de “biossociabilidade para os transhomens, onde eles próprios desenvolvem uma “expertise” de si mesmos, produzindo discursos que possibilitam a outros novas práticas de si”. (ÁVILA, 2014, p. 131).

Não por acaso Braz (2018) considera a internet como uma fonte de informação que torna viável e acessível aos homens trans o conhecimento científico e experiências vivenciadas por outros homens trans que passaram ou que estão em situação similar a esses indivíduos. Soma-se a isso o fato de a internet permitir certo anonimato aos usuários, fomentando nesses sujeitos maior sensação de segurança e liberdade para discutirem e buscarem informações que lhes auxiliem a compreender de forma mais ampla, por exemplo, como utilizar os hormônios masculinos, como se dá o processo transexualizador e seus respectivos efeitos físicos e psíquicos, como requerer o reconhecimento do nome social, entre tantas outras questões relacionadas à inserção dos homens trans na vida social sem que nenhum direito lhes sejam negados.

Dito isso, é importante salientar que, no contexto da internet, esses sujeitos, ao compartilharem seu dia a dia e suas experiências de vida, atuam como fontes informacionais. Característica corroborada por Ferreira (2019), para quem uma fonte informacional pode ser "qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informações [...]". Em face disso, mais que falarem de si, eles atuam diretamente nos processos de produção, mediação e disseminação de informações e conhecimentos que potencializam a formação de uma rede diversificada e colaborativa em torno do tratamento de questões intrínsecas à comunidade dos homens trans.

Consequentemente, a internet e as informações produzidas e disseminadas por esses sujeitos passa a ser, para os homens trans, um espaço de busca, produção, mediação, disseminação e apropriação de informações, bem como de fortalecimento dos laços e redes de solidariedade tecidos entre sujeitos que compartilham histórias semelhantes e que enfrentam lutas coletivas.

A partir dessa constatação, discutiremos no próximo capítulo o que são esses processos de produção, mediação, disseminação e apropriação da informação na internet e como os homens trans têm aderido às mídias digitais, particularmente à plataforma do YouTube, para produzir e acessarem informações mais qualificadas sobre o universo transmasculino, convertendo-se, assim, em protagonistas das dinâmicas e demandas informacionais concernentes a si mesmos e às suas demandas coletivas.

### 3 CAPÍTULO 2 - DINÂMICAS INFORMACIONAIS: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS REGIMES DE VISIBILIDADE NO YOUTUBE

*É necessário alertar que reconhecer a importância das redes digitais não equivale a atribuir tudo o que se passou a elas, pois essas plataformas apenas reconfiguram a comunicação, tornam mais visíveis e amplificam contradições sociais e políticas preexistentes<sup>33</sup>.*

---

<sup>33</sup> MISKOLCI, 2021, p. 30

Este capítulo tem por centralidade a demarcação de dois importantes operadores conceituais a partir dos quais buscamos compreender os regimes de visibilidade instaurados no e pelo YouTube, quais sejam: fluxos informacionais e dinâmicas informacionais. Para tanto, estabelecemos um diálogo inicial com Henriette Ferreira Gomes (2017, p. 31), para quem a informação deve ser compreendida como “conhecimento em estado de compartilhamento”, chave de leitura que nos permitiu apreender de forma mais ampla como as dinâmicas de produção, circulação, disseminação, mediação, uso e apropriação da informação são mobilizadas em ambientes digitais como o YouTube e, de forma mais específica, em canais como o do *youtuber* Lucca Najar, objeto de nossa pesquisa.

Discussão complementada pelos apontamentos de Burgess e Green (2009), Amaral Filho (2016), Araújo (2017), Gillespie (2018), Lima (2020), Miskolci (2014, 2021) e outros pesquisadores que têm analisado tanto os usos e formas de interação que essa plataforma proporciona aos seus usuários, quanto o impacto dos algoritmos e da monetização para a visibilidade, agenciamento e mesmo a performatividade de sujeitos e corpos que sofrem “reconhecimento indevido” (BUTLER, 2016b, p. 28) como no caso das pessoas trans.

### **3.1. Informação: fluxos e dinâmicas em ambientes digitais**

Com o propósito de mobilizar o debate acima indicado, evocamos uma formulação já clássica no âmbito dos estudos informacionais:

O conhecimento compartilhado por meio da sua materialização (informação) permite sua retomada, sua revisão e a reflexão potencializadora da construção de novos conhecimentos ou até mesmo da reconstrução daqueles anteriormente estabelecidos. Nesse sentido, compreende-se aqui a **informação como conhecimento em estado de compartilhamento, que se caracteriza como produto do esforço de colocar em comum, o que move a ação comunicativa, guardando em si a própria potência promotora de novas ações de comunicação, a partir das quais podem emergir revisões e até a geração de novos conhecimentos.** (GOMES, 2017, p. 31, grifo nosso).

Ao demarcar as potencialidades dessa definição, Henriette Ferreira Gomes (2017) ressalta que a informação possui em si uma potência, a qual se expressa

no cerne das relações comunicativas posto pressupor a dimensão do compartilhamento. Por meio dessa concepção a autora evidencia que a informação se constitui em um elemento mobilizador do “esforço de colocar em comum” (GOMES, 2017, p. 31) aquilo que move as ações de comunicação, fazendo-se presente e agenciando os distintos fluxos e dinâmicas que envolvem desde sua produção, circulação e disseminação até as práticas de mediação e apropriação (da informação e do conhecimento). Embora dispostos em um ordenamento linear, esses fluxos informacionais possuem e apresentam diversas nuances entre si, muitos deles dependentes dos contextos e dispositivos onde são estruturados, condição que, dado sua matriz relacional, impacta no modo como os agentes que os mobilizam se inserem, interagem entre si ou têm sua participação excluída desses fluxos.

Não sem razão, Almeida Júnior e Santos (2019, p. 99) ressaltam que a “trajetória da informação não possui uma única trilha, um único caminho. No seu ciclo de vida – lembrando que a morte não faz parte dessa “biografia” –, a informação tem inúmeras bifurcações”. Por conseguinte, para eles, após a produção da informação,

[...] ela vai se desdobrando. Cada sujeito que dela se apropria, a recebe a partir de um único caminho, mas diferente de todos os outros caminhos pelos quais a informação circula. Talvez o termo circular não seja apropriado, como também não o é o termo linear. Quando estudamos informação, a entendemos, a partir de sua produção, como sendo apenas uma. De fato, ela nunca foi apenas uma, nem mesmo quando oriunda do conhecimento de alguém. Assim, após disseminada, ela vai seguindo por uma quase infinidade de caminhos, embora, quando apropriada, será sempre exclusiva. Todos os significados recebidos e incorporados – diferentes em cada trajeto, em cada “vida” – darão a ela a propriedade de ser única. De igual modo, não há uma trilha correta, natural. (ALMEIDA JUNIOR E SANTOS, 2019, p. 99).

Concordando com Gomes (2017) e Almeida Júnior e Santos (2019), esclarece-se que no âmbito da nossa pesquisa o estudo da informação – de seus fluxos e dinâmicas – pressupõe mostrar-se atento às múltiplas dinâmicas que incidem sobre sua produção, modos de circulação e disseminação, bem como

sobre o acesso e sua apropriação por um grupo de sujeitos específicos (pessoas trans), em um contexto também demarcado: o ambiente digital.

Isso decorre do fato de a dissertação em tela tem por objetivo analisar as dinâmicas de produção e apropriação da informação suscitadas pelo canal do *youtuber* trans Lucca Najar, tratando-se, pois, de uma ação comunicativa instaurada no espaço das mídias sociais digitais. Em face disso, a presente seção foca em delimitar conceitualmente o que se entende por produção, circulação, mediação, disseminação e apropriação da informação a partir do uso de tecnologias informacionais em contextos digitais.

Começando pela produção nesses ambientes, é preciso acentuar que ela ocorre de maneira distinta e com diferentes parâmetros de qualidade e fidedignidade se comparado ao mundo analógico. Isso porque da mesma forma como existem canais e plataformas que se preocupam com a veracidade do conteúdo informacional disponibilizado, existe nas redes um auto índice de informações falsas sendo disponibilizadas e disseminadas sem nenhum critério ou filtro tanto pela população em geral quanto por instituições e pelo próprio Estado. Isso se agrava devido à facilidade de acesso e à expansão geográfica possibilitada pela fluidez da internet. Na percepção de Almeida Junior e Santos (2019) a

[...] velocidade com que a informação e o conhecimento são disseminados provocam novas necessidades e novas demandas em que o acesso à informação não é mais suficiente para suprir as necessidades dos sujeitos, sendo estes considerados não somente consumidores de informação, mas também produtores dela. (ALMEIDA JUNIOR E SANTOS, 2019, p. 96)

Conforme destacado pelos autores, o ambiente digital permitiu que os usuários se tornassem não apenas receptores ou consumidores passivos de informação, mas, também, produtores de conteúdo. Ação prática que pode ocorrer inclusive em tempo real com *lives* e publicações instantâneas que são acessadas, visualizadas e compartilhadas em questão de segundos para milhares de outros usuários, os quais, por sua vez, podem gerar novas interações e compartilhamentos. Sobre isso, Leite (2019, p.16) ressalta que no ambiente online a “circulação de informação provoca uma constante necessidade de atualização e

consumo de conteúdo”. Trata-se, assim, de uma corrida para manter as informações atualizadas e engajar as interações possibilitadas pelas plataformas digitais.

Ademais, com a disponibilização da informação online o acesso e conseqüentemente a circulação da informação foram amplificados e estendidos para diferentes grupos sociais, muitos deles até aqui invisibilizados e marginalizados por questões financeiras, políticas, sociais, tecnológicas e/ou culturais. Atentando para isso, Fachin (2013, p.26) sinaliza que a aceleração da produção e da circulação de informações possibilitada pelas interações online gerou uma massa informacional constante que demanda novas necessidades de gerenciamento e organização de um acervo multifacetado e “volúvel” constituído por “estoques informacionais” que requerem ordenamento, seleção e formas específicas de armazenamento, mediação e disseminação a partir de “um sistema de interesse de um público com interesses em comum” (FACHIN, 2013, p. 26).

Esse crescente estoque de informações disponibilizado e compartilhado online demanda, ainda, novas práticas para mediação entre o(s) usuário(s), os produtores e os dispositivos onde a informação é gerida e posta em circulação. Não por acaso, para Fachin (2013, p. 27), a mediação da informação tem “a finalidade de auxiliar na recuperação e de minimizar o tempo para a obtenção da informação”, almejando, conseqüentemente, maximizar o potencial de recuperação de informações relevantes para o efetivo uso pelo usuário, bem como formar estoques informacionais capazes de atender e agenciar interesses e demandas específicas. Sendo assim, as dinâmicas de mediação podem ser aqui definidas como

[...] um processo realizado por mediadores que podem ser humanos ou agentes inteligentes (softwares), realizado em sistemas da web ou presencial. A mediação da informação passou a ser a conexão entre o coletivo e os indivíduos, realizada para potencializar acesso ao acervo informacional. (FACHIN, 2013, p. 34).

Por estar inscrita na esfera da(s) conexão(ões), Almeida Junior (2009) entende que a mediação da informação pressupõe uma “ação de interferência” na realidade dos múltiplos agentes que mobilizam – implícita ou explicitamente – o

processo comunicacional: usuários, profissionais da informação, suportes informacionais, produtores da informação, mídias utilizadas, meios em que são disponibilizadas e, também, o conjunto da infraestrutura e dos equipamentos adotados em seus múltiplos processos de concretização.

Por sua vez, naquilo que tange à apropriação da informação, Martínez-Ávila considera que por meio da internet “temas às vezes restritos à esfera privada ganharam destaque na esfera pública, concedendo espaço e dando voz a inúmeros sujeitos ou grupos sociais”. (MARTÍNEZ-ÁVILA *et al.*, 2020, p. 2). Para o autor, na medida em que a informação é disseminada, sua apropriação depende, pois:

[...] da situação e do contexto em que ambos (receptores e emissores) estão inseridos. Desse modo, a efetiva apropriação da informação depende de como e onde ela é disseminada, além da história de vida das pessoas envolvidas nesse processo, dos seus conhecimentos prévios, bem como das suas possibilidades de acesso às tecnologias. (MARTÍNEZ-ÁVILA *et al.*, 2020, p. 4).

Considerando o YouTube como uma dessas tecnologias, a qual dispõe de um espaço interativo e comunicativo capaz de promover diálogos, discussões e outras interações de mediação entre pessoas interessadas em diversos assuntos ou em um assunto específico como a questão trans, considera-se que essa plataforma tem a possibilidade de viabilizar aos sujeitos trans – corpos muitas vezes tratados como fora da normalidade – a oportunidade de publicizarem seus conhecimentos, demandas informacionais, histórias de vida e lutas por direitos e reconhecimento. Mais que isso, uma vez que o traçado desse processo sinaliza

[...] a existência de percursos complexos de interação entre sujeitos, dos sujeitos e as linguagens, dispositivos e conteúdos informacionais, processo que implica em atividade, movimento, tomada de posição e consequente manifestação de oposições, demandando o nascimento e o exercício do protagonismo social, colocando em foco, como ponto-chave desse processo complexo, a interação humana. (GOMES, 2017, p. 32).

Contudo, conforme anuncia a autora, tratar as plataformas de mídias sociais como o YouTube enquanto esferas comunicativas capazes de viabilizar o protagonismo social de sujeitos, grupos ou mesmo instituições por meio do

agenciamento dos processos de produção, circulação, mediação, disseminação e apropriação da informação implica considerar que essas dinâmicas colocam em um mesmo plano discursivo e de ações práticas interacionais diversas estabelecidas em torno dos *youtubers*, do seu público e da própria plataforma. Isso acena para o fato de que a maior ou a menor visibilização desses agentes está diretamente relacionada à quantidade de visualização e inscritos em cada canal. Chamamos atenção para esse aspecto porque, nessas plataformas, a informação produzida é apresentada e se reverbera tanto nos vídeos publicados quanto nos comentários dos interlocutores, nas descrições das publicações, nos *feeds*, *stories*, estatísticas e links vinculados a outras mídias como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *TikTok*, entre outros.

Por conseguinte, quando observamos as interações praticadas tanto pelos *youtubers* quanto pelos interlocutores inscritos em seus canais nos tornamos aptos a evidenciar a instauração de processos dialógicos e colaborativos de produção da informação, os quais, por sua vez, impactam na disseminação, na mediação e na apropriação das informações tratadas. Nesses termos, para que esses processos, possam ser apreendidos faz-se necessário especificar que, nesta pesquisa, dinâmicas de apropriação da informação são tratadas como:

[...] um processo no qual o sujeito “torna seu” um objeto do mundo, ajustando-o, moldando-o a si, atuando afirmativamente nos processos de negociação com os signos, com a cultura. Nesse processo, o objeto material ou não, sofre um deslocamento espaço-temporal promovido pelo sujeito, que pode alterar ou confirmar o sentido dado pelo seu ambiente de origem, ou seja, pode ressignificar o mundo que lhe chega, a partir de suas percepções, suas expectativas e seus interesses das e pelas atividades. (BATISTA, 2014 p. 57).

Mesmo que seja arriscado afirmarmos que a apropriação da informação acontece quando os sujeitos que interagem com e nesses ambientes digitais curtem, comentam e compartilham certos vídeos, posto tratar-se de um processo individual que envolve múltiplas instâncias e estratégias de produção de sentido, ou seja, uma “[...] construção de subjetividade na relação com o objeto e também uma produção de objetos a partir da subjetividade do sujeito” (BATISTA, 2018, p. 229), ao verificarmos as formas de comunicação que ocorrem na plataforma é possível observarmos que

os comentários mobilizados a partir dos vídeos publicados fornecem indícios reveladores do potencial que esses canais têm de dinamizar tanto a produção de novas informações quanto sua apropriação por outros sujeitos em contextos distintos daqueles que lhe deu origem. Isso porque:

A troca de informação, no que tange à disseminação e à apropriação explícitas da informação, mediante a presença do usuário, pode ser constatada no ambiente dos *vlogs* [e do YouTube] quando há interação entre os produtores de conteúdo e os usuários via comentários. Além disso, pode ser percebida quando ambos discutem o conteúdo postado, inserindo complementos ou discutindo possíveis temas. (MARTÍNEZ-ÁVILA *et al.*, 2020, p. 9 – entre colchetes nosso).

Abordar a apropriação da informação a partir dessa perspectiva nos permite apontar que o YouTube, por intermédio das dinâmicas e fluxos informacionais suscitados enquanto dispositivo de comunicação e interação, tende a ampliar certos processos vinculados à visibilização das pessoas trans uma vez que proporciona a elas certa “liberdade” para aparecerem publicamente nas fendas abertas pela tecnologia em uma sociedade marcadamente heteronormativa. Ao fazer isso, a Plataforma viabiliza – não pacificamente, é claro – que essas pessoas construam um espaço (um canal) onde podem falar de si e para si, compartilhando experiências interpessoais e sociais, bem como produzindo informação e agenciando conhecimentos de interesse comunitário e coletivo. Não por acaso Stephanie Lima (2020) observa que:

[...] impulsionado pela disposição para falar abertamente sobre suas trajetórias de vida e pelo questionamento contundente à maneira como são invisibilizadas, o diálogo entre as youtubers e seguidoras/es pode contribuir para a transformação de percepções e valores sobre a experiência trans. (LIMA, 2020, p.1).

Isso se dá, entre outros marcadores de visibilização, em função do fato de alguns *youtubers* arregimentarem em torno de si muitos seguidores e por mobilizarem conteúdos e informações notadamente endereçados a esse segmento populacional, o que de certa forma não ocorre com frequência e nem com uma abordagem explícita

em outros canais tradicionais de comunicação. Percepção compartilhada com Carolina Bonoto (2021, p.21), cujas conclusões de suas pesquisas

[...] apontam o ambiente digital como um espaço fundamental na mediação e construção identitária [das pessoas LGBT, o que pode ser estendido às pessoas trans], sobretudo no momento de autoaceitação e saída do armário. Mesmo que com ressalvas às assimetrias existentes nas condições de acesso às novas tecnologias, a internet se destaca pela potencialidade em criar espaços de acolhimento, interação e sociabilidade entre pessoas que compartilham vivências semelhantes. (BONOTO, 2021, p. 21 – entre colchetes nosso).

Em face disso, mesmo que canais tradicionais de comunicação como a televisão, rádio, jornais e revistas intentem abordar essas pautas em alguns programas ou matérias – muitas vezes o fazendo de forma superficial e enviesada, posto não considerarem a diversidade das comunidades trans e LGBT – é preciso ter em vista a restrição interativa que eles possuem, o que é minimizado nas mídias digitais, resultando em maior presença, deliberação e reverberação tanto de sujeitos e grupos, quanto de discursos historicamente marginalizados em seus espaços. Miskolci (2021, p. 39) também compreende dessa forma e acrescenta:

O “identitarismo” dos movimentos brasileiros de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersex e outros/as (LGBTQI+) é muito anterior à internet, mas ganhou força por meio da nova geração de ativistas que cresceu conectada e se introduziu na luta política na década de 2010. (MISKOLCI, 2021, p. 39).

Tendo em vista essa argumentação, avaliamos que as dinâmicas de produção e de apropriação da informação empreendidas por certos sujeitos ou grupos de sujeitos em canais “informais” como os mantidos na plataforma de vídeos YouTube são cruciais para uma melhor compreensão das especificidades e demandas de públicos marginalizados e, também, para a promoção de sua visibilidade social. Isso porque, por meio de interações como comentar um vídeo, replicá-lo em outras redes sociais, responder a um comentário, produzir ou demandar a produção de outro vídeo com conteúdo específico, as pessoas trans podem tornar visíveis certos assuntos, medos e demandas informacionais que,

transpondo a esfera individual, acabam sendo convertidas em pautas de um debate público.

Dito de outra maneira, como essa relação “se constrói frequentemente de forma mútua: aqueles que publicam e aqueles que acessam influenciam-se reciprocamente” (ZILLER, 2011, p. 105), entendemos que as interações no espaço do YouTube ajudam a conformar certos regimes de visibilidade assentados em fluxos informacionais interativos que se caracterizam, nos dizeres de Henriette Ferreira Gomes (2017, p. 31), “como produto do esforço de colocar em comum, o que move a ação comunicativa, guardando em si a própria potência promotora de novas ações de comunicação”. Nas seções abaixo buscamos acrescentar novos argumentos à essa discussão.

### **3.2 O YouTube**

Criado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o YouTube é uma plataforma online projetada com o objetivo de diminuir as barreiras técnicas em torno do compartilhamento de vídeos na internet (BURGES; GREEN, 2009). Já em seu lançamento foi caracterizado como um ambiente online no qual os usuários, cadastrados gratuitamente, podiam realizar uploads, compartilhamentos e acesso aos vídeos disponibilizados na plataforma. Os vídeos podiam ser produzidos por empresas e especialistas ou criados pelos próprios usuários como um serviço de streaming de produção caseira. Segundo Burges e Green (2009) a plataforma, em seu início, ofereceu como funções básicas a viabilidade dos internautas conectarem-se entre si e, por meio das funções de geração de URLs e códigos HTML, compartilharem vídeos disponíveis em outros sites.

Amaral Filho (2016), em pesquisa que estudou as relações instituídas entre os meios a partir dos quais ocorrem o relacionamento entre os indivíduos, tendo por foco os computadores, a *web* e seu comparecimento em peças publicitárias produzidas para o YouTube, apontou que desde sua criação a plataforma vem crescendo e expandindo seu campo de atuação. Segundo o autor, o YouTube já passou de:

[..] uma fase na qual investia exclusivamente em um cenário de vídeos pessoais para uma configuração em que esses vídeos ainda

são muito importantes e frequentes, mas passam a conviver com espaços dedicados a marcas, conteúdos oriundos de canais televisivos, gravadoras de música e tantas outras iniciativas organizacionais. (AMARAL FILHO, 2016, p. 130).

Focado em exemplificar algumas dessas alterações e como se deu a expansão da plataforma entre os anos de 2005 a 2015, Amaral Filho elaborou o quadro abaixo, o qual complementamos a fim de destacar as adaptações incorporadas entre 2016 a 2022, data de finalização desta dissertação.

**Quadro 3 - Marcos na trajetória do YouTube**

<b>Data</b>	<b>Fato</b>
<b>Julho/2005</b>	Inserção da localização do vídeo, um hyperlink que encaminha o usuário ao Google Maps.
<b>Agosto/2005</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Botão flag, que denuncia o vídeo em questão como sendo inapropriado ou que viola direitos autorais.</li> <li>• Possibilidade de compartilhar um vídeo a partir de um botão específico.</li> <li>• Criação dos canais, para uma fácil organização e localização de vídeos, que vão além das palavras-chave (tags) definidas pelos usuários.</li> </ul>
<b>Outubro/2005</b>	Visualização em tela cheia.
<b>Janeiro/2006</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Criação de grupos, possibilitando o compartilhamento de vídeos com determinados usuários.</li> <li>• Histórico dos últimos 100 vídeos assistidos pelo usuário.</li> </ul>
<b>Junho/2006</b>	Os canais passam a estar disponíveis a todos os usuários, com alternativas de personalização.
<b>Agosto/2006</b>	Personalização do endereço (URL) dos canais.
<b>Abril/2007</b>	Pesquisa por vídeos dentro das páginas dos canais.
<b>Mai/2007</b>	Envio de e-mail semanal com atualizações dos canais em que o usuário está inscrito.
<b>Junho/2007</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lançamento do YouTube Remixer, em parceria com a empresa Adobe, que possibilita a edição de vídeos.</li> <li>• Versões do <i>YouTube</i> em mais nove países: Brasil, França, Irlanda, Itália, Japão, Holanda, Polônia, Espanha e Reino Unido.</li> </ul>
<b>Novembro/2007</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Carregamento de vários vídeos simultaneamente, com aumento do seu tempo e tamanho, com até 10 minutos e 1GB.</li> <li>• Novas categorias e sugestões de palavras-chave.</li> </ul>

<b>Junho/2008</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Possibilidade de o usuário inserir anotações em seus vídeos.</li> <li>• Nova <i>homepage</i>.</li> </ul>
<b>Novembro/2008</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Autotradução em vídeos com legendas.</li> <li>• Criação dos vídeos patrocinados, serviço para o próprio usuário promover seus vídeos entre sua audiência.</li> <li>• Primeira transmissão ao vivo de um evento.</li> </ul>
<b>Março/2009</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vídeos patrocinados passam a ser chamados de vídeos promovidos.</li> </ul>
<b>Mai/2009</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrada no site com a mesma conta do Google.</li> <li>• Vinte horas de vídeo carregadas por minuto.</li> </ul>
<b>Janeiro/2010</b>	Player em HTML5, dando mais velocidade e novas características.
<b>Mai/2010</b>	2 bilhões de visualizações por dia.
<b>Novembro/2010</b>	Mais de 35 horas de vídeos carregados por minuto.
<b>Dezembro/2010</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nova <i>homepage</i>.</li> <li>• Introdução de anúncios em vídeo TrueView antes da exibição do conteúdo.</li> </ul>
<b>Abril/2011</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Migração do Google Videos para o YouTube.</li> <li>• Lançamento do YouTube Live, uma página para transmissão de eventos ao vivo.</li> </ul>
<b>Novembro/2011</b>	Criação do YouTube Analytics, um aprimoramento do Insight.
<b>Janeiro/2012</b>	60 horas de vídeo carregadas por minuto e quatro bilhões de vídeos visualizados por dia no mundo.
<b>Março/2012</b>	Nova página para os canais.
<b>Mai/2013</b>	YouTube <i>Creators</i> – YouTube lança canal próprio para ajudar os produtores de vídeos a aumentar o número de visualizações e de inscritos no canal.
<b>Outubro/2015</b>	Criação do YouTube Premium, uma versão paga do YouTube sem anúncios comerciais.
<b>Setembro/2016</b>	Lançamento do YouTube Community – uma nova forma dos produtores de vídeos se comunicarem com sua audiência.
<b>Agosto/2017</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reformulação das telas para desktop e mobile.</li> <li>• Mudança nas regras de monetização de vídeos: os canais necessitam ter 10.000 visualizações para serem monetizado.</li> <li>• Validação do conteúdo do vídeo.</li> </ul>
<b>Fevereiro/2018</b>	Mudança nas regras de monetização de vídeos: para que um canal seja monetizado é necessário ter, em um período de 12 meses, mais de 4000 horas de visualização e mais de 1.000 inscritos no canal.
<b>Outubro/2019</b>	Gerenciamento da “fila” de vídeos e controle das recomendações pelo usuário.
<b>Novembro/2021</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fim do “Não Gostei” (dislike) – O YouTube encerrou a</li> </ul>

	<p>visualização de dislikes nos vídeos da plataforma.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Lançamento do YouTube Shorts – função para criação de vídeos curtos que podem ser editados diretamente na versão mobile.</li> </ul>
<b>Janeiro/2022</b>	Inclusão do botão “Valeu demais” - forma de os espectadores apoiarem o canal financeiramente como meio de “agradecimento” pelo conteúdo produzido.

**Fonte:** Amaral Filho (2016, p. 131), adaptado pela autora.

Atualmente a plataforma conta com mais de dois bilhões de usuários, montante que ultrapassa um terço das pessoas que navegam na internet (YOUTUBE, 2022). Está presente em mais de 100 países e viabiliza acesso aos vídeos em aproximadamente 80 idiomas diferentes, totalizando mais de duas bilhões de horas de visualização por dia (YOUTUBE, 2022). Dentre os serviços oferecidos pela plataforma estão:

- (I) **YouTube Creators (2013)** – aplicativo de gerenciamento de canais do YouTube que possibilita o recebimento de notificações, avaliação de estatísticas mais recentes, responder comentários, criar e atualizar imagens em miniatura de vídeos e fotos de perfil;
- (II) **YouTube Premium (2015)** – permite o acesso aos vídeos sem anúncios, uso da plataforma enquanto se navega em outros apps ou com a tela bloqueada, além de possibilitar que os vídeos sejam salvos para acesso posterior sem o uso de rede de internet;
- (III) **YouTube Kids (2015)** – criado para proporcionar um ambiente mais controlado que torna a interação do público infantil mais simples e divertida, além de facilitar a orientação dos pais e cuidadores;
- (IV) **YouTube VR (2016)** – um aplicativo que transforma cada vídeo da plataforma em sua própria experiência de realidade virtual e reinventa o YouTube como um mundo 3D;
- (V) **YouTube Director (2016)** – possibilita a criação de anúncios sofisticados a partir de modelos de vídeos prontos;

**(VI) Youtube Shorts (2021)** – permite a publicação de vídeos curtos de até 60 segundos. (YOUTUBE, 2022).

Adotando por princípios básicos “a liberdade de expressão, o direito à informação e a liberdade para pertencer”, o YouTube afirma acreditar que todas as pessoas devem ter o direito de se expressarem e de encontrar novas comunidades e grupos com os quais se identifiquem, a fim de que isso proporcione o surgimento de novas modalidades de conhecimento, informações e compartilhamentos. (YOUTUBE, 2022).

**Figura 8** - Print da página sobre do YouTube



## Sobre o YouTube

Nossa missão é dar voz a todos e mostrar a eles o mundo.

Acreditamos que todos merecem ter voz e que o mundo é um lugar melhor quando ouvimos, compartilhamos e construímos comunidade por meio de nossas histórias.

**Fonte:** Youtube about (2022)

Em 2021 a *Pesquisa sobre o impacto econômico, cultural e social do YouTube no Brasil*<sup>34</sup> efetuou uma análise estatística multivariada com a intenção de apreender as contribuições da plataforma para o país. Do relatório apresentado, 5 pontos

<sup>34</sup> <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/impacto-economico-cultural-social-youtube-brasil/>

merecem destaques, quais sejam: empreendedorismo, aprendizagem, diversidade, expansão e ajuda durante a pandemia. Sobre eles, Muratori e Moreschi (2021) verificaram que:

- O Youtube é o segundo maior buscador do mundo e há 16 anos vem transformando o entretenimento e a forma de fazer negócios;
- 113 milhões de brasileiros com mais de 18 anos consomem o Youtube mensalmente;
- 99% dos usuários no Brasil relatam utilizar o Youtube para obter informações e conhecimento;
- 94% dos usuários concordam que o YouTube é uma plataforma com conteúdo diversificado;
- 78% dos usuários assentem que o Youtube permite visualizar conteúdos que não são acessíveis por meio das mídias tradicionais.

Adicional a esses pontos, o estudo revelou um aumento do consumo de vídeos online durante a pandemia: “92% dos brasileiros concordam que o Youtube tem sido útil desde o início da pandemia” (MURATORI; MORESCHI, 2021). Isso se deu porque a plataforma alcançou, segundo nossos interlocutores, a dimensão de uma grande esfera de conexões onde “todos os meses, milhares de pessoas acessam a plataforma em busca de informações confiáveis, orientações de saúde, dicas para se exercitar em casa, cozinhar, e até como se organizar financeiramente” (MURATORI; MORESCHI, 2021).

A pesquisa deixou claro, ainda, que o YouTube exerce influência sobre uma parcela significativa da população nacional e que no período pandêmico o uso da plataforma foi amplificado. Não por acaso, Gegrório Fonseca (2022), ao estudar o cenário da (des)informação no YouTube antes e durante a pandemia de Covid-19<sup>35</sup> pôde constatar que:

---

<sup>35</sup> De acordo com SOUZA *et al* (2021, p. 548), “em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi informada de casos de pneumonia de etiologia desconhecida detectada na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China, sendo posteriormente reconhecida como uma doença

Em um momento onde o consumo de vídeo via streaming cresce consistentemente, o YouTube mostra-se cada vez mais representativo e importante como plataforma em aspectos sociais (ao possibilitar a comunicação global entre usuários, a circulação de tendências, a organização de grupos de interesse em comum), políticos (ao servir como plataforma para disseminação de ideias, ferramenta de comunicação de pessoas e grupos públicos), econômicos (ao possibilitar e incentivar diferentes modelos de negócio dependentes da plataforma). (FONSECA, 2022, p. 91).

Com isso, sem perder de vista a missão do YouTube e os atributos operacionais que permitem tanto aos produtores quanto aos internautas formarem grupos de compartilhamentos a partir dos quais certos conteúdos são produzidos, disseminados, mediados e apropriados, vimos a plataforma se fortalecer como um lugar de debates e aprendizados no qual

[...] Vozes diversas como da apresentadora Astrid Fontenelle<sup>36</sup>, da criadora Luci Gonçalves<sup>37</sup> e da artista Linn da Quebrada<sup>38</sup>, reverberaram na plataforma dando alcance a temas tão importantes como combater o machismo, racismo, gordofobia e LGBTQIA+ fobia, entre outras formas de discriminação. (CAMPOS; MORESCHI, 2020).

Agenciamentos presentificados também em diversos canais de *youtubers* trans, os quais, por meio da publicização de suas experiências pessoais e de relatos de outras histórias de vida compartilhadas com eles, alcançaram certa visibilidade capaz de autorizá-los a tratarem na esfera pública de um conjunto de questões até então tidas como tabus ou relegadas à marginalização em outros espaços comunicativos, como é o caso das identidades de gênero, da redesignação sexual, da retificação do registro civil, do uso de hormônios, dos direitos assistenciais e reprodutivos das pessoas trans, etc. Embora a abertura desses espaços esteja longe de resolver

---

infeciosa causada pelo novo coronavírus (COVID19). Essa cidade, de início, foi considerada epicentro mundial, superada pela Itália, que rapidamente acumulou maior número de casos e mortes. [...] Devido ao aumento do número de casos na China e em outros países, a OMS, em 30 de janeiro de 2020, declarou ser uma emergência de saúde pública internacional. Em 11 de março de 2020 foi decretado o estado de pandemia e que todos os países do mundo deveriam fazer planos de contingência". No Brasil, o primeiro caso confirmado foi tornado público em 26 de fevereiro de 2020, em São Paulo. Dessa data até o dia atual, 04/02/2023, o país acumula, segundo números do portal Coronavírus Brasil (<https://covid.saude.gov.br/>), 36.866.658 casos confirmados e 697.345 mortes.

<sup>36</sup> <https://www.youtube.com/c/canaldaastrid>

<sup>37</sup> <https://www.youtube.com/c/LuciGon%C3%A7alves4>

<sup>38</sup> <https://www.youtube.com/c/McLinndaQuebrada>

problemas históricos de discriminação e de não reconhecimento da dignidade da pessoa transgênera, o conteúdo produzido e mediado por esses *youtubers* tem incidido favoravelmente como ferramenta de afirmação do protagonismo social dos sujeitos e da comunidade trans do país.

Mas como qualificar protagonismo social na tessitura do quadro teórico desta pesquisa? Podemos responder a essa indagação esabelecendo um novo diálogo com Henriette Ferreira Gomes (2017), para quem o protagonismo social

[...] representa o caminho humanizador do mundo e, portanto, promissor da construção ética de relações sociais capazes de assegurar o espaço crítico, de dialogia, criatividade e alteridade. [...] O estabelecimento desse espaço crítico, sob o vetor da construção de consensos possíveis e, portanto, sempre provisórios, é dependente da produção, acesso, uso e apropriação da informação. (GOMES, 2017, p. 28).

A despeito disso, é importante entendermos que o YouTube, mesmo sendo um espaço pautado pela liberdade de expressão e capaz de facultar que certos produtores de conteúdo se tornem protagonistas sociais e agenciadores de pautas importantes para sua audiência, não devemos fechar os olhos para outra dimensão dessa plataforma, aquela que responde às lógicas do mercado e do capitalismo neoliberal, trabalhando segundo as regras da mediação algorítmica <sup>39</sup>, responsáveis por determinar a visibilidade de certos canais e conteúdos em detrimento de outros conforme os interesses de algumas marcas ou instituições patrocinadoras. Isso implica acentuar que:

Para atingir uma audiência expressiva e nos induzir ao consumo dos produtos anunciados por suas marcas parceiras, ele [o YouTube e seus dispositivos de mediação algorítmica] nos incentiva a assistir, comentar, compartilhar e seguir as pessoas que comunicam

---

<sup>39</sup> Sendo uma das principais características do bios virtual (Muniz Sodré, 2001), a mediação algorítmica dá-se a ver, em concordância com Marques; Moura e Paula (2022, p. 01), como “instância em que se articulam os dispositivos tecnológicos, a convergência midiática, o uso extensivo da inteligência artificial e dos algoritmos que constituem, como tendência, um universo semiótico concentracionário articulado por tecnologias distributivas de conexões ideológicas, com potência para influenciar as deliberações políticas a partir de outras formas de gerir o mundo comum. Neste contexto, algoritmos podem ser empregados para constituir mediações que estão a serviço da acumulação de riqueza, da dominação simbólica ou da disputa política. Em suma, algoritmos podem assumir a forma de instrumentos de dominação social”.

mensagens de nosso interesse, integrando conteúdos monetizados a diferentes dispositivos – como *smartphone*, *tablet* e televisão. (LIMA, 2020, p. 6).

Com isso, a mediação operada pela plataforma, marcadamente ancorada na economia da atenção <sup>40</sup>, pode ser problematizada sob diferentes óticas. Destacamos como pontos centrais dessas críticas a tendência do algoritmo de recomendação do YouTube privilegiar conteúdos sensacionalistas em detrimento da promoção de conteúdos educativos e informativos. A isso se soma sua parcela de responsabilidade no fomento de ciclos de divulgação de conteúdos extremistas e polarizados que podem vir a provocar um impacto negativo em relação à percepção das pessoas sobre determinadas temáticas, acontecimentos, sujeitos ou comunidades.

Ademais, a dinâmica da economia da atenção no âmbito do YouTube incentiva a produção de conteúdos voltados para a obtenção de cliques e visualizações, muitas vezes à custa da precisão e da integridade informacional. Consequentemente, a mediação exercida pelo YouTube pode ocasionar impactos opostos na sociedade, promovendo a disseminação de informações falsas e a desinformação, acentuando as discordâncias e a emergência de um ambiente de entretenimento superficial em detrimento de conteúdos categorizados como de maior relevância social.

Levando isso em consideração, problematizamos na subseção abaixo como a plataforma corrobora para a visibilidade de canais de pessoas trans que produzem conteúdos de interesse para esse público.

---

<sup>40</sup> A Economia da Atenção é uma forma de gerenciar informações e de tratar a atenção humana como um bem escasso. Cunhado pela primeira vez em 1971 pelo economista, psicólogo e cientista político, Herbert Alexander Simon, o termo explica como a atenção pode ser capitalizada e tratada como uma mercadoria. [...] A Economia da atenção se relaciona diretamente com o comportamento dos usuários, já que, para gerar lucro, precisa que eles se mantenham o máximo de tempo possível atentos às mídias, o que gera diversas consequências. [...] Esta abordagem é frequentemente relacionada ao nicho econômico de produtos e serviços que tem como base a internet, dos quais fazem parte alguns dos maiores conglomerados da sociedade de mercado. Dentro desse âmbito, empresas de receitas bilionárias como Amazon, Netflix, Google e Facebook, as “Big Techs”, disputam um mercado cujo principal objetivo é conquistar a atenção dos consumidores. Para isso, elas fazem uso de uma série de técnicas e estratégias que dificilmente são expostas com transparência, sob o pretexto de se tratar de um “segredo” comercial. (OLEGARIO *et al.*, 2021).

### 3.2.1 O YouTube como plataforma de visibilidade midiática e social

*O fascínio da imagem atinge seu ápice quando nós somos a própria mensagem. Talvez por isso o YouTube seja um irresistível local dessa enorme ágora virtual que, independentemente dos seus problemas e formatos, permite a cada um ser a própria mídia, celebridades do nosso cotidiano. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 9).*

Os *youtubers*, conforme definição estabelecida por Oliveira (2015), são usuários que participam e interagem ativamente da plataforma YouTube. Transpondo essa definição básica, a autora diz que o *youtuber* engajado posta vídeos com frequência e agencia conteúdos pensados para uma audiência específica a qual pode acessá-los por meio de pesquisa ou via “inscrição” no canal. A fim de distender esses marcadores de caracterização, Oliveira (2015) continua:

*Youtuber produz vídeos, geralmente com edições caseiras (gravado em casa, quarto e ambientes que estejam conectados ao tema) sem uma edição complexa (como em programas de TV) ou uma grande equipe de marketing, produção e comunicação. A linguagem visual e verbal fica à cargo do produtor de conteúdo. [...] Youtuber é o usuário que consome conteúdo da mídia e, segundo os critérios de filtragem do seu canal (comentários, compartilhamentos, quantidade de likes ou dislikes), determina qual conteúdo é relevante para ser comentado. Em seguida, produz o vídeo, edita-o e posta no Youtube. (OLIVEIRA, 2015. p. 37).*

Como o ato de publicar vídeos nesta plataforma não exige grandes conhecimentos técnicos e em decorrência da usabilidade do YouTube ser bem intuitiva, essa rede social tem se firmado, cada vez mais, como espaço de promoção da visibilidade, bem como de produção, mediação e disseminação de informações e saberes que interessam a variados sujeitos e coletividades. Modalidade de apreensão que pode ser evidenciada em distintos contextos de interação:

- Entre os produtores: interação que ocorre entre sujeitos que produzem conteúdos para diferentes canais e que, por meio desses canais, estruturam uma rede de cooperação e de promoção de temáticas de interesse comum;

- Entre produtores e Interneutas: por meio de relacionamentos que ocorrem quando um sujeito (não produtor do canal) comenta, compartilha e troca informações e vivências com o produtor e vice-versa;
- Entre os interlocutores que não são produtores dos canais: através de conexões realizadas entre sujeititos que não são produtores do canal por meio de comentários, compartilhamentos e outras trocas de informações ou modalidades de conexões.

Esse conjunto de elementos favoreceu, nos últimos anos, a popularização de canais e *youtubers* engajados ou em busca de mobilizarem engajamentos suficientes para impulsionarem sua própria visibilidade nas redes, fazerem viralizar determinado vídeo, serem alçados à categoria de influenciadores digitais e, claro, monetizarem<sup>41</sup> as pautas que agenciam suas performances e carreiras. Em face disso, é fácil encontrarmos no YouTube milhões de canais e criadores de conteúdos – célebres e/ou anônimos com os mais diversos perfis – que produzem vídeos tratando de alimentação saudável, culinária e bebidas a animais de estimação e meio ambiente; de arte, moda e beleza a educação e ciência; de esportes a filmes e séries de televisão; de jogos eletrônicos e relacionamentos a vida fitness e de organização da casa e da vida financeira, etc.

Nessa realidade estão inscritos, também, os *youtubers* e canais de homens e mulheres trans que, a partir de agendas, enquadramentos e performances muito diferentes entre si, buscam transpor para a cena pública relatos e experiências de vida relativos à sua transgeneridade. Ao fazerem isso e em decorrência da vivência trans ser quase sempre marcada por episódios de opressão e exclusão social, esses *youtubers* e canais, ocupando a posição de sujeitos protagonistas, conseguem, em

---

<sup>41</sup> De acordo com o YouTube, em sua Política de Monetização de Canais, para gerar receitas um canal “precisa seguir as **políticas de monetização da plataforma**. Elas incluem as **diretrizes da comunidade**, os **termos de serviço**, as **políticas de direitos autorais** do YouTube e as **políticas do programa Google AdSense**. Essas diretrizes se aplicam a todos que fazem parte ou que gostariam de entrar no Programa de Parcerias do YouTube, e elas também valem para qualquer um que receber os bônus do **Fundo de recompensa do YouTube Shorts**”. O canal precisa atender, também, às **diretrizes de conteúdo adequado para publicidade**. Essa mesma Política de Monetização informa quais são os principais elementos verificados em cada canal: tema principal; vídeos mais assistidos; vídeos mais recentes; maior proporção de tempo de exibição; e, metadados dos vídeos (incluindo títulos, miniaturas e descrições). Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/1311392?hl=pt-BR>. Acesso: 12 fev. 2023.

muitos casos, alcançar um público que não teria acesso à tipologia de informação que produzem e compartilham em mídias tradicionais.

Sobre esse espaço aberto pelo YouTube, Burgess e Green (2009) concebem a plataforma como um veículo midiático potencialmente capaz de promover a visibilidade de certos temas e seus modos de tratamento pela sociedade, o que contribui em vários aspectos para tornar visível as demandas de sujeitos, grupos e coletividades que não teriam outros meios e instâncias para se expressarem. A essa argumentação devemos somar o fato de o YouTube também nos apresentar:

[...] uma oportunidade de confrontar alguns dos maiores problemas da cultura participativa: a disparidade de participação e de expressão; as aparentes tensões entre interesses comerciais e o bem comum; e a contestação da ética e das normas sociais que ocorre quando sistemas de crenças, interesses e diferenças culturais entram em conflito. (BURGESS; GREEN, 2009).

Posicionamento semelhante foi estabelecido por Araújo (2017) a partir de pesquisa que investigou a representatividade no Youtube de temas sociais sensíveis. Em seu estudo o autor demarca que “indicadores cibernéticos de visibilidade, engajamento e conversão encontrados confirmam o YouTube como dispositivo infocomunicacional na disponibilização e promoção de vídeos com mensagem social e como plataforma de mediação da informação nas interações que mobiliza” (ARAÚJO, 2017, n.p.). Tendo em vista comprovar sua argumentação, o autor avaliou o quanto a audiência interage com esses conteúdos, indicando como resposta que o grau de engajamento com eles e em torno deles pode ser medido pela filiação e “o número de usuários que se inscreveram no canal do artista a partir do videoclipe” (ARAÚJO, 2017, n.p.) e pelo modo como esses usuários reverberam as discussões suscitadas em outras redes sociais.

Foi, pois, atentando para essas dinâmicas interacionais e para o peso que elas exercem nos processos de produção, mediação e apropriação da informação que visualizamos a necessidade de discutir mais detidamente como certos canais do YouTube podem promover a visibilidade de temas antes não discutidos ou pouco difundidos nos meios tradicionais de informação.

Para tanto, começamos por evocar uma definição básica. Segundo o dicionário Michaelis, o termo visibilidade pode ser assim compreendido: (1) atributo ou condição do que é visível; visualidade. (2) capacidade de perceber pelo sentido da visão. (3) qualidade de transparência do ar. (VISIBILIDADE, 2020). No entanto, há também a **(in)visibilidade** que, para Tomás (2012), nasce, no plano social, da consciência de não ver o outro, “como aquele que é invisível aos olhos dos que o rodeiam” (TOMÁS, 2012, p.11), ocorrendo quando algum tipo de reconhecimento social é negado a alguém, fazendo, com isso, que o indivíduo passe a “ser invisível a nível afetivo e/ou jurídico e/ou social” (TOMÁS, 2012, p.12). Avançando em suas análises a autora acentua que:

[...] se considerarmos a ação social de “não ver outrem”, podemos afirmar que o motor desta relação é a intersubjetividade. O “não ver” aparece sob esta luz como uma prática coletiva, comum, quotidiana, mas no fundo a sua significação social conduz-nos a uma sedimentação de certas tipificações. Seguindo esta lógica, assumimos que o ato de “não ver” é uma atividade orientada significativamente. Se agir implica escolher, então o não-reconhecimento de outrem torna-se num ato intencional, sem porém querer dizer que é voluntário. Para compreender a existência de uma alteridade invisível é necessário analisar a coerência do sistema de conhecimento quotidiano, ou seja as sequências e relações típicas que contribuem para a constituição deste fenómeno social. (TOMÁS, 2012, p. 3).

Considerando o ambiente virtual e suas redes de convivência, essa mesma autora assinala, além do exposto acima, que o sentimento de invisibilidade é, paradoxalmente, particular à época contemporânea da hiper-visualização na qual ser visível é quase uma obrigatoriedade. Neste contexto, a ocultação do outro constitui uma alteridade invisível. Partindo dessas formulações, entendemos “visibilidade” como reconhecimento ou tomada de consciência do outro que nos rodeia, seja no domínio das interações face a face ou na ambiência das virtualidades.

Transpondo essa percepção para a esfera da sexualidade e o domínio das questões de gênero, Miskolci considera que:

[...] o regime de visibilidade é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e torna visível certos arranjos amorosos, enquanto controla outras maneiras de se relacionar por meio de vigilância moral, da coibição de sua expressão

pública, em suma, pela manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discrição ou invisibilidade. Um regime de visibilidade traduz uma relação de poder sofisticada, pois não se baseia em proibições diretas, antes em formas indiretas, mas altamente eficientes, de gestão do que é visível e aceitável na vida cotidiana. Assim, um regime de visibilidade é também um regime de conhecimento, pois o que é visível e reconhecido tende a estabelecer as fronteiras do pensável. (MISKOLCI, 2014, p. 62).

Em decorrência disso, esse mesmo autor entende que aquilo que é socialmente reconhecível é iluminado, visível, enquanto o que é menos visível fica na sombra, na relativa invisibilidade ou em uma espécie de marginalidade obscena” (MISKOLCI, 2014, p. 74). Não sem razão, em nossos tempos, a internet é tratada como um “elemento importante na relação entre a sociedade e os movimentos sociais, pois ela possibilita a visibilidade, difunde as informações e possibilita a participação e o engajamento” (MARTÍNEZ-ÁVILA *et al.*, 2020, p.7).

Colocado nesses termos, a internet e suas plataformas passaram a ser utilizadas de maneira recorrente para publicizar e compartilhar informações que transpõem em muitos aspectos o endereçamento e as agências mobilizadas pelas mídias tradicionais. Com isso, não há porque estranharmos que, em relação ao nosso objeto de estudo: “jovens que não se identificam como heterossexuais ou com gêneros socialmente impostos tendem a ser mais atraídos por mídias que propõem uma resposta técnico-midiática à carência de reconhecimento social que marca suas experiências”. (MISKOLCI, 2021, p. 46)

Isso clarifica algumas das razões pelas quais, no âmbito da esfera midiática e dentre as muitas plataformas digitais em evidência, o YouTube tem sido amplamente utilizado como dispositivo modulador da visibilidade. Não é inadvertidamente, pois, que tanto produtores de conteúdo quanto seus seguidores têm, entre outras possibilidades, utilizado a plataforma para dar publicidade às:

[...] suas idéias, seus conhecimentos, suas imagens em movimento, seus textos falados, seus perfis, enfim, com a exposição de suas vidas, acabam alimentando involuntariamente o imaginário coletivo e participando ativamente de relações características da sociedade atual como a necessidade de visibilidade (PELLEGRINI *et al.*, 2010, p. 8).

Concordando com essa afirmativa, Guerreiro & Bittencourt (2019) consideram que no caso das questões de gênero e de sexualidade e do modo como têm sido agenciadas nas e pelas mídias digitais:

[...] a reafirmação de identidades que destoam da heteronormatividade difundida como comportamento social aceito coloca canais do Youtube como importantes mecanismos centralizadores de um conteúdo diverso. Nesses canais gays, lésbicas, bissexuais, homens e mulheres transexuais, pessoas não binárias, intersexos, assexuais, etc., podem externar suas vivências, demandas, sentimentos, deficiências. (GUERREIRO; BITTENCOURT, 2019, p. 3).

Ao fazerem isso, muitos *youtubers* LGBTQIAPN+ têm encontrado na plataforma possibilidades para criarem e fortalecer redes de colaboração e de proteção que impulsionam suas demandas e postagens, tornando-os mais visíveis. Somado a isso, não devemos perder de vista que “a comunidade LGBTQI+ possui uma busca histórica por espaço e direitos na sociedade brasileira. Enquanto movimento social, ela tem encontrado nos ambientes digitais um locus que ignora a própria condição.” (MARTÍNEZ-ÁVILA *et al.*, 2020, p. 4). No entanto, mesmo em face dessa luta histórica, é possível verificarmos algumas restrições no âmbito da produção de conteúdo relativo aos ‘homens trans’ no Brasil:

A primeira delas é a pouca visibilidade. A maior parte da sociedade não considera a possibilidade de transição do gênero feminino ao masculino e, portanto, ignora a própria condição FTM<sup>42</sup>. Isso ocorre em grande medida em razão do olhar falocêntrico que impregna as representações sobre a experiência masculina. Nesse sentido, é como se os comportamentos e os significados considerados masculinos emanassem necessariamente da presença material original do pênis. (ALMEIDA, 2012, p. 519).

Embora não devamos ignorar essas ressalvas, Freitas (2014) afirma que as redes sociais virtuais “são importantes não apenas pela troca de informações e contato com outros pares, mas porque no Brasil facilitaram a formalização e articulação política trans, específica para FtMs” (FREITAS, 2014, p. 58). Ainda segundo a autora, por meio dessas redes os internautas transexuais conseguem “um acesso à visibilidade pública e política, e a oportunidade de questionar e re-construir

---

<sup>42</sup> “Female to male” – “feminino para o masculino”.

as representações correntes nas mídias e no imaginário social sobre estas experiências”. (FREITAS, 2014, p. 58).

Em contrapartida, é importante observarmos outra dimensão da plataforma, inclusive no que tange à comunidade LGBTQIAPN+, qual seja: aquela que dá a ver os mecanismos de mediação algorítmica e de monetização utilizados pelo YouTube, posto serem eles que, em ampla medida, definem qual canal ou quais vídeos serão mais visualizados. Assim, por meio de marcadores estatísticos, a plataforma “classifica” ou “desclassifica” – fazendo uso de uma lista de recomendações<sup>43</sup> – vídeos e canais tidos como mais populares ou acessados, deixando claro o domínio do YouTube sobre os conteúdos que veicula e em relação às escolhas de seus usuários. Isso explica porque:

Encontrar pessoas com as quais nos identificamos, que acreditamos pertencer aos mesmos grupos estruturais ou culturais que nós, não significa uma horizontalidade de diálogo entre estas e seus seguidores, nem entre *youtubers* e funcionários diretos do YouTube e da Google. Ainda que para algumas pessoas que os assistem o Youtube aparente ser um espaço de aceitação das diferenças, as desigualdades sociais e as condições de reconhecimento operam neste espaço tanto quanto no restante da sociedade. O direcionamento de conteúdo pelo sistema de recomendação, que prioriza os maiores canais pelo impulsionamento de postagens com anúncios publicitários, tem se escondido por trás dos sorrisos e mensagens positivas que ouvimos de “representantes” de minorias no *site*, provavelmente sem consciência da manipulação algorítmica da difusão de seu conteúdo nem da magnitude do poder da Google. (LIMA, 2020, p. 9).

Não por acaso o canal do *youtuber* trans Lucca Najar foi convertido em objeto desta pesquisa. Seleção que se deu por considerarmos que ele representa – ou pode representar – um espaço de produção, compartilhamento e troca de informações a partir do qual os internautas – muitos deles autoidentificados como pessoas trans – se sentem, ao menos circunstancialmente, integrados a um grupo no qual podem expressar suas opiniões e externarem suas demandas por informações, promovendo

---

<sup>43</sup> As recomendações ajudam a descobrir mais vídeos de assuntos que você gosta, seja uma receita nova para experimentar ou sua próxima música favorita. Compartilhamos recomendações tanto na página inicial do YouTube como na seção "Próximo" como uma sugestão do que assistir a seguir quando estiver vendo um vídeo. [...] Outro fator que os sistemas de recomendação do YouTube consideram é se outros que clicaram no mesmo vídeo o assistiram até o final — um sinal de que o vídeo é de maior qualidade ou agradável — ou apenas clicaram nele e, pouco tempo depois de começar a ver o vídeo, saíram dele. (YOUTUBE, 2022).

com isso um processo de apropriação de informações. Processo de natureza contínua e incerta, no qual não há garantias para sua efetivação posto que as relações

[...] de modo constante e os indivíduos possuem um horizonte social diferente, experiências e conhecimentos que se manifestam com um potencial particular e diversificado para realizar diferentes tipos de associações das partículas. É por todos esses aspectos que o processo de materialização é momentâneo e está sempre suscetível de ser desconstruído para novas construções. (BORGES; ALMEIDA JUNIOR, 2022, p. 16)

Sem perder isso de vista, no próximo capítulo apresentamos as análises e os resultados apurados por nossa pesquisa. Para tanto, são concretizadas as fases 5 (cinco) e 6 (seis) do percurso metodológico, quais sejam: descrição pormenorizada dos assuntos tratados em cada um dos 16 vídeos que compuseram nossa amostra final e análise dos comentários e interações estabelecidas entre o produtor e o público que assiste seus vídeos.

Ações que certamente nos permitirão elaborar inferências tanto sobre as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação observadas no canal Lucca Najar, quanto presumir em que medida a ampliação da visibilidade trans promovida pelo *youtuber* mostra-se capaz de transpor as fronteiras do próprio canal e se reverberar para outros espaços sociais, ensejando, a partir disso, um debate público mais engajado sobre o universo trans e as transmasculinidades.

#### 4 CAPÍTULO 3 - EM BUSCA DO *LIKE*: CURTE, COMPARTILHA E COMENTA

*Então é isso aí galera, obrigado por assistir esse vídeo, **curte, compartilha**, se inscreve no canal e se você assistiu até aqui, **comenta** aí, curta a sua jornada porque essa foi a minha um beijo no coração e até o próximo.<sup>44</sup>*

---

<sup>44</sup> NAJAR, 2021 (negrito nosso).

Este capítulo estabelece como objetivos apresentar e interpretar os dados coletados ao longo da pesquisa tendo por referência o arcabouço teórico constituído e em conformidade com os critérios indicados na seção “**Percorso metodológico**”, notadamente em suas etapas 05 (cinco) e 06 (seis). Para tanto foi subdividido em três seções: a primeira delas centra-se em analisar o conteúdo dos 16 vídeos que constituem nossa amostra. Nessa etapa o foco é direcionado para as temáticas tratadas em cada um deles, tendo-se em vista evidenciar como as dinâmicas informacionais acionadas pelo *youtuber* viabilizam sua caracterização como uma “protagonista social” capaz de promover a visibilidade de um conjunto de questões relevantes às pessoas trans, particularmente aos homens trans.

Posteriormente, na segunda seção, são exploradas as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação, explicitando como elas se dão a ver e tensionando, a partir dos comentários gerados e interações com o produtor, como a visibilidade anteriormente referida transpõe as fronteiras do próprio canal, reverberando-se para outros espaços sociais.

Por fim, na terceira seção, nosso interesse se volta para a configuração atual do canal a fim de demonstrarmos que as mudanças operacionalizadas por Lucca Najar a partir de meados de 2021 redefinem o foco de suas atividades enquanto produtor de conteúdos, deixando de pautar temáticas explicitamente vinculadas às questões do universo trans para se dedicar à criação de vídeos no estilo “vlogs do meu dia a dia”, no qual fala “sobre moda e reflexões”. Conforme se verá, isso justifica, em ampla medida, que a dimensão de protagonista destacada na primeira seção seja potencialmente questionada.

#### **4.1 Por uma visibilidade trans: agenciamentos informacionais no Canal Lucca Najar**

Antes de destacarmos os resultados das análises acima indicadas, apresentamos aos nossos leitores o **Quadro 4 – Amostra final**, no qual são listados os 16 vídeos que compõem nossa amostra final pela ordem numérica de Identificação (ID), seguida do título e da descrição atribuída a eles pelo próprio produtor.

Quadro 4 - Amostra final

ID	Título	Descrição	Publicação
V004 <sup>45</sup>	Como contei que SOU TRANS PARA MINHA FAMÍLIA	Vídeo não disponível do canal <sup>46</sup>	18/09/2016
V009 <sup>47</sup>	HOMEM TRANS MENSTRUA? - Lucca Responde #1	Vídeo não disponível do canal	27/11/2016
V059 <sup>48</sup>	VLOG: MINHA CIRURGIA   Lucca Najjar	“Oi, pessoal, filmar esse dia tão esperado pra mim foi muito importante, como todos sabem, sou um homem trans e fiz minha cirurgia de mastectomia masculinizadora. Espero que gostem”.	07/12/2017
V072 <sup>49</sup>	TOUR PELO MEU CORPO TRANS (MINHA CIRURGIA)	“Oi, meus amores! O tão esperando resultado da minha cirurgia depois de 3 (três) meses. Galera, o resultado final mesmo só vai aparecer depois de um 1 mês de pós-operatório. Mas enquanto isso vamos acompanhar juntos todo esse processo. Um beijo do Lucca”.	19/03/2018
V078 <sup>50</sup>	FOTOS ANTES DA TRANSIÇÃO   Lucca Najjar	“E ai meus amores! Não é desde sempre que me entendo homem trans né e no vídeo eu mostro algumas fotos minhas antes da minha transição de gênero, de quando eu era criança e adolescente. Estou "bem menininha". Tem foto de quando eu era uma mulher cis hetero, tem foto de quando eu era uma mulher lésbica e algumas histórias divertidas. Comenta aí, o que acharam de mim antes da transição? Hahahah Um beijo do Lucca”.	10/06/2018
V105 <sup>51</sup>	VLOG: MUSEU E HAMBUGUERIA EM SP   Lucca Najjar e Bruna Pimenta	“Sim, estou morando em São Paulo e quero levar vocês para conhecer todos os lugares incríveis”.	23/06/2019
V109 <sup>52</sup>	Advogada SATAPÃO e FEMINISTA - LGBT   Lucca Najjar e Marina Ganzarolli #LuccaCast02	“#LuccaCast 02. Convidei a advogada, sapatão e feminista Marina Ganzarolli para falar sobre a nova lei que equipara a lgbtfobia ao crime de racismo. Em 13/06/2019 o STF decidiu que LGBTfobia deve ser equiparada ao crime de racismo. A decisão vale até que o Congresso crie legislação específica sobre este tipo de violência. A pena é de até 3 anos, o crime é inafiançável e imprescritível assim como o racismo. Eis a questão, o Crivella após o episódio de censurar livros com conteúdo LGBT+, pode ser responsabilizado por essa lei? Quais as atitudes alguém pode tomar caso se sinta agredido? E mais	09/11/2019

<sup>45</sup> Vídeo não disponível no canal. Acesso em: 15 de mar. 2022.

<sup>46</sup> Ao longo do período de análise, foi observado que os vídeos V004 e V009 não estavam mais disponíveis no canal, no entanto eles permaneceram na amostra porque na etapa de levantamento foi feito o download de todos os vídeos, sendo possível analisar seus respectivos conteúdos.

<sup>47</sup> Vídeo não disponível no canal. Acesso em: 15 de mar. 2022.

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5xsHGGd2KFM>. Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>49</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3c\\_dUZ0o3V4](https://www.youtube.com/watch?v=3c_dUZ0o3V4). Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EfPKwrw0Xx8>. Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>51</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ySrx\\_VoX3yQ](https://www.youtube.com/watch?v=ySrx_VoX3yQ). Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n3ymxTpAp0c>. Acesso em 13 de nov. 2022.

		aqui nesse videocast. #Crivella #Censura #Bienal #Beijogay”.	
V111 <sup>53</sup>	MUDE SUA IDENTIDADE DE GRAÇA   Lucca Najar e Marina Ganzarolli #LuccaCast03	“#LuccaCast 03. Nesse vídeo nós falamos tudo que você precisa saber para retificar seu nome e gênero (de graça) e também falamos sobre a família LGBT, sobre adoção, casamentos e direitos”.	18/09/2019
V112 <sup>54</sup>	3 ANOS EM TRANSIÇÃO   Lucca Najar	“3 anos depois, veio a barba, pêlos e o bigode ainda não..., mas ok! E depois de tudo isso, eu estou satisfeito ou ainda preciso de alguma coisa a mais?”.	22/09/2019
V117 <sup>55</sup>	VLOG: COMPRANDO PLANTAS PARA CASA NOVA 🌱   Lucca Najar	“Esse foi o dia de dar um tapa no visual e ir atrás de plantinhas para casa, estamos empolgados com a decoração do nosso studio. Deixa aí dicas para cuidarmos das plantinhas ❤️”.	13/10/2019
V120 <sup>56</sup>	HOMEM TRANS pai de duas FILHAS BIOLÓGICAS   Lucca Najar e William Oliveira   #LuccaCast06	“#LuccaCast 06. Quando estamos falando sobre pessoas, temos que nos lembrar que tudo é possível e precisamos expandir um pouco mais nosso olhar. E por que eu já comecei falando isso? Porque vamos falar sobre paternidade e com um recorte bem específico, pais que podem dar à luz, podem gerar um filho e sim, é super possível! Mas infelizmente, não tão lembrado quanto deveria. E meu convidado de hoje é o William que é homem trans e pai de duas filhas maravilhosas. O William teve as filhas antes da transição e só foi transicionar com 30 anos de idade. Conheça a história dele”.	30/10/2019
V123 <sup>57</sup>	POR QUE AS PESSOAS TRANS TÊM MEDO DE TRANSICIONAR?   Lucca Najar e Leticia Maciel #LuccaCast07	“#LuccaCast 07. Fazer um acompanhamento com uma psicóloga é importante para todo mundo. Nesse vídeo eu convidei a psicóloga Leticia Dias Maciel para falar um pouco sobre a ansiedade, medo de iniciar a transição, medo de contar para a família, o que fazer quando sentir ansiedade, e muito mais”.	17/11/2019
V126 <sup>58</sup>	ACADEMIA é um lugar opressor.   Lucca Najar e Ariel Bonfant #LuccaCast08	“#LuccaCast 08. Sim! O episódio de hoje divide opiniões, porque existem dois tipos de pessoas “quem ama e quem não gosta de atividades físicas”. Será que a forma cis hétero normativa e a busca pela beleza nas atividades físicas nos afastou? Eu acho que sim! E percebi isso quando eu enxerguei na academia um lugar de saúde física e mental, porque eu acredito que a atividade física está além da estética. Para isso chamei meu amigo, personal trainer e que tem me auxiliado em todos meus atuais resultados, o Ariel Bonfant”.	12/05/2019
V130 <sup>59</sup>	Minha sexualidade   Lucca Najar e Larissa Vaiano #Luccacast 10	“#LuccaCast 10. Sair do armário não é fácil! Geralmente a gente sente medo, frio na barriga e arrepio na espinha só de imaginar contar para alguém que somos LGBT+, eu saí do armário DUAS vezes, a primeira me assumi lésbica, na segunda	19/12/2019

<sup>53</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hRD\\_xTbIYc](https://www.youtube.com/watch?v=hRD_xTbIYc). Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>54</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9hP8iA7TN48>. Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7McWhYX9v9s>. Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>56</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_vzIPeAKpho](https://www.youtube.com/watch?v=_vzIPeAKpho). Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IOVCsmEznRU>. Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FoXGmBgsdy0>. Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R5uYBbSpnTc>. Acesso em 13 de nov. 2022.

		trans e olha só... agora sou hétero! Minha primeira vez foi na adolescência e a segunda aos 24. E quem sai do armário depois dos 30? A experiência é a mesma? Por isso trouxe a minha amiga para contar sobre a experiência dela, enquanto uma mulher cis que se assumiu bissexual depois dos 30”.	
V142 <sup>60</sup>	HOMEM TRANS QUE É GAY I Lucca Najar e Paulo Vaz (popo vaz) #LuccaCast11	“#LuccaCast 11. Atualização: no dia 14/03/2022 o meu amigo Paulo Vaz nos deixou e esse vídeo permanecerá aqui em sua memória, Paulo foi e sempre será lembrado com carinho. Sentiremos sempre sua perda precoce”.	19/03/2020
V148 <sup>61</sup>	ELE É PAI DE UMA CRIANÇA TRANS DE 11 ANOS I Lucca Najar #Luccacast13	“Já pensou como é o processo de transição de gênero de uma criança? Nesse Lucca Cast. eu convidei o Gustavo que é pai da Maria Joaquina para contar a história dele com a sua filha, que é uma criança trans de 11 anos de idade. No vídeo eles contam como foi para ela se entender, como foi contar para os pais e como está sendo o processo de transição dela. #Luccacast 13”.	23/04/2020

**Fonte:** Elaborado pela autora

A esse quadro julgamos pertinente acrescentar um resumo do conteúdo central dos 16 vídeos pesquisados, dado que a descrição elaborada pelo produtor não abarca a completude dos assuntos tratados, não sendo essa descrição prévia suficiente, pois, para sustentar as análises aqui efetuadas.

**V004** - Publicado em 18/09/2016 com a duração de 05:48 – o produtor narra como contou para sua família que era trans. A ordem das pessoas para quem foi contado e as reações de cada uma delas. Conclui que o processo de transição não é uma coisa rápida e que é importante ter o apoio e a compreensão das pessoas próximas, deixando claro que sabe como é difícil isso acontecer com a maioria das pessoas que passam pela transição, motivando que elas não desistiam do que sentem e se colocando à disposição em caso de necessidade de algum interlocutor precisar dele para conversar.

**V009** - Publicado em 27/11/2016 com duração de 08:09 – faz parte da série #LuccaResponde. Nele foram abordadas as seguintes temáticas: I) Feminismo; II) Vida amorosa do produtor; III) Cisgêneridade; e IV) Experiências Trans.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y7q8cPoVDjA&t=2s>. Acesso em 13 de nov. 2022.

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vAeQHSPWJAw>. Acesso em 13 de nov. 2022.

**V059** - Publicado em 07/12/2017 com duração de 03:51 – o vídeo foi gravado em 04/12/2017 e editado em várias partes enfocando: o dia em que o produtor fez a cirurgia de mastectomia masculinizadora; a ida ao hospital; a chegada; a saída da cirurgia.

**V072** - Publicado em 19/03/2018 com duração de 11:02 – o produtor fala sobre o resultado da cirurgia de mastectomia masculinizadora, exibindo fotos do dia da cirurgia e as etapas da cicatrização. Relata as dores do pós-operatório e os devidos cuidados que devem ser tomados.

**V078** - Publicado em 10/06/2018 com duração 7:45 – o produtor mostra suas fotos antes de iniciar a transição de gênero, contando a história delas e relembrando as roupas que gostava de vestir. Revela que já na infância e adolescência se vestia com roupas masculinas, mas que em alguns momentos tinha que seguir os padrões normativos de gênero.

**V105** - Publicado em 23/06/2019 com duração 5:52 – nesse vídeo o produtor e sua namorada, acompanhados de um interlocutor, visitam o museu da diversidade em São Paulo para conhecerem uma exposição relacionada ao universo trans. Em seguida conhecem uma hamburgueria que se denomina “LGBT”.

**V109** - Publicado em 09/11/2019 com duração 28:58 - faz parte da série #Luccacast. Nele o *youtuber* convida uma amiga advogada, lésbica e feminista, para falar sobre a lei que equipara a Lgbtfofia ao crime de racismo. O produtor pergunta sobre a trajetória da advogada até sua decisão de trabalhar com a temática feminista e LGBTQIAPN+. Em seguida, questiona sobre o que se enquadra na lei e como fazer para denunciar o crime, convidando-a explicar todas as informações necessárias para denunciar e dar andamento ao processo.

**V111** - Publicado em 18/09/2019 com duração 30:37 – o vídeo é um segundo momento do **V109**. Nele a mesma convidada (a amiga advogada) explica o processo de retificação do nome e gênero e como isso pode ser feito de forma gratuita. A discussão se estende para a pauta dos direitos de famílias

LGBTQIAPN+, dando ênfase aos trâmites relacionados à adoção e ao casamento.

**V112** - Publicado em 22/09/2019 com duração 03:45 – o produtor fala sobre suas mudanças físicas após três anos de transição, identificando como maior mudança o crescimento da barba e de pelos pelo corpo. Também destaca a mudança da voz e a questão do uso das roupas.

**V117** - Publicado em 13/10/2019 com duração 06:41 – o produtor faz um tour pela cidade de São Paulo, indo a uma barbearia LGBTQIAPN+, onde são apresentadas imagens do local. Depois segue para uma loja de plantas a fim de comprar alguns itens para decorar sua casa nova.

**V120** - Publicado em 30/10/2019 com duração 25:51 – faz parte da série #Luccacast. O convidado desse vídeo foi um homem trans pai de duas filhas e a entrevista contou com a colaboração da namorada do produtor. As perguntas giraram em torno da trajetória de Willian, enfocando, sobretudo, a questão da paternidade trans. O convidado explicou que antes da transição era uma mulher cisgênero, hétero e casada. Sua primeira mudança foi a separação do ex-marido em consequência da “saída do armário” como uma mulher lésbica. A segunda se deu quando começou a se masculinizar (nas palavras do entrevistado: a se tornar um “bofinho”<sup>62</sup>) – usar roupas mais largas, cortar o cabelo... Depois de conhecer uma mulher trans, se identificou como homem trans e, então, iniciou a transição. O ponto de curiosidade na história do entrevistado é sua família ser toda LGBT: suas filhas e ex-marido se assumiram posteriormente.

**V123** - Publicado em 17/11/2019 com duração 20:13 – faz parte da série #Luccacast. O produtor convidou uma psicóloga que atua no projeto “Meninos Bons de Bola”<sup>63</sup> e que atende em uma clínica especializada em abordar questões relacionadas ao gênero e à sexualidade. Na entrevista são abordados temas referentes à saúde mental das pessoas trans, especialmente a

---

<sup>62</sup> Uma mulher com características físicas e performativas do universo masculino.

<sup>63</sup> O primeiro time de futebol de pessoas trans do Brasil. Disponível em: <https://linktr.ee/meninosbonsdebola>. Acesso em: 13 de nov. 2022.

ansiedade gerada no processo de transição, o “medo social” sentido no início da transição e como pode ser o futuro de uma pessoa trans. Foi ressaltado, também, a importância de se ter um acompanhamento psicológico e a convivência com outras pessoas trans para formação de um grupo de apoio. Além disso a entrevistada deu dicas de lugares em São Paulo que acolhem pessoas trans como a Casa 1<sup>64</sup>, entre outros.

**V126** - Publicado em 12/05/2019 com duração 14:31 – faz parte da série #Luccacast. O produtor convida um educador físico para discutir a relação entre saúde mental e saúde física. Abordam o ambiente da academia e os benefícios do exercício físico, principalmente a musculação, para a modulação do corpo trans. O convidado também responde perguntas relacionadas ao uso da testosterona e seu impacto nos resultados e no bem-estar das pessoas trans. Ao final o educador físico dá algumas dicas sobre diversos exercícios que podem ser feitos além da musculação para sair do sedentarismo.

**V130** - Vídeo publicado em 19/12/2019 com duração 18:18 – faz parte da série #Luccacast. Trata-se de uma conversa sobre as “descobertas” da sexualidade. Inicialmente o *youtuber* relata suas descobertas sexuais e depois a convidada Larissa Vaiano (ela também tem um canal no YouTube), que diz ter se descoberto bi após os 30 anos, é chamada a narrar suas “descobertas”. O machismo estrutural é problematizado, tensionando como isso é refletido nos relacionamentos heterossexuais e a entrevistada acentua as diferenças que percebeu ao se relacionar com uma mulher.

**V142**- Vídeo publicado em 19/03/2020 com duração 23:48 – faz parte da série #Luccacast. O produtor convidou um homem trans homossexual para contar sua história de vida e para discutir como o preconceito e o falocentrismo também se estabelece na comunidade Gay. Falam, ainda, sobre as cirurgias que podem ser feitas, e por que fazer por que não fazer? Ao final a entrevistado

---

<sup>64</sup> “Fundada em 2017, a Casa 1 é um projeto da sociedade civil que tem como propósito a **acolhida de jovens entre 18 e 25 anos** que foram expulsos de casa pela família por suas orientações afetivas sexuais e identidades de gênero. O trabalho corre em paralelo às atividades do **Centro Cultural** e da **Clínica Social**, e todos os serviços são ofertados gratuitamente.”(CASA 1, grifo do autor). Disponível em: [Institucional - Casa 1 \(casaum.org\)](https://www.casaum.org). Acesso em: 13 nov. 2022.

salienta que iniciou sua transição somente depois dos 30 anos por não conhecer a possibilidade de realizar uma transição de gênero.

**V148** - Publicado em 23/04/2020 com duração de 34:07 – faz parte da série #Luccacast. Para tratar de questões relacionadas à transição de gênero de crianças, Lucca Najar convidou Gustavo e sua filha adotiva Maria Joaquina, uma criança trans de 11 anos. A conversa focou em debater questões de gênero para crianças e como de seu o processo de adoção de criança trans.

A partir desse conjunto de resumos e complementando o que está disposto na fase (V) da metodologia, buscamos identificar, por meio da análise de conteúdo dos vídeos e de suas descrições, os termos mais expressivos do universo dos homens trans a fim de observamos o tratamento conferido a eles no Canal Lucca Najar. Feito isso, elencamos os conceitos e expressões mais recorrentes no formato de nuvem de palavras tendo-se em vista torná-los mais destacados. O resultado dessa ação pode ser observado abaixo:

**Figura 9** – Termos e expressões utilizados nas descrições e resumo dos vídeos



**Fonte:** Elaborada pela autora

O percurso acima traçado nos permitiu observar que dos 16 vídeos que constituem nossa amostra, metade faz parte da série #LuccaCast, vídeos nos quais o produtor convida amigos ou profissionais especializados em certas temáticas para debaterem, no formato de entrevista, questões marcadamente relevantes às pessoas trans: **V109 - Lei que equipara a LGBTfobia ao crime de racismo** - Marina Ganzarolli; **V111 – Retificação de nome e gênero, Família LGBT (adoção, casamentos e direitos)** - Marina Ganzarolli; **V120 – Paternidade e gestação de homens trans** – Willian Oliveira; **V123 – Acompanhamento psicológico de homens trans (ansiedade, medo de transicionar e medo de contar)** – Leticia Maciel; **V126 – Saúde mental e física de homens trans** – Ariel Bonfant; **V130 – Saída do armário, sexualidade e gênero** – Larissa Vaiano; **V142 – Homem trans gay** – Paulo Vaz; e, **V148 – Criança trans e adoção** – Maria Joaquina e Gustavo.

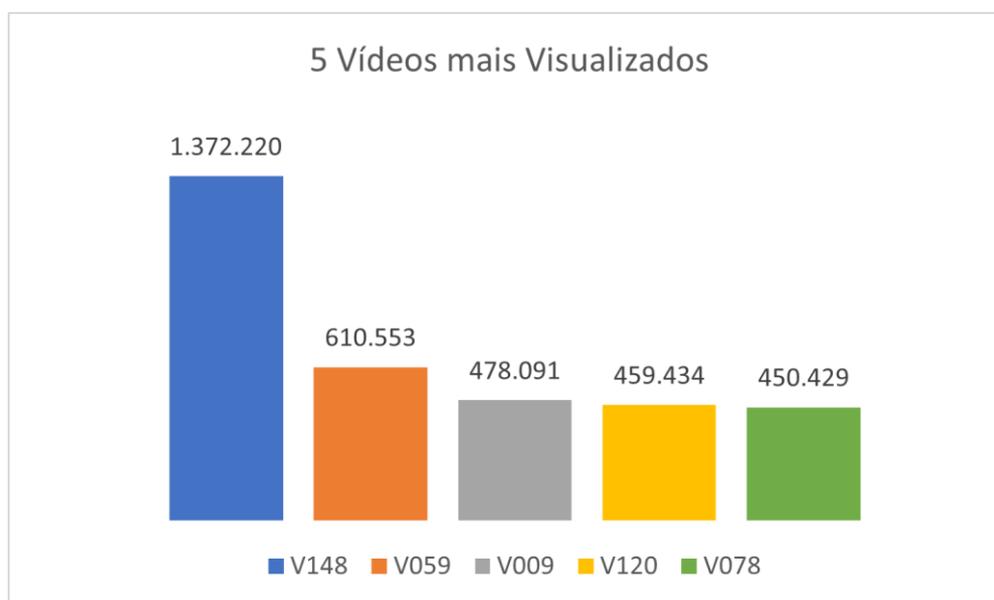
Essa modalidade de agenciamento temático aliada ao formato interacional escolhido nos permite apreender que, por meio desses vídeos, Lucca Najjar executa dupla ação informacional: na primeira, enquanto produtor do canal, ele mobiliza temas e discussões sensíveis ao universo trans, problematizando-os de forma muito mais horizontalizada e dialógica que em outros meios de comunicação, é o caso dos seguintes assuntos: cirurgia de mastectomia masculinizadora; retificação de nome e gênero; acompanhamento psicológico, saúde física e mental de homens trans; e, homem trans gay, família, gestação e paternidade. Concomitante a isso, instaura dinâmicas de produção e mediação da informação que têm como eixo modulador relatos de experiências concretas e individualizadas capazes de fomentar um elo interacional mais objetivo e próximo de sua audiência.

A outra metade dos vídeos pode ser fracionada em produções de narrativas contínuas nas quais Lucca Najjar se coloca como personagem central, narrando sua própria transição de gênero, é o caso do **V004: transição de gênero**; do **V009: experiência trans, vida amorosa e feminismo**; do **V72: cirurgia de mastectomia**; do **V78: transição de gênero**; e, do **V112: transição de gênero (barba, pelos e bigode)**. A esses se somam vídeos no formato vlogs sobre seu dia a dia, como o **V059 – dia de realização da cirurgia mastectomia masculinizadora**; **V105 – visita ao museu de diversidade enfocando o universo trans**; e, **V117 – Visita à barbearia de um homem trans**.

Ao converter sua história pessoal e rotinas diárias em relatos midiáticos, mais que performar a imagem de um homem trans que alcançou visibilidade e passabilidade social, o *youtuber* acena para sua audiência a viabilidade de outras pessoas trans potencializarem seus corpos, relações e afetos, estimulando-as a validarem e a seguir com seu próprio processo de transição. É claro que, quanto a isso, uma ressalva deve ser feita: Lucca Najjar é um homem trans que expressa em seu corpo, experiências de vida e narrativas certos privilégios que não se estendem a todos que o assistem e que, por isso, estão longe de alcançar a “passabilidade cis” por ele projetada.

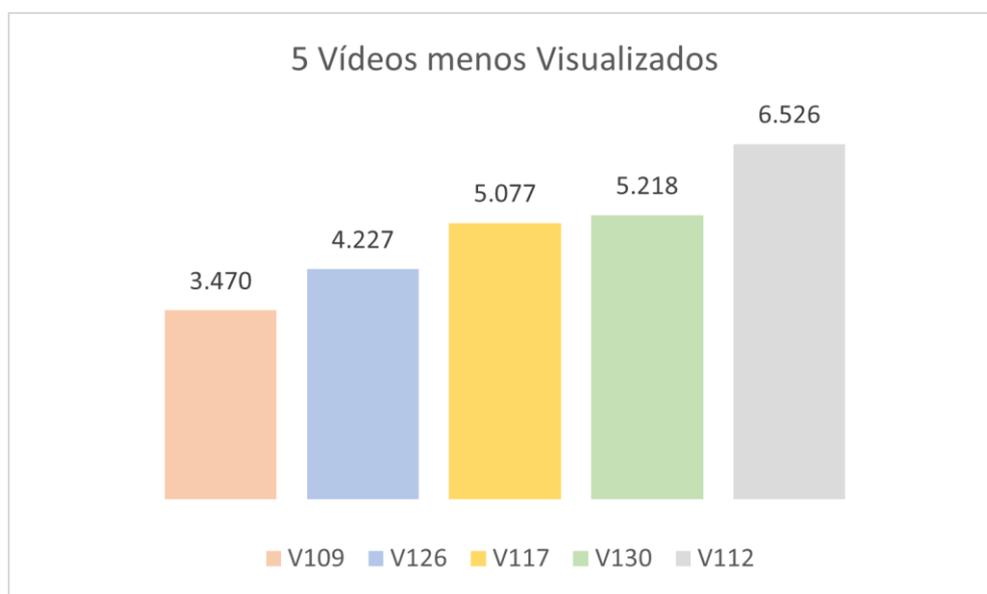
Mesmo em face disso, percebemos que as temáticas abordadas em grande parte dos vídeos analisados transpõem os limites performativos socialmente estabelecidos para o masculino. Por exemplo: ao discutir a paternidade e a gestação de homens trans, Lucca Najjar revoga, ao menos em parte, as barreiras do aceitável, do inteligível, fugindo, conforme enunciado por Firmino; Porchat (2017) e Butler (2016b), da “coerência da identidade de gênero”. Ao fazer isso, o produtor agencia sua audiência apresentando a ela, por meio de uma mediação muito direta e naturalizada, performances de gênero que vão além dos padrões normativos estabelecidos acerca do que é ou deva ser um homem. Em paralelo, fazendo uso de ferramentas de mediação algorítmica, convoca um novo público para seu canal utilizando-se da estratégia de criar títulos que instigam a curiosidade de outros potenciais espectadores, isso ocorre, por exemplo, com o **V120 - “HOMEM TRANS pai de duas FILHAS BIOLÓGICAS”**.

Constatação que pode ser ampliada para os 5 vídeos mais visualizados do canal, quais sejam: **V148 - “ELE É PAI DE UMA CRIANÇA TRANS DE 11 ANOS”**; **V059 - “VLOG: MINHA CIRURGIA”**; **V009 - “HOMEM TRANS MENSTRUA?”**; **V120 - “HOMEM TRANS pai de duas FILHAS BIOLÓGICAS”**; e, **V78 - “HOMEM TRANS: Fotos ANTES DA TRANSIÇÃO de gênero”**. Por meio deles observamos um movimento de produção e mediação da informação que sai do espaço privado da intimidade para ganhar visibilidade no campo das interações midiáticas e isso pode ser qualificado como um gesto de protagonismo de Lucca Najjar, posto que, na atualidade, esse tipo de produção ainda não encontra espaço em veículos de comunicação tidos como “mais tradicionais”.

**Gráfico 2 - 5 vídeos mais visualizados**

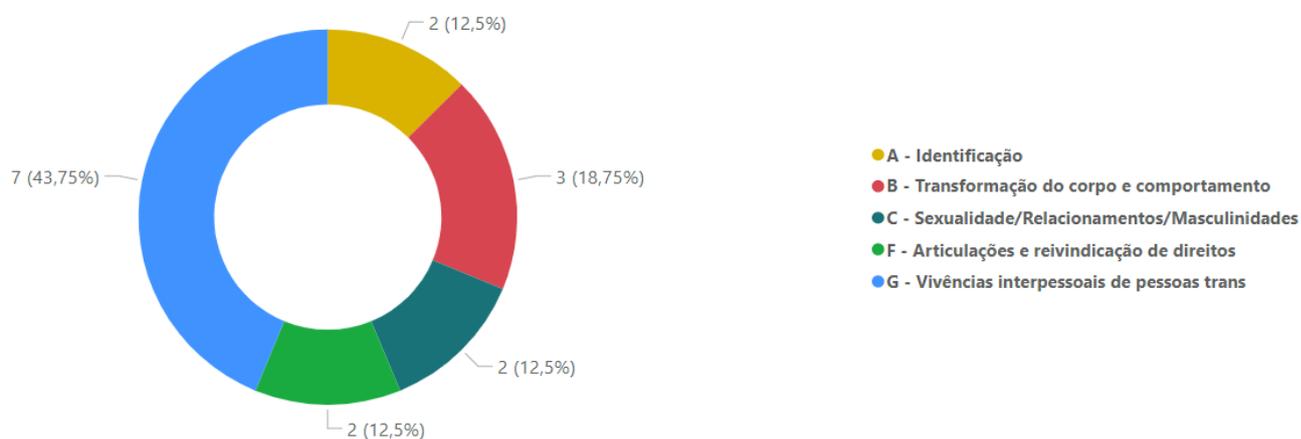
Fonte: Elaborado pela autora

Em contrapartida os 5 vídeos menos visualizados: **V109 – “Advogada SATAPÃO e FEMINISTA – LGBT”**; **V126 – “HOMEM TRANS NA ACADEMIA”**; **V117 – “VLOG: barba, cabelo e bigode 🌈 + plantinhas para casa”**; **V130 – “Minha sexualidade”**; e **V112 – “O QUE MUDOU depois de 3 anos?”** têm em comum o fato de seus títulos não sintetizarem as temáticas de fato abordadas, sendo a leitura da descrição imprescindível para a compreensão do que o vídeo irá tratar. São, como se verifica, assuntos que, em linhas gerais, não suscitam apelo à sociedade por pautarem temas e situações mais restritas às pessoas trans ou mesmo a cenas triviais do dia a dia.

**Gráfico 3 - 5 vídeos menos visualizados**

Fonte: Elaborado pela autora

Naquilo que concerne às categorias trabalhadas por Freitas (2014), o gráfico 4 – Categorias de análise nos permite visualizar o enquadramento dos 16 vídeos e, a partir disso, confirmar nossa constatação de que os conteúdos de maior evidência do canal Lucca Najjar são aqueles em que o produtor confere visibilidade às “Vivências interpessoais de pessoas trans”, seja em formato de entrevistas com convidados ou a partir de depoimentos sobre si.

**Gráfico 4 - Categorias de Análise**

Fonte: Elaborado pela autora

A partir dessa constatação e corroborando com Gomes (2017), podemos dizer que o *youtuber* Lucca Najar ocupa sim a posição de um “protagonista social” da comunidade trans, dado que, por meio dos vídeos que produz, ele converte seu canal em “um espaço crítico, de dialogia, criatividade e alteridade”. Ao fazer isso, ele contribui para trazer à cena temáticas e questões muitas vezes invisibilizadas em outros meios de comunicação e para dar voz a outros sujeitos que, em conjunto, tensionam e reorientam certas perspectivas sociais sobre as transmasculinidades.

Essa discussão é ampliada na próxima seção na qual abordamos as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação instauradas e fomentadas pelo canal, correlacionando-as às lógicas de interação do YouTube – “curte, compartilha e comenta” –, a fim de identificarmos o impacto que elas exercem no modo de operação do conteúdo publicado e suas ressonâncias para além da plataforma.

#### **4. 2 As dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação no canal Lucca Najar**

A produção de conteúdo no Canal Lucca Najar, conforme já salientado, é feita de forma caseira, mas qualificada pela formação do *youtuber* em cinema e pelo investimento em bons equipamentos de vídeo, elementos que o diferencia da maioria dos usuários e criadores de conteúdo da plataforma. Afirmativa corroborada por Oliveira (2015), para quem os *youtubers* quase sempre trabalham sua própria imagem fazendo seu canal a partir das ferramentas disponibilizadas pela plataforma sem um conhecimento prévio sobre edição, equipamentos a serem utilizados e tratamento dessa informação dentro do YouTube.

É percebido, pois, que Lucca Najar possui uma intencionalidade no modo como produz e edita os conteúdos postados em seu canal. Não sem razão ele faz uso de outras redes sociais para “apreender” as demandas dos seus interlocutores e publicar vídeos mais assertivos para sua audiência, o que pode ser percebido, por exemplo, pela maneira como os títulos dos vídeos são elaborados, recorrendo a chamadas polêmicas por meio do uso de hashtags<sup>65</sup>. Isso nos permite observar que a produção

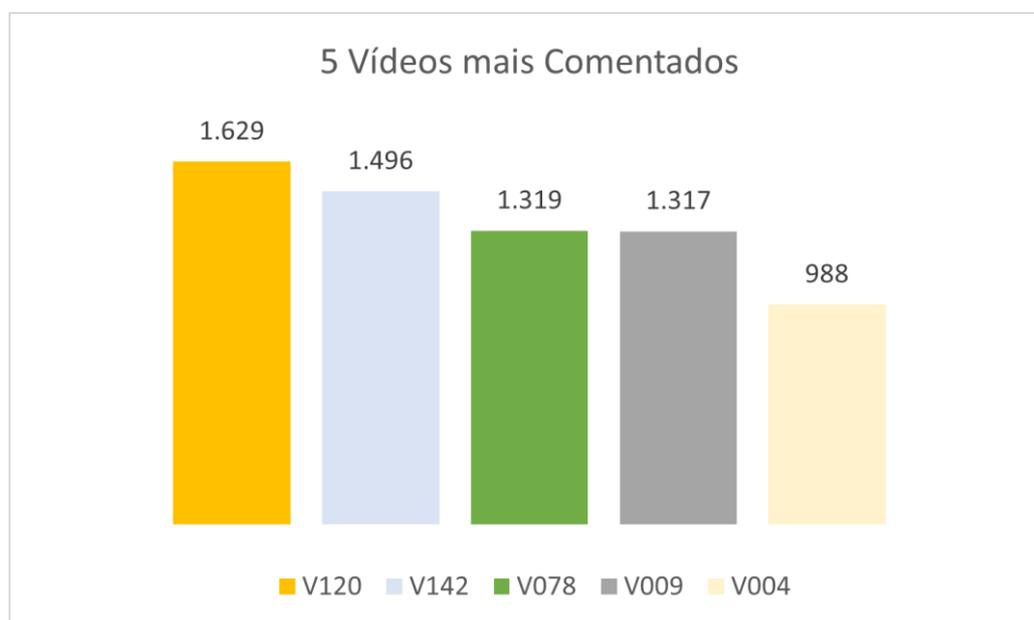
---

<sup>65</sup> Palavras-chave para busca do conteúdo.

da informação no canal não é pautada exclusivamente pelo agenciamento de certas temáticas correlacionadas ao universo trans, mas, também, pelas interações geradas com seus expectadores. É por isso que o produtor pede ao final de cada vídeo que, além de “deixar seu *like*” que os inscritos no canal e a audiência deixem “[...] seu comentário aí, porque me ajuda muito a produzir esses conteúdos aqui pra você, obrigado por assistir [...]” Lucca Najar (2021).

Dito isso e percebendo que essas interações acontecem em via de mão dupla: do produtor do canal para o público e dos espectadores para o produtor, torna-se imprescindível considerarmos, em razão das análises aqui propostas, os comentários como a principal forma de comunicação entre as duas pontas que interagem no e a partir do canal. Nesses termos, os comentários se configuram como uma rica fonte de informação e instância de identificação da apropriação dos conteúdos abordados em cada vídeo. Indicamos isso em função da constatação de que, a depender do assunto abordado ou das dinâmicas interacionais agenciadas em cada vídeo, é nos comentários que emergem novas discussões potencializadas a partir da conversação entre os espectadores e deles com o produtor.

O gráfico abaixo nos ajuda a perceber isso dado que, a despeito de estarem entre os mais comentados, os vídeos V120, V078 e V009 figuram, também, entre os 5 mais visualizados do canal. Podemos conjecturar que esse seria o caso, ainda, do V148 não fosse a estratégia do produtor de desabilitar os comentários em razão de haver nele a participação de uma criança.

**Gráfico 5 - 5 vídeos mais comentados**

**Fonte:** Elaborado pela autora

Sobre esses 5 vídeos mais comentados, a soma perfaz um total de 6.749 comentários<sup>66</sup>. No **V120**, dos 1.629 comentários apenas 393 não tiveram nenhum tipo de interação, ou seja, nenhuma réplica ou *like* e o produtor interagiu 12 vezes; no **V142** dos 1.496 apenas 490 não tiveram nenhum tipo de interação e não foi identificado nenhum comentário do produtor; já no **V078**, dos 1.319 apenas 435 não tiveram nenhum tipo de interação e o produtor comentou 42 vezes. Sobre os outros dois, **V009** e **V004**, não foi possível recuperar os comentários porque eles estavam indisponíveis no período da coleta. Acerca das interações do produtor nos comentários, identificou-se que a maioria delas consiste em *likes* e agradecimentos aos elogios sobre sua aparência e conteúdos apresentados nos vídeos.

Embora essa observação possa, em uma primeira interpretação, enfraquecer nossa defesa de que o canal Lucca Najjar se configura como propulsor de discussões concernentes a processos de visibilização das pessoas trans, a leitura total dos comentários traz consigo elementos que comprovam nossa tese. Isso porque, de forma majoritária, esses elogios e agradecimentos dizem respeito à clareza, à

<sup>66</sup> Para a analisar os comentários utilizamos a ferramenta de extração de dados “YouTube Data Tools”, ferramenta de dados do YouTube (versão 1.23) [Software]. Disponível em: <https://tools.digitalmethods.net/netvizz/youtube/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

franqueza e à importância do tratamento de certas temáticas pelo *youtuber*, bem como à sua coragem em compartilhar publicamente experiências tão pessoais. É o caso dos comentários citados abaixo:

**Comentário feito por Akires Vieira ao V078:** luccaaaaaa, veja meu canal, me inspiro muito em você, beijos menino, tu é um show e grandioso.

**Comentário feito por Aligner Sampaio ao V078:** Saudades Lucca sinto sua falta de ver seus vídeos parabéns você me ajudou muito na minha transição.

**Comentário feito por Nayanne Londres ao V120:** Vídeo muito massa pra abrir a cabeça de mta gente por aí. Parece tão fanfic KKKKKKK! Brincadeiras à parte, eu adorei. Parabéns, mesmo, vcs arrasaram.

**Comentário feito por Marcel S M ao V120:** Vídião Poxa, William. Que maravilha te ouvir. Que riqueza de experiências. Obrigado por partilhar tudo isso.

**Comentário feito por Marcielly Tavares ao V142:** Adorei o papo! Acho muito importante buscar informações sobre vivências que não são as minhas. Eu acho que o quadro deveria se chamar Luccast rrsr.

**Comentário feito por Barbara Arcanjo ao V142:** Tmj companheiro. A essência antecede as palavras.. descobri essa palavra com essa idade tbm, quando iniciei minha transição. Mas já sabia quem eu era desde a infância... sucesso!!!

Dito isso, para exemplificar como se dão as dinâmicas de produção e apropriação da informação que ocorrem no canal Lucca Najjar, as quais, de acordo com Martinez-Ávila *et al* (2020) podem ser constatadas quando há interações entre os produtores de conteúdo e os usuários via comentários e quando ambos discutem o assunto do vídeo inserindo complementos ou discutindo potenciais temas, recuperamos comentários ao **V142 – “Homem trans que é gay”**. Neles um espectador expõe sua dúvida em relação ao que foi falado no vídeo e outros dois se preocupam em esclarecer:

**Cesar Santos** - E o que é packer????

**Trans Presente** - Packer é uma coisa já vista como padrão trans, e só aumenta disforia.

**Francis** - Packer é uma coisa muito estimada na comunidade trans, às vezes você compra sem pensar e não se adapta muito bem e só piora a disforia

**Trans Presente** - @Francis infelizmente, e são muito caro tbm. Quer dizer tudo para nós trans que são feitos por outros trans, são caro. Não se coloquem no lugar do outro.

**Trans Presente** - @Cesar Santos uma prótese masculina que conta com algumas funções. Para urinar, sexo, volume na cueca. No meu canal falo sobre se quiser olhar.

Ainda nesse mesmo vídeo são feitos diversos comentários relacionados ao entendimento do que é gênero e orientação sexual, eis o que o diálogo abaixo demonstra:

**Juliana Felício Ferreira** – Não entendi nada ...era mulher virou homem? Mas gosta de homem?

**Nat Nat** - Identidade de gênero é como você se vê= Homem/Mulher No caso ele sempre se viu homem. Orientação sexual é como a pessoa quer se relacionar= Hetero/Gay/Lésbica. Então ele pode ser homem, é como ele gosta de ser e orientação sexual o que ele gosta de se relacionar.

**Juliana Felício Ferreira** - @Nat Nat ainda não entendi?

**Nat Nat** - Vamos lá você se identifica como mulher, certo? é isso sua identidade de gênero, nasceu mulher e se identifica como tal. No caso ele nasceu mulher, mas não se identifica como mulher, ele sempre se viu homem. A orientação sexual no caso que ele gosta é de homem, não necessariamente ele ter se tornado um homem para gostar de mulher. Ele gosta dele COMO HOMEM e o que ele se sente atraído por homem, isso é a orientação sexual dele. Identidade de gênero e orientação sexual são coisas distintas, compreende?

**Juliana Felício Ferreira** - @Nat Nat ahhh sim ele nasceu mulher .... mas fez a transformaação virou homem.... e namora homem. Entendi... obrigada por explicar !

**Nat Nat** - Exato, por nada. Sempre bom ajudar nas dúvidas.

No vídeo **V078 – “HOMEM TRANS: Fotos ANTES DA TRANSIÇÃO de gênero”**, identificamos mais interações do produtor. Acreditamos que isso se deve ao fato de ser um vídeo mais descontraído em relação às outras temáticas tratadas.

**Gael Figueiredo** - Que vídeo foi esse cara!! Você é MUITO CORAJOSO em compartilhar essas fotos com o público. Eu ainda não cheguei nesse momento. Sinto muita vergonha de fotos antigas. No Facebook eu ocultei todas que pude.

**Lucca Najjar** - Tudo tem seu momento e sua hora e não se preocupe se você não quiser mostrar suas fotos também. O importante é a gente ser feliz man. Sucesso na sua transição!

No vídeo **V120 “HOMEM TRANS pai de duas FILHAS BIOLÓGICAS”**, o produtor interagiu a fim de esclarecer um comentário de “ódio” (*haters*).

**Lilian Reis** - Desculpe Lucca, mas, acho essa história uma aberração. Fico aqui pensando como fica a cabeça dessas crianças/adolescentes....

**Lucca Najjar** - Lilian, no vídeo mesmo ele mostra que as filhas apoiaram e o incentivou inclusive, elas o respeitam. Eu recebi um áudio dele, a filha dele toda orgulhosa pelo vídeo e eu acredito que ela ficaria bem mais triste lendo uma suposição dessas que ver a felicidade do pai que ela ama! Repense suas palavras, elas podem magoar as pessoas.

Ao analisarmos os conteúdos dos comentários e as formas de interação que ocorrem no canal podemos concluir que a produção da informação ocorre não só em relação ao produtor, mas também em relação aos comentários gerados pelos espectadores. Compreendemos, ainda, que o assunto do vídeo é refletido nos comentários e muitas vezes até complementado – evidenciando a ocorrência da apropriação da informação conforme corroborado por Batista (2014,2018) e Martinez-Ávila et al (2020).

Ao analisarmos os comentários e as dinâmicas de interação que ocorrem no canal foi possível perceber que a produção da informação ocorre não apenas pela mobilização do produtor, a partir de seus relatos pessoais ou em colaboração com outros convidados – momento no qual Lucca Najjar ocupa a posição de mediador –, mas também por meio das interações e comentários gerados pelos espectadores. É, pois, nessa prática relacional que a ocorrência da apropriação da informação pode, conforme salientado por Martinez-Ávila et al (2020), ser evidenciada.

Dessa forma, se nosso objetivo principal era apreender as dinâmicas de produção e apropriação de informações no canal do youtuber Lucca Najjar com vistas

a analisar como elas contribuem para a visibilidade das pessoas trans, apreendemos que Lucca Najar aborda em seu canal uma variedade de assuntos, compartilhando experiências e informações que claramente ressoam com as demandas e interesses de seus seguidores. Em paralelo a isso, quando esses seguidores replicam seus vídeos, discutem suas postagens, respondem a comentários e agenciam novas demandas para o debate coletivo, tanto o canal quanto esses agentes contribuem para a promoção da visibilidade das pessoas trans e de suas necessidades e reivindicações, inclusive as informacionais.

Ainda que essas constatações sirvam de respostas ao problema de pesquisa e aos objetivos que orientam nosso estudo, julgamos pertinente, antes de estabelecer nossas considerações finais, destacar um conjunto de mudanças implementadas por Lucca Najar em seu canal nos últimos dois anos, notadamente no decorrer da pandemia de Covid-19. Fazemos isso para assinalar aos futuros leitores que o novo formato do Canal impacta diretamente em nossas conclusões sobre o protagonismo social do *youtuber* em termos da promoção da visibilidade trans no YouTube.

#### **4. 3 Resignificação do canal trans Lucca Najar**

As mudanças no canal Lucca Najar começaram a ser percebidas já no momento de coleta dos vídeos. Primeiro observamos alterações na periodicidade de publicação, depois no formato dos vídeos, chegando até à criação de novas séries de conteúdos, agora mais centradas em abordar “estilos de vida”: o minimalismo, a moda (looks), as rotinas com a casa e no trabalho. Em face disso, a centralidade antes conferida às temáticas trans paulatinamente foi descontinuada pelo *youtuber*.

Em decorrência desses movimentos, ao retornarmos para assistir os vídeos selecionados em nosso estudo identificamos que muitos deles tiveram seus títulos alterados – é o caso dos vídeos **V059**, **V078**, **V105**, **V112**, **V117**, **V126** e **V130**. Objetivando identificar o nível das alterações e possíveis razões que justificassem essas mudanças, foi realizada uma análise comparativa entre as versões dos títulos e o conteúdo discutido nos respectivos vídeos. Nesse momento foi detectado tanto a

exclusão quanto a adição de termos que remetem ao universo LGBTQIAPN+, conforme apresentado no quadro abaixo:

**Quadro 5 - Mudança de título dos vídeos publicados**

ID	Título Anterior	Título Atual	Termos retirados	Termos acrescentados
V059	CIRURGIA HOMEM TRANS – FTM	VLOG: MINHA CIRURGIA	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Homem Trans</li> <li>• FTM</li> </ul>	
V078	HOMEM TRANS: Fotos ANTES DA TRANSIÇÃO de gênero	FOTOS ANTES DA TRANSIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Homem Trans</li> <li>• Gênero</li> </ul>	
V105	  <sup>67</sup> UM BAR TODO LGBT EM SÃO PAULO!!!	VLOG: MUSEU E HAMBUGUERIA EM SP	<ul style="list-style-type: none"> <li>• LGBT</li> <li>• Ilustrações</li> </ul>	
V112	O QUE MUDOU depois de 3 anos?	3 ANOS EM TRANSIÇÃO		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transição</li> </ul>
V117	VLOG: barba, cabelo e bigode  <sup>68</sup> + plantinhas para casa	VLOG: COMPRANDO PLANTAS PARA CASA NOVA  <sup>69</sup>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Barba</li> <li>• Cabelo</li> <li>• Bigode</li> <li>• Ilustrações</li> </ul>	
V126	HOMEM TRANS NA ACADEMIA   Lucca Najari e Ariel Bonfant #LuccaCast08	ACADEMIA é um lugar opressor.   Lucca Najari e Ariel Bonfant #LuccaCast08	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Homem Trans</li> </ul>	
V130	Minha sexualidade   Lucca Najari e @O Poder da Gravata por Larissa Vaiano #Luccacast 10	Minha sexualidade   Lucca Najari e Larissa Vaiano #Luccacast 10	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indicação do canal do YouTube da entrevistada</li> </ul>	

**Fonte:** Elaborado pela autora

Comparando os títulos originais com os termos que foram retirados inferimos que as alterações feitas podem ter a intenção de dificultar a recuperação dos vídeos usando linguagem natural. Ademais, devemos destacar a supressão do termo

<sup>67</sup> Emoji da bandeira LGBT e emoji de cerveja.

<sup>68</sup> Emoji de arco-íris.

<sup>69</sup> Emoji de ramo de planta.

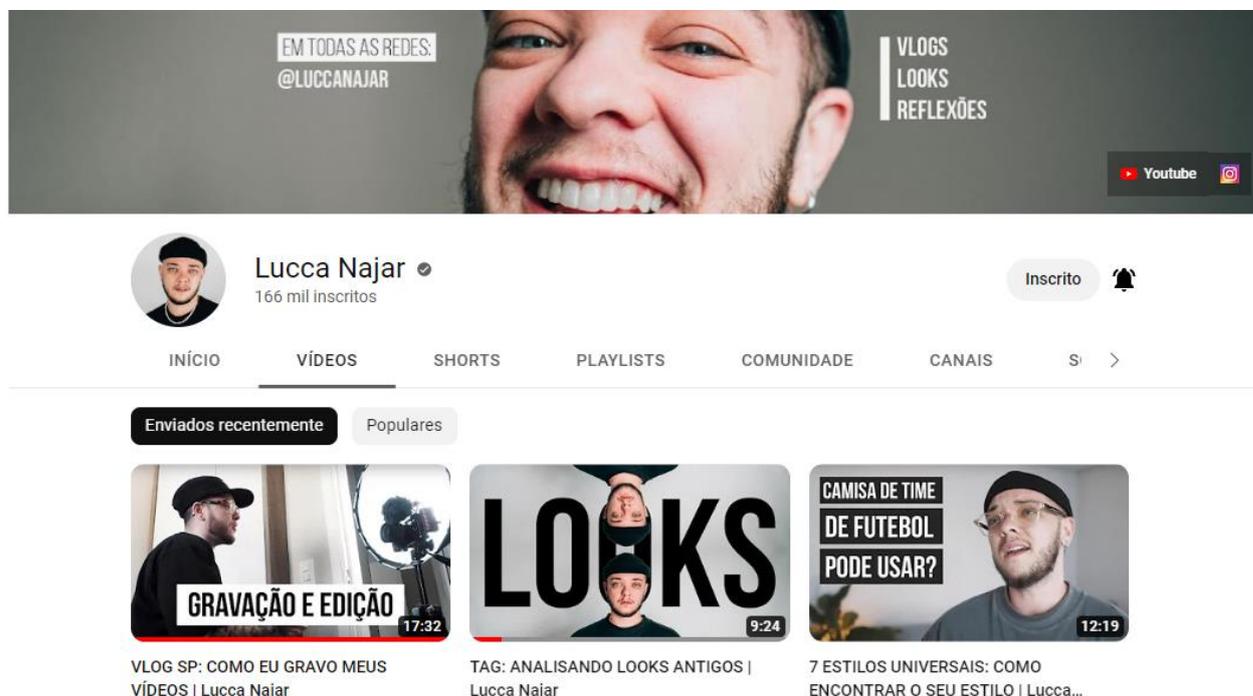
“Homem trans” em todos os títulos modificados. Para tentar explicar isso recorreremos a Duque (2016), pesquisador que já havia apontado que a partir do momento em que alcançam a passabilidade – ser socialmente reconhecido como uma pessoa cis masculina – muitos homens trans tendem a não mais evocar a todo tempo sua própria transição. Outro fator que pode ter contribuído para isso diz respeito à venda da imagem do “homem Lucca Najar” para o mercado de consumo de bens e serviços como representante de algumas marcas. Nesse sentido, ao buscar por produtos com o termo “homem”, um usuário do YouTube poderia não estabelecer uma diferenciação a partir da transexualidade daquele que anuncia o comercial.

Além de redefinir os títulos, foi detectado que os vídeos tratando abertamente temáticas relacionadas às transexualidades começaram a ficar indisponíveis no canal. Dois deles constavam em nossa amostra final: **V004 – “Como contei que SOU TRANS PARA MINHA FAMÍLIA”** e **V009 – “HOMEM TRANS MENSTRUA? - Lucca Responde #1”**, ambos categorizados como os mais comentados do canal, fator que inviabilizou a recuperação dos comentários gerados a partir deles.

Transpondo o campo das interpretações, no dia 10 de março de 2022 Lucca Najar publicou um vídeo esclarecendo as razões de tantas mudanças. Olhando fixamente para a câmera o *youtuber* confessou seu desejo de não mais falar sobre sua transição de gênero. Na descrição desse mesmo vídeo demarcou a reestruturação do Canal pontuando que:

Recebo muitas mensagens me perguntando **"Lucca você não vai mais fazer vídeos sobre sua transição de gênero?"**. E a resposta é que eu já não falo mais sobre isso a um bom tempo, falei bastante nas outras redes sociais, mas acabei não vindo falar diretamente aqui no youtube com vocês. Quando eu criei esse canal eu me propus a falar sobre mim e minhas experiências e lá atrás o tema principal da minha vida era minha transição, mas aos poucos isso foi mudando, hoje sinto vontade de me comunicar sobre outros temas com vocês e por isso vim aqui encerrar esse ciclo focado apenas em minha transição. Se você acredita que esse canal focado em outros temas não faz sentido para você está tudo bem. Mas para quem fica e quem chega pode esperar muitos vídeos incríveis toda quinta-feira às 18h30. Obrigado por assistir. (NAJAR, 2022 – negrito nosso).

**Figura 10** - Print da página canal Lucca Najar em 2023



**Fonte:** Canal Lucca Najar- YouTube (2023)

Dessa forma, se nosso objetivo principal era apreender as dinâmicas de produção, mediação e apropriação das informações no canal do *youtuber* Lucca Najar com vistas a analisar como elas contribuem para a visibilidade das pessoas trans, o percurso teórico-metodológico estabelecido nos autoriza a endossar que Lucca Najar aborda em seu canal uma variedade de assuntos, compartilhando experiências e informações que claramente ressoam em seus seguidores. Em paralelo a isso, quando esses seguidores replicam seus vídeos, discutem suas postagens, respondem a comentários e agenciam novas demandas para o debate coletivo, tanto o canal quanto esses agentes contribuem para a promoção da visibilidade das pessoas trans e de suas demandas, inclusive as informacionais.

É certo que atualmente isso não se efetiva como no momento em que começamos nossa pesquisa, uma vez que ao longo da pandemia o *youtuber* decidiu por redirecionar o foco de seus vídeos, inclusive apagando e redefinindo o conteúdo anteriormente produzido. Mesmo com esse novo cenário julgamos ser correto afirmar que de 2016 a 2021 Lucca Najar emergiu como uma potente voz que reclamou espaço, visibilidade e respeito para as pessoas trans e que, ao fazer isso, produziu, disseminou

e promoveu a mediação de informações “qualificadas” e direcionadas a esse segmento populacional. Tecemos algumas reflexões adicionais acerca disso nas considerações que se seguem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Enfim, entendi o valor da visibilidade: a gente escondida não muda nem transforma nada, não abre caminho para ninguém<sup>70</sup>.*

---

<sup>70</sup> NERY, 2019.

Por admirar a coragem de Lucca Najar em compartilhar publicamente sua jornada de transição de gênero em um canal no YouTube e por acreditar que o regime de visibilidade instaurado por experiências como essa desempenha um papel crucial na luta contra o estigma enfrentado pela população trans no Brasil, uma vez que torna mais acessível conhecimentos e informações relacionadas à saúde, bem-estar, direitos e segurança para a comunidade trans, nossa pesquisa buscou compreender as dinâmicas de produção, mediação e apropriação de informações e o impacto dos vídeos disponibilizados no Canal Lucca Najar em seus espectadores. Para tanto, foram analisadas um conjunto de métricas (visualizações, curtidas e comentários) que pudessem evidenciar se e como ocorrem os processos de mediação, apropriação e resignificação da experiência de transição de gênero para além dos relatos individuais do *youtuber*.

Foi caminhando nessa direção que estabelecemos como objetivo geral responder ao seguinte problema de pesquisa: em que medida as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação agenciadas pelo canal do *youtuber* Lucca Najar contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans? Olhando em retrospecto, acreditamos que tanto em suas dimensões teóricas quanto analíticas essa questão foi respondida, uma vez que conseguimos demonstrar que os conteúdos publicados no canal, ao serem visualizados, curtidos, comentados e compartilhados em outras redes sociais por públicos marcadamente diversos, agenciam, modulam sentidos específicos, fazem ressoar demandas e reverberam experiências de vida e de luta responsáveis por amplificar a voz e, por que não, a visibilidade da comunidade trans, em especial dos sujeitos que se autoidentificam e querem ser reconhecidos como homens trans.

Da mesma forma, considera-se que o primeiro objetivo específico: discutir o conceito de gênero, abordando-o a partir da teoria da *performatividade* de Judith Butler (2016b) e tencionando-o por meio da problematização de questões relacionadas às pessoas trans foi concretizado. Isso porque, em sua dimensão teórica, a pesquisa trabalhou com o conceito de gênero problematizando-o a partir da teoria da performatividade, o que tornou possível ressaltar as diversas nuances desse conceito, atentando para sua fluidez e desvinculando-o do binarismo – feminino X masculino – que por longa data o circunscreveu como uma categoria restritiva. Assim,

sob a ótica das performances de gênero, pudemos nos aproximar dos principais marcadores de sentido que as transmasculinidades dão a ver, tanto em sua dimensão social quanto dos significados singulares que a jornada de transição de cada pessoa pode fazer emergir, seja em termos de sua corporeidade ou modo de subjetivação.

Quanto ao segundo objetivo: identificar as possibilidades de interação, as dinâmicas informacionais e os regimes de visibilidade instaurados no e pelo YouTube, foi possível observar que a plataforma viabiliza interações de diversas formas: curtidas (*likes*), comentários, compartilhamentos e produções de novos vídeos. Em seu conjunto, essas interações são capazes de potencializar – inclusive em função da mediação algorítmica – o “acesso” a certos assuntos pouco tratados nos meios de comunicação tradicionais (televisão, rádio, jornais e revistas de grande circulação) e, também, a troca de informações entre espectadores situados em realidades multivariadas. Isso certamente faz do YouTube um canal de produção, mediação e disseminação de informações, dando visibilidade a pessoas e conteúdos por vezes de forma viral.

Em contrapartida, como em todas as outras mídias digitais, as diretrizes do YouTube para divulgação de informações estão atreladas aos algoritmos, os quais se baseiam em métricas de engajamento. Dessa forma, para se tornar “visível” (ser apresentado como sugestão para vários usuários), um canal precisa alcançar certa quantidade de visualizações, curtidas e compartilhamentos, em face disso, muitos *youtubers* – inclusive Lucca Najjar – recorrem a estratégias como: criar títulos impactantes, estabelecer descrições objetivas para seus conteúdos, divulgar suas publicações em outras redes ou mesmo “mudar de rota” na forma de tratar certas temáticas ou incorporar novos conteúdos prevendo maior engajamento e monetização de suas redes.

Por conseguinte, julgamos pertinente salientar que mesmo a plataforma proporcionando todas essas possibilidades de potencializar discussões socialmente relevantes, inclusive aquelas relacionadas às temáticas trans, os canais identificados por nós como os mais visualizados e de maior repercussão em outras redes são de *youtubers* brancos, muitos deles já tendo alcançado certa passabilidade ou “adequação” ao padrão de homem cis que a sociedade considera como “masculino”. Nessa mirada, entendemos que estudos mais abrangentes para confirmar ou negar

essa observação devam ser feitos, o que poderá comprovar e problematizar como o regime de visibilidade verificado no dia a dia também se reverbera nas redes sociais, promovendo e endossando, em uma lógica perversa de classificação social, a “gestão do que é visível e aceitável” (MISKOLCI, 2014).

O terceiro objetivo específico: caracterizar como se dá o processo de produção, mediação e apropriação da informação no canal Lucca Najar também foi atingido ao sistematizarmos e discutirmos as estratégias de criação, mediação e disseminação de conteúdos acionadas pelo *youtuber*. Fazer isso nos permitiu constatar que a produção da informação ocorre de forma mútua entre aquele que publica o vídeo e aqueles que acessam o canal, uma vez que os espectadores, ao complementarem uma fala do produtor ou responderem a perguntas relacionadas às temáticas do vídeo, também se colocam na posição de produtores de informações.

Quanto à mediação da informação, entendemos que ela se estabelece quando os espectadores assistem aos vídeos e interagem com o conteúdo produzido, escrevendo comentários, curtindo o vídeo, compartilhando-o em suas outras redes sociais e sugerindo novas temáticas para o *youtuber*. Além disso, o próprio produtor se coloca como mediador da informação, sobretudo nos vídeos em formato de entrevistas como é o caso da série de vídeos intitulada “#LuccaCast”, na qual Lucca Najar convida pessoas para falarem das suas vivências relacionadas ao universo trans. Além disso, verificamos a mediação ocorrendo, ainda, por meio do próprio algoritmo do YouTube a partir do momento em que outros vídeos relacionados às temáticas LGBTQIANP+ são sugeridos àqueles que acessam a plataforma.

Quanto à apropriação da informação, constatamos que quando os espectadores assistem aos vídeos e fazem comentários a fim de complementar e discutir certos conteúdos ou para expressar opiniões e agradecer pela forma como uma questão específica foi apresentada e tratada pelo *youtuber*, mais que destacar a performance de Lucca Najar e enaltecer seus atributos de “influenciador digital”, essas dinâmicas interacionais refletem o modo como os conteúdos em questão reverberam na própria audiência impactando em suas realidades individuais ou chamando a atenção para demandas e situações que carecem ser debatidos na esfera pública. Além disso, cabe destacar que a maioria dos comentários analisados no canal Lucca Najar referendam a coragem do *youtuber* de compartilhar o seu processo de transição

e trazer temáticas de extrema importância para a comunidade trans, o que acentua essa dimensão de uma carência informacional que ainda é comum na realidade cotidiana das pessoas e da comunidade trans.

Naquilo que é específico do quarto objetivo: analisar em que medida as dinâmicas acima identificadas contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans, recorreremos às formulações de Henriette Ferreira Gomes (2017), autora que propõe que a informação deve ser pensada e tratada como conhecimento em estado de compartilhamento, razão pela qual conjuga em torno de si uma dupla potência: subsidia as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação ao mesmo tempo em que estimula o debate e a construção de um espaço crítico no qual o conhecimento pode ser ressignificado e socializado, para acentuarmos que se os meios tradicionais de produção e disseminação de informações têm promovido uma invisibilização de conhecimentos demandados por certos grupos e sujeitos sociais, é legítimo que cada vez mais blogs, perfis no Instagram, comunidades no Facebook e canais no YouTube se dediquem a suprir essa lacuna e invistam em produzir e a disseminar informações “confiáveis” para públicos específicos.

Com isso, partindo de experiências pessoais ou da problematização de acontecimentos cotidianos, essas plataformas virtuais têm se consolidado cada vez mais como espaços promotores da visibilização e da deliberação pública de certos conhecimentos, assuntos e/ou situações particulares. Este é o caso das pessoas trans, que ainda hoje encontram dificuldades para se informar sobre tratamentos hormonais, cirurgias de redesignação sexual, como se inserir no mercado de trabalho ou onde procurar ajuda jurídica em casos de transfobia.

Este foi, por bom tempo, o mote central do canal mantido pelo *youtuber* trans Lucca Najar. Criado em 2016, ele atraiu muitos espectadores tanto em função do modo como tratava seus processos e etapas de transição, quanto pelo agenciamento de temas pouco explorados e tensionados em outros contextos. A isso devemos somar o fato de seus espectadores reconhecerem nele uma referência como “influenciador digital”. Mas o que isso tem a ver com a ampliação da visibilidade de outras pessoas trans?

Nossa pesquisa demonstrou que ao deslocar para a esfera pública o debate sobre as múltiplas questões que circunscrevem a transexualidade e que marcam a

vida das pessoas trans, Lucca Najar conseguiu suscitar a partir de seu canal novas dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação, bem como colocar em interação sujeitos que compartilhavam dos mesmos medos, desejos e experiências de vida, criando, assim, vínculos de afeto, respeito, solidariedade e reconhecimento. É claro que essa realidade não se institui/instituía sempre de forma positiva, uma vez que o preconceito e o conservadorismo em relação a esse debate ainda se faz muito evidente em nossa sociedade. Contudo, ao assinalar que seu canal era de tod@s e que tod@s podem/podiam caminhar junt@s, Lucca Najar empoderou muitas pessoas que não tinham voz e, por consequência, não apareciam para o mundo, afinal, como ele mesmo frisava “quando a gente empodera pessoas como nós, já estamos fazendo o mundo um pouco mais habitável”. (NAJAR, 2018).

Dito isso, e respondendo ao nosso problema de pesquisa: em que medida as dinâmicas de produção, mediação e apropriação da informação agenciadas pelo canal do *youtuber* Lucca Najar contribuem para fomentar discussões voltadas à visibilidade trans?, podemos concluir que o canal Lucca Najar foi sim, até sua reconfiguração no final do ano de 2021, um espaço onde era possível observarmos, eminentemente a partir das dinâmicas informacionais ali identificadas, a potencialização de diálogos e interações que contribuíam para a visibilidade das pessoas trans em geral e dos homens trans em específico. Haja vista que, ao compartilhar sua trajetória de transição de gênero, Lucca Najar ampliou as possibilidades de muitos outros homens e mulheres trans se verem como sujeitos de direitos que podem ser vistos e falarem sobre si, suas lutas e desejos.

Contudo, na atual configuração do canal essas considerações podem ser postas em xeque, dado que o *youtuber* não mais prioriza o debate sobre sua própria transmasculinidade. Findado o processo de transição, como em um ato de virar a página, Lucca Najar optou por falar prioritariamente de seu “dia a dia, sobre moda e reflexões” buscando “fazer novos amigos e publis criativas” (NAJAR, 2023). Não negligenciamos a legitimidade desse movimento, mas questionamos algumas estratégias associadas a ele, como: alterar a descrição do canal, renomear títulos dos vídeos para dificultar sua associação como homem trans e apagar vídeos focados em sua transição.

Questionamento que tem como pano de fundo a identificação de certa negligência em Lucca Najar acerca do *status* que seu canal alcançou como instância de agenciamento e deliberação de e sobre um conjunto de temáticas trans. Negligência que, ao nosso olhar, está diretamente relacionada ao alcance da passabilidade almejada pelo *youtuber*. Chamamos atenção para esse ponto por entendermos que o conjunto das ações acima contestadas acabam por realocar Lucca Najar e seu canal no cerne de “um *modus operandi* social de (re) produção da cisheteronormatividade, como norma simbólica e política de gênero e sexualidade, hegemônicas na sociedade”. (DEMÉTRIO, 2018, p. 10 *apud* DUQUE, 2019, p. 120). Normas que de 2016 a 2021 foram o principal ponto de embate do canal e o vetor que popularizou Lucca Najar como uma voz expressiva e representativa das pessoas e da própria comunidade trans.

Em função disso, finalizamos nossa dissertação indicando a necessidade de se efetuar pesquisas com outros canais de homens trans que levem em consideração questões relacionadas à passibilidade desses *youtubers*, dado que, em face dos regimes de visibilidade atualmente instituídos, os canais com maiores índices de visualizações e interações são mantidos por pessoas brancas, de classe média e com aparência próxima ao “normalizado” pela sociedade. Em contrapartida, e isso é mais um dado que nossa pesquisa revela, poucos estudos são feitos em canais de *youtubers* trans negros, gordos ou que não desejam passar por cirurgias de redesignação de gênero. Indicativo de que mesmo para a academia esses corpos e sujeitos continuam invisíveis e sendo normalizados como corpos que não importam.

Pesquisas centradas nesses sujeitos na esfera da Ciência da Informação poderiam suscitar não apenas uma série de tensionamentos e desafios, como abrir um leque de novas questões atinentes às práticas de produção, disseminação, mediação e apropriação da informação por públicos mais diversificados. Isso resultaria, por sua vez, na inclusão de uma multiplicidade de vozes em torno da construção do conhecimento no âmbito da área. O que implica dizer que esse movimento contribuiria consideravelmente para construir uma Ciência da Informação mais inclusiva, sensível às complexidades das questões de gênero e apta a atender às demandas de uma sociedade marcada pela diversidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119300>. Acesso em: 25 jun. 2022.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS, Camila Araújo dos. Mediação, Informação, competência em informação e criticidade. *In*: FARIAS, Gabriela Belmont de; FARIAS, Maria Giovanna Guedes (org.). **Competência de mediação da informação: percepções dialógicas entre ambientes abertos e científicos**. São Paulo: Abecin, 2019. p. 96 - 112.

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 513-523, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200012>. Acesso em: 09/10/2022.

AMARAL FILHO, Lúcio Siqueira. **Do player à interface: escavações publicitárias no youtube em busca da relação entre os meios**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/5273>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de. A mediação da informação e os videoclipes com mensagem social no youtube: visibilidade, engajamento e conversão. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVIII ENANCIB, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/105414>. Acesso em: 07 set. 2021.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Homens Trans. *In*: **Fundada a Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT)**. [S. l.], 2012. Disponível em: <http://homenstrans.blogspot.com/2012/07/fundada-associacao-brasileira-de-homens.html>. Acesso em: 10 jul. 2022.

ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades: a emergência de novas identidades políticas e sociais**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014. 266 p.

BASTOS, Rafaella Bianca. **Direito à alteração de prenome e retificação de gênero no registro civil pelas pessoas transgênero**. 2019. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/10795>. Acesso em: 13 dez. 2022.

BATISTA, Carmem Lúcia. **Mediação e apropriação da informação pública: a educação fiscal**. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade

de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI 10.11606/T.27.2015.tde-18052015-160609. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-18052015-160609/es.php>. Acesso em: 5 dez. 2022.

BATISTA, Carmem Lúcia. Os conceitos de apropriação: contribuições à Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 210-234, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/74317/47702>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BENTO, Berenice. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 3, n. 04, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2298>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOFF, Leonardo. O gênero na crise da cultura dominante e na emergência de um novo paradigma civilizacional. *In*: BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e Masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BONOTO, Carolina. “Aqui tem gente como eu”: subjetividade Lgbt em trajetórias midiáticas. **TROPOS: Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4605>. Acesso em: 9 jan. 2023.

BORGES, Ellen Valotta Elias. ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Apropriação: um pilar central da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, e-119843, out./dez. 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/119843>. Acesso em: 05 de out. 2022.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 141 p.

BRASIL. Decreto nº 8727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre documentos e procedimentos para despacho de aeronave em serviço internacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2016. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2016/decreto-8727-28-abril-2016-782951-publicacaooriginal-150197-pe.html>. Acesso em: 5 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 1707/GM, de 18 de agosto 2008. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2008. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707\\_18\\_08\\_2008.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html). Acesso em: 5 mar. 2023.

BRAZ, Camilo. “Eu já tenho nome”: itinerários de homens trans em busca de respeito. **Habitus**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 162 -176, 2018. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/6367>. Acesso em: 19 abr. 2022.

BRAZ, Camilo. Transmasculinidades na mídia brasileira contemporânea: (in)visibilidades, resistências e ambivalências. *In*: **43º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 43. 2019, Caxambu. Anais eletrônicos... Caxambu: ANPOCS, 2019. p. 1-18. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/43-encontro-anual-da-anpocs/st-11/st38-1>. Acesso em: 19. jul. 2021.

BRAZ, Camilo. **Transmasculinidades, temporalidades**: antropologia do tempo, da espera e do acesso à saúde a partir de narrativas de homens trans. Trabalho apresentado no XI Seminário Internacional Fazendo Gênero e 13º Mundos de Mulheres. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: [http://www.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499433889\\_ARQUIVO\\_Braz,Camilo-TRANSMASCULINIDADES,TEMPORALIDADES.pdf](http://www.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499433889_ARQUIVO_Braz,Camilo-TRANSMASCULINIDADES,TEMPORALIDADES.pdf). Acesso em: 19 jul. 2021.

BRAZ, Camilo, SOUZA, Érica Renata de. Transmasculinidades, transformações corporais e saúde: algumas reflexões antropológicas. *In*: CAETANO, Marcio.; SILVA Junior, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra macho**: masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro, Lamparina, 2018, p.28- 42.

BRUNELLI, Priscila Barbosa.; AMARAL, Shirlena Campos de Souza.; SILVA, Pauline Aparecida Ildelfonso Ferreira da. Autoestima alimentada por “likes”: uma análise sobre a influência da indústria cultural na busca pela beleza e o protagonismo da imagem nas redes sociais. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xi\\_sinefil/completos/autoestima\\_PRISCILA.pdf](http://www.filologia.org.br/xi_sinefil/completos/autoestima_PRISCILA.pdf). Acesso em: 20 set. 2021.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009. 234 p.

BUTLER, Judith. Corpos que ainda importam. *In*: COLLING, Leandro (org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 19-42.

BUTLER, Judith. Corpos que importam. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v.6, n. 11, p. 12-16, 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740575/mod\\_resource/content/2/BUTLER.%20Judith.%20Bodies%20that%20matter\\_introdu%C3%A7%C3%A3o%20em%20port.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1740575/mod_resource/content/2/BUTLER.%20Judith.%20Bodies%20that%20matter_introdu%C3%A7%C3%A3o%20em%20port.pdf). Acesso em: 10 out. 2021.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016a. p. 151-172.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016b. 288 p.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 200 p.

CAMPOS, Marcella; MORESCHI, Samuel. O YouTube como plataforma de conexão em tempos de isolamento. **Think With Google**, 10 ago. de 2022. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/o-youtube-como-plataforma-de-conexao-em-tempos-de-isolamento/> Acesso em: 10 ago. 2022.

CARVALHO, Mário. “Travesti’, ‘mulher transexual’, ‘homem trans’ e ‘não binário’: Interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas”. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 52, p. 185-211, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/MyFKg4jJ4dBr6Zzfpb7vL9Q/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2021.

CORRÊA, Sônia. O percurso global dos direitos sexuais: entre “margens” e “centros”. **Bagoas**, Natal, n. 04, p. 17-42, 2009. Disponível em: [https://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art01\\_correa.pdf](https://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art01_correa.pdf). Acesso em: 05 maio 2021.

DOMINGUES, Naíse. Precisamos falar sobre a saúde e o afeto dos homens trans. **O Globo**, 01 abr. 2019. Celina. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/precisamos-falar-sobre-saude-o-afeto-dos-homens-trans-23541033>. Acesso em: 16 maio 2021.

DUQUE, Tiago. “Com esse eu caso”: homens trans, beleza e reconhecimento. In: COLLING, Leandro (org.). Dissidências sexuais e de gênero. Salvador: **EDUFBA**, 2016. p. 193-216.

DUQUE, Tiago. Regimes de visibilidade/conhecimento nas experiências da “(des)montagem” e do “(não) passar” por homem e/ou mulher. **Aceno**: revista de antropologia do Centro-Oeste, 6 (12): 113-126, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/aceno/article/view/9812>. Acesso em: 14 de junho de 2023.

FACHIN, Juliana. Mediação da informação na sociedade do conhecimento. **BIBLOS**: revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 27, n. 1, p. 25-42, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/23629>. Acesso em: 25 jun. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2019

FERREIRA, Matheus Yago Gomes. Relatos de vida audiovisuais de jovens trans no Youtube: contribuições e desafios. In: Encontro Regional Sudeste de História Oral: alteridades em tempos de (in)certezas – escutas sensíveis, 12., 2017, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2017. p. 1-11. Disponível em:

[http://www.sudeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1508113822\\_ARQUIVO\\_ApresentacaoMatheusYago.pdf](http://www.sudeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1508113822_ARQUIVO_ApresentacaoMatheusYago.pdf). Acesso em: 06 maio 2023.

FONSECA, Gregório de Almeida. **A “vacina” nas plataformas:** (des)informação científica no YouTube antes e durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. 2022. 230 f., Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45733?mode=full>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FREITAS, Rafaela Vasconcelos. **Homens com T maiúsculo:** processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades. 2014. 123 f., enc. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AUGHLX>. Acesso em: 22 fev. 2021.

GIL, Antônio Carlos . **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Revista Parágrafo**, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/722>. Acesso em: 25 junho 2022.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira (org.). **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 27 - 43.

GONÇALVES, Caceres, m.; peres gonçalves, j. gênero, identidade de gênero e orientação sexual: conceitos e determinações de um contexto social. **Revista Ciências Humanas**, [s. l.], v. 14, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/600>. Acesso em: 15 maio 2021.

GROSSI, Miriam. Pillar. Identidade de Gênero e sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p.1-18, 1998. Disponível em: Identidade de Gênero e sexualidade. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis. Acesso em: 1 jan. 2022.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TRANSMASCULINIDADE. IBRAT, 2013. Disponível em: <http://institutoibrat.blogspot.com/?view=sidebar>. Acesso em: 19 abr. 2021.

LEITE, Rafaela Bernadazzi Torrens. **Youtuber:** o produtor de conteúdo do youtube e as relações de produção audiovisual. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Mídia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande

do Norte, Natal, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/27385?mode=full>. Acesso em: 25 jun. 2022.

LEITE, Rafaela Bernadazzi Torrens. Youtubers e as relações com a produção audiovisual. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39.; Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 16., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2016. p. 1-14. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1857-1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

LIMA, Stephanie Caroline Ferreira de. **Identidade de gênero, (in)visibilidade e militância trans nos canais Mandy Candy e Thiessita do youtube**. 2020. 97f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza (CE), 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/50312>. Acesso em: 16 maio 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Inclusão de travestis e transexuais através do nome social e mudança de prenome: diálogos iniciais com Karen Schwach e outras fontes. **Revista Oralidades**, São Paulo, n. 11, p. 89-116, 2012. Disponível em: <http://diversitas.fflch.usp.br/node/3397>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MARQUES, Rodrigo Moreno; MOURA, Maria Aparecida; PAULA, Lorena Tavares de. Apresentação do dossiê O papel dos algoritmos e das plataformas digitais em contextos sociopolíticos. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, e6205, novembro 2022. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6205>. Acesso em: 04 fev. 2023.

MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel *et al.* Disseminação, compartilhamento e apropriação da informação no Youtube: uma análise do canal LGBTQ “PÔE NA RODA”. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 25, p. 1-18, jan./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e67718>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e67718>. Acesso em: 25 ago. 2022.

MELLO, Luiz; PERILO, Marcelo; BRAZ, Camilo Albuquerque de; PEDROSA, Cláudio. Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. **Sexualidad, salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 7-28, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/1440>. Acesso em: 09 mar. 2023.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, 2009. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8863/5105>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MISKOLCI, Richard. **Batalhas morais**: política identitária na esfera pública técnico-midiatizada. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. 110 p.

MISKOLCI, Richard. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas – Estudos gays, gêneros e sexualidades**, Natal, v. 8, n. 11, p. 51-78, 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543>. Acesso em: 24 ago. 2020.

MONTEIRO, Simone; BRIGEIRO, Mauro; BARBOSA, Maria Regina. Saúde e direitos da população trans. **Caderno de Saúde Pública**, n. 35, v. 4, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2019.v35n4/e00047119/pt/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MURATORI, Patricia; MORESCHI, Samuel. Pesquisa inédita mostra o impacto econômico cultural e social do YouTube no Brasil. **Think With Google**, 10 ago. de 2022. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/impacto-economico-cultural-social-youtube-brasil/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

NELSON, Maggie. **Argonautas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 160 p.

NERY, João W. **Velhice transviada**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019. 176 p.

OLEGARIO, Aldrey *et al.*, Economia da Atenção e universo das telas: entenda por que é tão difícil se desconectar. **AUN – Agência universitária de notícias**. 2021. Disponível em: <https://aun.webhostusp.sti.usp.br/index.php/2021/09/02/economia-da-atencao-e-universo-das-telas-entenda-por-que-e-tao-dificil-se-desconectar>. Acesso em: 14 dez. 2023.

OLIVEIRA, Jéssica Karla Arruda de. **Um estudo sobre youtubers na publicidade**. 2015. 70 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda) - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/187131825.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2021.

PELLEGRINI, Dayse Pereira *et al.* Youtube. Uma Nova Fonte de Discursos. **Recensio**, 2010. Disponível em: <http://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento.php3?coddoc=2895>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume-Fapesp, São Paulo, 2009.

PENTEADO, Cândida; MENDONÇA, Alice. A identidade de gênero no jardim de infância – que construção social?. **Universidade da Madeira**, Portugal, 2010.

Disponível em: <https://people.web.uma.pt/alicemendonca/2010.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2022.

PERDIGÃO, Juliana Andrade; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Informação simbólica, representações sociais e identidade: aproximações conceituais. **Em questão**. v. 25, n. 1, 2018, p. 01-24. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/79392/50329>. Acesso em: 11 jun. 2021.

PINHEIRO, Malu. Dia da visibilidade trans: uma linha do tempo da luta e dos direitos de travestis e transsexuais. **O Globo**, 29 jan. 2021. Glamour. Disponível em: <https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/noticia/2021/01/dia-da-visibilidade-trans-uma-linha-do-tempo-da-luta-e-dos-direitos-dos-travestis-e-transexuais.html>. Acesso em: 03 jul. 2021.

PISTICELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. **Diferenças, igualdade**. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2009, pp. 116-148.

PRECIADO, Beatriz. Multitudes queer: notas para una política de los “anormales”. **Multitudes**, n.12, Paris, 2003, p.157-166. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/NOMBRES/article/view/2338/1275>. Acesso em: 8 ago. 2020.

PRINCÍPIOS de Yogyakarta: princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Tradução Jones de Freitas. jul. 2007. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/principios_de_yogyakarta.pdf). Acesso em: 26 out. 2021.

ROCON Pablo Cardozo *et al.* Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. **Interface**, n. 23, Botucatu, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1012458>. Acesso em: 08 abr. 2022.

RODRIGUES, Gabriel de Oliveira. Corpos como objetos abjetos. In: JESUS, Dánie Marcelo *et al.* **Corpos transgressores: políticas de resistência**. Campinas: Pontes, 2018. p. 23-34.

RODRIGUES, Mariana de Oliveira. **Possibilidade de reconhecimento legal do terceiro gênero em Portugal**. 2019. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/89842/1/OliveiraRodrigues\\_2019.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/89842/1/OliveiraRodrigues_2019.pdf). Acesso em: 11 ago. 2021.

ROMEIRO, Nathália Lima; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Apropriação dos estudos de gênero por trabalhos apresentados nos encontros nacionais de pesquisa em pós-graduação em Ciência da Informação/ENANCIBs de 2018-2021. In: **Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação**, n. XXII, 2022. Disponível em:

<https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiienancib/paper/view/1158>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, 2004.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/QVNKzsbHFngG9MbWCFPPCv/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 15 mar. 2021.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUSA, Diogo; IRIART, Jorge. “Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 10, 2018. Disponível em:

<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/560/viver-dignamente-necessidades-e-demandas-de-saude-de-homens-trans-em-salvador-bahia-brasil>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SOUZA, Alex Sandro Rolland *et al.* Aspectos gerais da pandemia de COVID-19.

**Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, n. 21, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/mtyZfSPbdMbxSk8qVhzjfsr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 dez. 2022.

SOUZA, Cristiane Prudenciano de. Travestis e Transexuais no Brasil: Memórias de Luta e Resistência. **Quaderns de Psicologia**, v.25, n. 1, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1599>. Acesso em: 05 out. 2023

TOMÁS, Júlia. A invisibilidade social, uma construção teórica. **Colóquio “Crise das Socializações”**. Braga, PT: Centro de Estudos em Comunicação e Sociedade.

Universidade do Minho, 2012. Disponível em:

<file:///C:/Users/alwer/Downloads/Ainvisibilidadesocialumaconstruoterica2012.pdf>.

Acesso em: 10 set. 2021.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YOUTUBE. **Canal Lucca Najar**. 9 maio de 2023. Disponível em:

<https://www.youtube.com/@LuccaNajar>. Acesso em: 9 out. 2022.

YOUTUBE. **Sobre o YouTube**. 3 jun. de 2022. Disponível em: <https://about.youtube>.

Acesso em: 10 jun. 2022.

YOUTUBE. **Vídeos Recomendados**. 3 jun. de 2022. Disponível em:

[https://www.youtube.com/intl/ALL\\_br/howyoutubeworks/product-features/recommendations/](https://www.youtube.com/intl/ALL_br/howyoutubeworks/product-features/recommendations/). Acesso em: 10 jun. 2022.

SANTIAGO, Diego Yu. **É tudo nosso**: Um relato trans a partir de relatos de pessoas trans no Youtube. 2017. 130 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado Jornalismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25962>. Acesso em: 14 fev. 2023.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores Sociais da Diferença. **Sociologia**: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14-18, 2014. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod\\_resource/content/0/ZAMBONI\\_MarcadoresSociais.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509716/mod_resource/content/0/ZAMBONI_MarcadoresSociais.pdf). Acesso em: 10 maio 2021.

ZILLER, Joana. **Qualidade da informação e produsage**: semiótica, informação e o usuário antropofágico. 2011. 309 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECIC-8J3Q4S/tese\\_joana\\_ziller.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECIC-8J3Q4S/tese_joana_ziller.pdf?sequence=1). Acesso em: 20 nov. 2021.

**APÊNDICE A – Dados estatísticos dos 64 vídeos selecionados**

ID	Título	Classificação	Visualizações	"Gostei"	"N gostei"	Comentários
V003	Como DESCOBRI que eu era um HOMEM TRANS	A	36.545	3,2 MIL	31	157
V004	Como contei que SOU TRANS PARA MINHA FAMÍLIA	C	128.007	8,7 MIL	185	988
V006	Minhas fotos ANTES DA TRANSIÇÃO de gênero - Como eu era?	A	161.794	9,5 MIL	133	desativados
V009	HOMEM TRANS MENSTRUA? - Lucca Responde #1	G	478.091	26 MIL	741	1.317
V012	1 MÊS EM TESTOSTERONA, ROUPAS E NATAL	B	49.548	4,2 MIL	32	271
V014	o que é HOMEM TRANS e MULHER TRANS? Qual a DIFERENÇA? - Lucca Responde #2	G	162.866	5,4 MIL	319	344
V015	SOU MÃE DE UM HOMEM TRANS	C	51.212	5,3 MIL	21	492
V016	COMO ESCONDER OS PEITOS? FAZENDO SEU PRÓPRIO BINDER - FTM	G	159.726	10 MIL	150	368
V018	Transgênero: MUDANÇAS E ANSIEDADE de um homem trans	B	22.610	2,3 MIL	7	197
V019	Homem trans: TARSO BRANT esclarecendo tudo	A	398.067	13 MIL	456	857
V022	Homem trans: VOZ, PÊLOS E BIGODE E UMA DICA MARA (Minoxidil)	G	46.592	3,9 MIL	31	235
V026	10 PERGUNTAS QUE NÃO SE DEVE FAZER A UMA PESSOA TRANS	G	128.363	9,4 MIL	285	734
V031	HOMEM TRANS pode engravidar uma MULHER CIS? - Lucca Responde #5	G	57.559	3,9 MIL	47	180

V032	HOMEM TRANS: Como contar para a família? - Funciona para outras situações também	C	14.779	2 MIL	8	150
V038	HOMEM TRANS: Todo trans odeia seu corpo?	G	14.602	1,8 MIL	15	128
V039	Diferença entre: VISIBILIDADE E REPRESENTATIVIDADE - 🗑️ APARECI NA NOVELA DA GLOBO: A força do querer 🗑️   Lucca Najjar	G	10.604	1,9 MIL	8	141
V056	RESPONDENDO HATERS	G	37.047	4,8 MIL	61	810
V058	CIRURGIA HOMEM TRANS 🗑️ FIZ MINHA MASTECTOMIA 🗑️ LUCCA NAJAR	B	52.221	4,5 MIL	67	424
V059	CIRURGIA HOMEM TRANS – FTM	B	610.553	12 MIL	952	774
V060	CIRURGIA HOMEM TRANS: RETORNO AO MÉDICO - DAILY VLOG FTM	B	19.802	2,1 MIL	22	66
V061	CIRURGIA HOMEM TRANS: COMO FOI MINHA EXPERIÊNCIA	B	21.182	2,3 MIL	24	128
V062	CIRURGIA HOMEM TRANS - TUDO O QUE VOCÊ PRECISA SABER	B	128.347	6,7 MIL	222	278
V063	CIRURGIA HOMEM TRANS - PÓS-OPERATÓRIO	B	24.096	2,2 MIL	21	80
V071	FUI CONFUNDIDO COM UM HOMEM CIS	G	56.606	6 MIL	51	222
V072	TOUR PELO MEU CORPO TRANS (MINHA CIRURGIA)	B	300.572	9,5 MIL	757	505
V073	Tirei os peitos: COMO FOI MINHA PRIMEIRA VEZ SEM CAMISA	B	18.544	2,3 MIL	17	125
V074	HOMEM TRANS QUE ENGRAVIDOU	G	69.703	3,3 MIL	245	263

V076	VIADINHO NÃO, VIADÃO!   Lucca Najar e Bruna Pimenta	G	12.103	1,8 MIL	20	149
V077	TESTANDO MINHA MÃE com GÍRIAS LGBT   Lucca Najar e Eliana Torres	G	9.731	1,4 MIL	15	85
V078	HOMEM TRANS: Fotos ANTES DA TRANSIÇÃO de gênero	A	450.429	20 MIL	1 MIL	1319
V085	COMO FOI CONTAR PARA O MEU PAI QUE SOU UM HOMEM TRANS	C	27.122	3,6 MIL	33	319
V092	TRANSICIONAR, é um verbo   Lucca Najar	A	28.659	4,2 MIL	31	237
V105	☰ 🏳️‍🌈 UM BAR TODO LGBT EM SÃO PAULO!!!	G	9.755	934	15	38
V107	TUDO SOBRE CIRURGIA PARA HOMENS TRANS: MAMOPLASTIA   Lucca Najar e Adriano Brasolin   #LuccaCast01	B	25.920	2,1 MIL	21	101
V109	Advogada SATAPÃO e FEMINISTA - LGBT   Lucca Najar e Marina Ganzarolli #LuccaCast02	F	3.470	452	5	50
V111	MUDE SUA IDENTIDADE DE GRAÇA   Lucca Najar e Marina Ganzarolli #LuccaCast03	F	7.027	761	2	41
V112	O QUE MUDOU depois de 3 anos?	B	6.526	1 MIL	4	83
V113	Ginecologista pra HOMEM TRANS (e LGBTs)   Lucca Najar e Marcela Mc Gowan   #LuccaCast04	F	220.243	13 MIL	129	421
V115	HOMEM TRANS NA INTERNET, HATERS e AUTOESTIMA   Lucca Najar e Jonas Maria   #LuccaCast05	G	21.840	2,2 MIL	9	86
V116	UM DIA DIFERENTE	G	9.162	829	22	67

V117	VLOG: barba, cabelo e bigode 🍷 + plantinhas para casa	G	5.077	677	3	82
V118	VOLTEI A MENSTRUAR I Lucca Najjar #luccaresponde	B	43.046	2,1 MIL	63	194
V120	HOMEM TRANS pai de duas FILHAS BIOLÓGICAS I Lucca Najjar e William Oliveira I #LuccaCast06	G	459.434	22 MIL	1 MIL	1629
V122	5 COISAS que eu PAREI DE USAR depois da transição de gênero	B	17.593	2,1 MIL	12	55
V123	POR QUE AS PESSOAS TRANS TÊM MEDO DE TRANSICIONAR? I Lucca Najjar e Leticia Maciel #LuccaCast07	G	9.430	1 MIL	8	49
V124	USEI MINOXIDIL (kirkland) POR 30 DIAS: FUNCIONA?	B	75.338	2 MIL	318	251
V125	NEM TUDO VAI DAR CERTO - sobre a minha cirurgia	B	64.934	4 MIL	100	167
V126	HOMEM TRANS NA ACADEMIA I Lucca Najjar e Ariel Bonfant #LuccaCast08	G	4.227	447	3	20
V128	Como DESCOBRI que MEU FILHO é HOMEM TRANS? I Lucca Najjar e Rita De Cássia #LuccaCast09	C	45.243	3,5 MIL	32	251
V130	Minha sexualidade I Lucca Najjar e @O Poder da Gravata por Larissa Vaiano #Luccacast 10	A	5.218	603	4	33
V131	RELAÇÃO COM O CORPO	B	9.272	1 MIL	13	56
V132	TRANSCENDER: a jornada de um HOMEM TRANS	A	11.261	1,6 MIL	23	116
V133	HOMEM TRANS: como INICIAR sua transição	G	9.713	1,3 MIL	10	94

V135	ANTES E DEPOIS da hormonização com FOTOS: HOMEM TRANS	A	44.921	3,4 MIL	81	121
V141	qual é melhor: MINOXIDIL KIRKLAND x MINOXIDIL PANT?	G	57.009	2,7 MIL	71	359
V142	HOMEM TRANS QUE É GAY   Lucca Najjar e Paulo Vaz (popo vaz) #LuccaCast11	C	333.782	18 MIL	524	1496
V143	como EU DESCOBRI que sou HOMEM TRANS	A	61.717	6,3 MIL	103	515
V144	TRANSMASCULINO NÃO BINÁRIO: diferenças entre homem trans e transmasculino   Lucca Najjar e Lune	G	137.888	10 MIL	186	559
V145	COMO FAZER A BARBA para homens trans	G	13.995	1,4 MIL	23	143
V146	NAMORADA DE HOMEM TRANS: ainda sou lésbica? Gosto da barba dele?   Lucca Najjar e Bruna Pimenta	G	233.032	17 MIL	282	779
V148	ELE É PAI DE UMA CRIANÇA TRANS DE 11 ANOS   Lucca Najjar #Luccacast13	G	1.372.220	123 MIL	15 MIL	desativados
V149	DICAS DE COMO parecer mais ALTO, disfarçar o QUADRIL e os SEIOS   Lucca Najjar	G	21.237	3 MIL	33	158
V150	CONTEI PARA MINHA MÃE QUE SOU HOMEM TRANS   Lucca Najjar e Eliana Torres	C	30.526	4 MIL	39	532
V152	COMO É SE HORMONIZAR (FTM) NO SUS   Lucca Najjar e Tryanda (homem trans br) #Luccacast14	B	26.495	2,2 MIL	30	200